



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – (UFPI)
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – (PRPG)
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – (CCHL)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – (PPGEL)

CLEIDE SILVA DE OLIVEIRA

**CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES NEGRAS NA CONTÍSTICA DE CRISTIANE
SOBRAL**

TERESINA-PI
2019

CLEIDE SILVA DE OLIVEIRA

**CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES NEGRAS NA CONTÍSTICA DE CRISTIANE
SOBRAL**

Dissertação submetida à banca como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestra em Letras, pelo Programa de Pós-graduação em Letras (PPGEL) da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

Área de concentração: Literatura

Orientador: Prof. Dr. Alcione Correa Alves

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Serviço de Processamento Técnico

O48c Oliveira, Cleide Silva de.
Construção de identidades negras na contística de
Cristiane Sobral. / Cleide Silva de Oliveira. - 2019.
111 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do
Piauí, Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGEL),
Teresina, 2019.
“Orientação: Prof. Dr. Alcione Correa Alves”.

1. Literatura Brasileira – Contos. 2. Mulheres negras.
2. Construções identitárias. 3. Cristiane Sobral – Contos
femininos. I. Título.

CDD: B869. 3

CLEIDE SILVA DE OLIVEIRA

**CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES NEGRAS NA CONTÍSTICA DE CRISTIANE
SOBRAL**

Dissertação aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Alcione Correa Alves (UFPI) – Orientador

Professor Dr. Luizir de Oliveira (UFPI) – Avaliador interno

Professora Dra. Assunção de Maria Sousa e Silva (UESPI) – Avaliadora externa

Professora Dra. Lívia Maria Natália de Souza (UFBA) – Avaliadora externa

AGRADECIMENTOS

A Deus, de quem recebo diariamente força, coragem e discernimento para superar as adversidades e atingir objetivos.

Aos meus pais, Maria de Fátima Silva e José Alves de Oliveira pelos exemplos de coragem e honestidade. Por tudo o que palavras não são suficientes para expressar.

Às minhas irmãs Cleidiane e Cleidinara e ao meu irmão Cleonardo, pelo apoio constante e irrestrito.

À minha filha Angelina: maior bênção, beleza e sorte de minha vida.

Aos meus sobrinhos Gustavo, Théo e Rebeca pela alegria de sempre.

Ao meu companheiro, Jucélio Rocha, pelo auxílio em todos os âmbitos e pela dedicação.

A todos os familiares e amigos que, de alguma maneira, contribuíram para a execução desta pesquisa.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Alcione Correa Alves, pelo exemplo como educador e pelo cuidado. Muito grata por ter me acolhido, incentivado e concretizado junto comigo esta etapa tão importante.

Ao grupo Teseu, o labirinto e seu nome, pelo estímulo à pesquisa e à solidariedade. Agradeço a todas/os as/os integrantes, representando-as/os aqui por meio de Maria Silva, Jéssica Catharine, Ella Bispo, Gabriela Soares e Juliana Marreiros.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Letras/Literatura da Universidade Federal do Piauí, especialmente, ao Prof. Dr. Sebastião Alves e à Profa. Dra. Margareth Torres.

À colaboradora do Programa de Pós-graduação em Letras/Literatura da Universidade Federal do Piauí Janice Batista.

Ao professor Dr. Elio Ferreira, pela contribuição com o referencial teórico desta dissertação através da disciplina Literatura Afro-brasileira, ministrada na Universidade Estadual do Piauí.

Aos membros da banca de qualificação, Prof. Dr. Luizir de Oliveira e Profa. Dra. Assunção Silva, pelos aportes, pela disponibilidade e pelo carinho conferidos a mim.

À escritora, Cristiane Sobral, pela atenção irrestrita, pela indicação de textos e obras e pela parceria.

Aos colegas da turma de mestrado 2017-2019, especialmente, à Ana Raquel Lima pelo compartilhamento de ideias, temores e entusiasmos do início ao fim do curso.

À Secretaria de Educação do Estado do Piauí pela concessão do afastamento das atividades profissionais como forma de apoio significativo à plena concretização da presente pesquisa.

Todas as manhãs

Todas as manhãs acoito sonhos
e acalento entre a unha e a carne
uma agudíssima dor.
Todas as manhãs tenho os punhos
sangrando e dormentes
tal é a minha lida
cavando, cavando torrões de terra,
até lá, onde os homens enterram
a esperança roubada de outros homens.
Todas as manhãs junto ao nascente dia
ouço a minha voz-banzo,
âncora dos navios de nossa memória.
E acredito, acredito sim
que os nossos sonhos protegidos
pelos lençóis da noite
ao se abrirem um a um
no varal de um novo tempo
escorrem as nossas lágrimas
fertilizando toda a terra
onde negras sementes resistem
reamanhecendo esperanças em nós.

Conceição Evaristo

Antologia de poesia afro-brasileira (2011)

RESUMO

O presente trabalho tem como temática principal o processo de construção de identidades negras na contística de Cristiane Sobral. Nesse sentido, selecionou-se os contos “Pixaim”, “O tapete voador” e “Metamorfose”, presentes na obra *O tapete voador* (2016), de autoria da referida autora. A abordagem das particularidades inerentes à repercussão do racismo sobre as construções de identidades negras femininas é uma constante nas narrativas, o que justifica a escolha do *corpus*. Assim, objetiva-se compreender o caráter processual das construções das identidades de mulheres negras, a partir do recorte das ações das protagonistas das narrativas citadas. Especificamente, pretende-se apresentar o atual estado do campo no tocante à investigação, no Brasil, da contística negra feminina contemporânea; discutir a contribuição de um conceito de lugar de fala para a compreensão das construções identitárias femininas negras nos contos e analisar as ações de enfrentamento ao racismo e as estratégias discursivas, por parte das protagonistas das referidas narrativas. O aporte teórico baseia-se, sobretudo nas noções de crioulização e de rizoma expostas por Édouard Glissant, em *Introdução a uma poética da diversidade* (2005), além de trabalhos como os de Achille Mbembe (2014), Frantz Fanon (2008), Stuart Hall (2015, 2003), Neusa Santos Souza (1983). É importante mencionar ainda, enquanto alicerce para o marco teórico, as noções implementadas pelo feminismo negro a partir dos trabalhos de bell hooks (1995, 2005), Conceição Evaristo (2009, 2005), Djamila Ribeiro (2017), Joice Berth (2018), Patrícia Hill Collins (2015, 2016), Kimberlé Crenshaw (2002). No que se refere à metodologia da pesquisa, considera-se o modelo rizomático proposto por Glissant por meio do qual os contos em análise são tomados como prefácio para dialogar com outras obras pertencentes a um quadro mais amplo de literatura negra brasileira, pressupondo a formação de um campo literário como ato político. Ademais, considera-se a leitura da autora na dupla dimensão: ficcionalidade (contística) e ensaio. As protagonistas de Sobral são marcadas pelos embates e pelo racismo presentes no meio social onde estão inseridas. Em decorrência desse fato, cada conto apresenta uma personagem alimentando a ideia de branquidão. Tomadas as devidas peculiaridades de cada protagonista, suas construções identitárias passam pela autonegação da negritude, pela consciência de si e pelo empoderamento.

Palavras-chave: Cristiane Sobral: contos. Édouard Glissant: teoria. Mulheres negras. Construções identitárias.

ABSTRACT

This work has as main theme the construction process of black identities in the Cristiane Sobral's tales collection. In this sense, there was selection of the tales "Pixaim", "O tapete voador" and "Metamorfose" present in the work *O tapete voador* (2016) by the mentioned author. The approach of the peculiarities inherent to the racism repercussion on the feminine identities constructions is a constant in the narratives, which justifies choice of the corpus. Thus, it aims to comprehend procedural character of the black women identities constructions starting from protagonists actions cropping in the mentioned narratives. Specifically, it intends to present the current state of the field regarding the investigation of the contemporary tales collection about feminine black in Brazil; to discuss contribution of a speech place concept to the understanding of feminine black identity constructions in the tales and to analyze the racism confronting actions and discursive strategies by the protagonists of referred narratives. The theoretical support is based, above all, on the rhizome and creolization notions presented by Édouard Glissant, in *Introdução a uma poética da diversidade* (2005), besides works such like those of Achille Mbembe (2014), Frantz Fanon (2008), Stuart Hall (2015, 2003) and Neusa Santos Souza (1983). It is important to mention, as a foundation for the theoretical framework, the notions implemented by black feminism from the bell hooks' (1995, 2005) works, Conceição Evaristo (2009, 2005), Djamilia Ribeiro (2017), Joice Berth, Patricia Hill Collins (2015, 2016) and Kimberlé Crenshaw (2002). With regard to the research methodology is concerned the rhizomatic model proposed by Glissant through which the tales in analysis are taken as a preface to dialogue with other works associated to a wider picture of Brazilian black literature, presupposing a formation of a literary field as a political act. Also, it considers autor reading on the double dimension: fictionality (tales collection) and essay. The Sobral's protagonists are marked by the conflicts and racism present in the social environment where they are inserted. As a result of this fact, each tale presents a character feeding an idea of whiteness. Taking the due peculiarities of each protagonist, their identity constructions pass by self-negation of blackness, self-awareness and empowerment.

Keywords: Cristiane Sobral: tales. Édouard Glissant: theory. Black women. Identity constructions.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 ARCABOUÇO TEÓRICO.....	24
2.1 Um campo de enfrentamentos	25
2.2 Uma poética da Relação em Sobral.....	36
3 DO LUGAR DE FALA ÀS CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS	45
3.1 “Pixaim”: contrapoética desde a infância.....	51
3.2 “O tapete voador”: uma identidade reconstruída.....	58
3.3 “Metamorfose”: um processo de descoberta	64
4. RESISTÊNCIA PELO EMPODERAMENTO	71
4.1 “Pixaim”: do tempo morno a um dia de começos	73
4.2 “O tapete voador”: as raízes ou o mérito?	82
4.3 “Metamorfose”: máscaras rasuradas	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
REFERÊNCIAS	106

1 INTRODUÇÃO

Óleo azeviche sobre tela

Quero escurecer a página pálida
Com a precisão da letra preta
Insolente

Conquistarei essa página tão alva
Convidá-la-ei ao preto
Ao preto no preto

Pintarei a página toda de preto
Escurecerei os horizontes
Ideias surgirão aos montes

Só então escreverei.

Cristiane Sobral

Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz (2016)

Cristiane Sobral Correa Jesus nasceu no Rio de Janeiro em 1974. É escritora, professora de teatro e mestra em Artes pela Universidade de Brasília. Destaca-se na escrita de contos e poemas. Iniciou sua trajetória com publicação no volume 23 de *Cadernos Negros*¹ (2001) e depois, participou dos volumes 24, 25, 29, 30, 32, 34, 35, 37 e 38. Suas principais obras são os livros de contos *Espelhos, Miradouros, Dialéticas da Percepção* (2011) e *O tapete voador* (2016); além dos livros de poemas: *Não vou mais lavar os pratos* (2016), *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz* (2014) e *Terra Negra* (2017). É autora dos contos “O tapete voador”, “Pixaim” e “Metamorfose” que serão analisados nesta dissertação. Em “O tapete voador”, Bárbara é colocada em uma encruzilhada entre suas convicções e a imposição de seu chefe para que mude a aparência; “Pixaim” é a história da menina que tenta manter as raízes e a aparência negra, mas é obrigada pela mãe a alisar os cabelos e “Metamorfose” apresenta o devir negro de Socorro: uma mulher resolvida a tornar-se branca, mas que descobrirá que aceitar-se é mais satisfatório.

¹ Trata-se de uma coletânea anual, surgida em 1978 e editada pelo grupo Quilombhoje, de São Paulo. *Cadernos Negros* reúne contos e poesias de literatura negra e tem como principal objetivo ampliar espaços de divulgação da literatura, além de estabelecer referências sociais capazes de protestar contra as condições de desfavorecimento impostas historicamente a negros e a mulheres. Para maior entendimento, indicamos a leitura das dissertações *A mulher negra nos Cadernos Negros: autoria e representações*, de Fernanda Rodrigues Figueiredo, defendida em 2009; *Vozes Femininas no “quilombo da literatura”: a interface de gênero e raça nos Cadernos Negros*, de Adélia Regina da Silva, defendida em 2014 e *Vozes femininas nos Cadernos Negros: representações de insurgência*, de Francineide Santos Palmeira, defendida em 2010.

O tapete voador (2016) é uma coletânea individual que abriga, além dos contos mencionados, mais quinze narrativas, dentre as quais, seis foram publicadas também em *Cadernos Negros*. De acordo com Sobral, o “domínio da literatura negra se insere num espaço de escrita, onde a personagem negra surge liberta do papel de objeto [...]” (SOBRAL, 2016a, p. 55). Para a autora o protagonismo, o lugar de fala e a presença de histórias próprias constituem os alicerces da literatura negra². O interesse pela contística de Sobral nasceu após a leitura de “Cauterização”, publicado no volume 32, de *Cadernos Negros* (2009)³. A temática do corpo negro enquanto manifestação política e construção identitária é pertinente e atual.

A respeito dos contos da coletânea, as temáticas abordadas são diversificadas: racismo, amor, estética, cabelo, sexo, empoderamento. “Vox mulher” apresenta a trajetória de autodescoberta de uma protagonista que encontra a felicidade em si mesma após esperar por um companheiro que não vem. “Bife com batata frita” é a história de Ióli: filha de uma doméstica, ela tinha sete anos e oito meses quando perdeu a mãe. O narrador adentra o imaginário infantil para mostrar o desespero causado pela perda do alicerce materno. “A discórdia do meio” apresenta as desavenças entre dois meios-irmãos: Jupira e Jupi. A discussão é sobre o racismo e suas consequências uma vez que, segundo Jupi, Jupira não suporta o fato de ser negra e ele ter a pele um pouco mais clara, além de ser casado com uma mulher branca. “Elevador a serviço” é mais um caso de racismo. Malena, uma artista negra rumo ao trabalho, pega um elevador de serviço e encontra com uma senhora branca que lhe oferece uma vaga como doméstica. Ela responde que também está precisando de uma funcionária, revertendo assim a pressuposição de que apenas pessoas brancas contratam e de que sujeitas negras estão fadadas ao trabalho serviçal.

Voltando às origens, “Nkala: um relato de bravura” lembra os horrores da diáspora. Nkala vivia feliz no Congo quando foi sequestrada e seus pais assassinados. Depois de conhecer o navio negreiro, ela prefere a morte a ser comercializada como escrava. Um conto muito profundo que apresenta o ápice da resistência negra revisitando a dura travessia pelo Atlântico. Na sequência de *O tapete voador*, surge “O limpador de janelas” com a apresentação do racismo

² Existem três terminologias no campo: Literatura Negra, Literatura Afro-brasileira e Literatura Negro-brasileira. A opção por Literatura Negra constitui um ajuste aos discursos da maioria das autoras negras. Dentre elas, destacam-se Conceição Evaristo e Cristiane Sobral. Evaristo opta por este termo por entender que o mesmo reflete bem o protagonismo da/o negra/o e a subjetividade; trata-se do pertencimento racial determinante da prática literária que ela chama de “escrevivência”. Tais informações podem ser localizadas no artigo *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (EVARISTO, 2009, p. 17). Sobral também se posiciona favorável a esta nomenclatura e ressalta a afirmação cultural da/o negra/o enquanto protagonista no ensaio *A escrita e o espaço da cena: caminhos de reconstituição da identidade negra* (SOBRAL, 2016a, p. 55).

³ “Metamorfose” é o penúltimo conto de *O tapete voador* (2016) e uma reescrita de “Cauterização”, antes publicado no volume 32 de *Cadernos Negros*. A mudança no título sugere o caráter processual das construções identitárias através da palavra *metamorfose*.

de uma maneira mais implícita, como é corriqueiro em tempos modernos. Samuel vive relacionamentos rápidos durante viagens, mas não esquece uma moça casada que havia conhecido. Ao reencontrá-la, o medo do marido o faz se aproveitar do preconceito que ele sabe existir: identifica-se ao porteiro do prédio como limpador de janelas. “A samambaia” provoca uma meditação sobre a igualdade imposta pela morte a todos os seres vivos. Um homem nutre amor pelas plantas e faz reflexões sobre a vida. Ele morre e o narrador, através de metáforas, iguala-o às plantas.

“Lélio” é uma narrativa bem-humorada. O protagonista é metódico e chato, porém um conquistador. Enfatizando a condição sexual de Lélio, são apresentadas suas aventuras amorosas, os muitos filhos que teve e o fim com uma vasectomia. O décimo primeiro conto da obra é divertido e se chama “Olga”. Ela tinha atitudes insanas, como por exemplo, roubar doces ou andar nua pela casa e manter um relacionamento amoroso com o cunhado. Ele comete suicídio e ela decide vender cachorro-quente no enterro. Entre viagens e relacionamentos, o retorno à razão ocorrerá com uma gravidez. “Lulília” é a história de um desencontro; um relacionamento malsucedido. “Afrodisíaco” traz a repulsa feminina à monotonia e o mito do homem negro dotado de capacidades sexuais fora do comum. Celeste mantém encontros com um garoto de programa e passa a dividi-lo com mais quatro amigas. Augusto morre por overdose de Viagra. “O galo preto” retoma o imaginário infantil. Etelvina tem três filhas e cada uma tem uma galinha de estimação. Infelizmente, a mãe é obrigada a servir as aves no almoço para que a família não morra de fome. “Memórias” é uma retomada de episódios e familiares que permaneceram no passado. A chegada do primeiro filho faz com que o protagonista relembre a doçura da proximidade com seu pai. Ainda trazendo o cotidiano e o simplório, Sobral escreve “Flor”. Nele a protagonista deixa as obrigações de trabalho para contemplar o belo.

Enfatizando a abordagem crítica, social e identitária, encontramos “Espelhos negros”. Uma crise de imagem leva o presidente a proibir o uso de espelhos. Diante do caos estabelecido, Moisés, um repórter negro que não se identifica como tal, investiga Pedro: um hacker de vinte e cinco anos que tinha informações sobre tráfico de espelhos. Para descobrir um movimento rebelde, Moisés faz uma viagem com Pedro e acaba descobrindo a si mesmo. O último conto de *O tapete voador* é “Renascença”. Teresa percebe o preconceito dentro da igreja que frequenta. Além disso, o fato de ela valorizar sua negritude despertava o comentário das amigas sobre as causas de sua solteirice. Certa noite, um transe a faz encontrar com um Cristo negro em um terreiro. Ela conhece Jorge e consegue afirmação emocional e espiritual.

As temáticas da coletânea são diversificadas, mas convergem para pontos comuns: a identidade, a humanidade e o protagonismo negro. Sobral apresenta a realidade da condição de mulheres negras capazes de interferir na sociedade em que vivem através de suas posições individuais, de seus sentimentos e de seus desejos. Há a desconstrução dos padrões estabelecidos. Além disso, a escrita mostra-se simples e clara com uma escolha de focos narrativos que contribuem para a apresentação da perspectiva intimista das personagens, como por exemplo no conto “O galo preto”. “Íoli voltou pra cama e sonhou com um céu onde as anjinhas estavam vestidas de galinhas. Todas gordinhas, bem nutridas e dormindo em camas quentinhas” (SOBRAL, 2016b, p. 71). A linha de raciocínio pela qual a escritora se manifesta socialmente através de seus textos é mantida em contos e poemas.

“Óleo azeviche sobre tela”, intitulado na epígrafe desta introdução, está presente na obra *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz* (2016c, p. 36), de Cristiane Sobral. A epígrafe desta introdução representa bem o protesto e a agência do eu-lírico: temas recorrentes na escrita sobraliana, inclusive em muitos dos contos mencionados. A alusão à página, isto é, à escrita pode ser entendida como uma forma de reivindicação pelo espaço social historicamente negado à cultura negra. Da primeira estrofe, apreende-se que é necessário consolidar a cor preta em sobreposição à *página pálida*, contrariando os padrões canônicos. Nesta linha de interpretação, é possível perceber a página como uma alusão à mulher negra em processo de construção identitária e na busca por afirmação. De acordo com Maria Nazareth Fonseca, assumem-se os estereótipos para contestá-los porque, muitas vezes, eles são “arma de combate mordaz e irônica à visão dos que persistem em considerar os negros a partir de um vínculo com a escravidão” (2011, p. 249). Neste sentido, Sobral, inclusive na contística, manifesta-se contrária ao emprego das rotulações que são constantemente atribuídas a sujeitas negras.

O verbo *querer*, no primeiro verso, estabelece a agência da mulher negra ao mesmo tempo em que alerta para o caráter opressor do branco. O segundo verso deixa implícito que a escrita negra, para se firmar, precisa discutir todos os silêncios impostos; é imprescindível que se estabeleça e que conquiste espaços. *Insolente*, no terceiro verso, sugere o incomum: a hegemonia do preto na escrita, considerando que, historicamente, a literatura foi composta por autores, ideias e personagens brancas. Por outro lado, o adjetivo remete à ousadia da mulher negra ao impor sua identidade e sua reivindicação, pois o branco do papel representa incompletude e necessita ser preenchido. Para Glissant, “o negativo do sofrimento é constitutivo da identidade tanto quanto a anuência natural, alegre ou conquistadora” (2005, p.105), isto é, as relações são marcadas tanto pela angústia quanto pela positividade. O cunho aflitivo se dá, no poema de Sobral, por meio da certeza de que é preciso agir e a afirmação ocorre na

resistência e na tentativa de consolidar um direito antes negado: estabelecer-se como sujeita de conhecimento.

O termo *alva*, no quarto verso, tem seu significado intensificado pelo advérbio *tão* e seguido do ataque às relações de poder do opressor através do desprezioso verbo *convidar*. Todas as estrofes pressupõem agência, permitindo ao leitor perceber a escrita como um instrumento de ação e de reivindicação. Na terceira estrofe, o ponto alto é a presença dos *horizontes*. Eles denotam a existência de perspectiva, de futuro, de sonhos, de planejamento, de objetivos, de metas: escurecer isso tudo através da escrita é assegurar a posse de tal veículo.

Sedutoramente, depois da conquista, haverá imposição: a princípio a autora aceita pacificamente o branco como padrão, entretanto, finca seu protesto. Sobral utiliza como ação as estratégias conciliatórias, mas seu objetivo é quebrar o referencial de fraqueza: escrita e mulher pálidas. Assim, entende-se que se trata de reivindicar o direito de manifestar-se enquanto intelectual. Para ela, conteúdo não faltará após a conquista de um público. A metalinguagem associada ao uso metafórico das palavras está presente no poema como forma de abrir caminhos para a apreciação da literatura negra. A escritora confere caráter político ao seu trabalho quando demonstra pretensão para que haja lugar para literaturas até então periféricas, isto é, há uma tendência a defender e a fortalecer a literatura negra como espaço artístico acessado por todos.

É possível afirmar que as aspirações da escritora aludem a anseios coletivos quando se reportam aos problemas e às peculiaridades da raça negra. Ela realiza a apropriação de temas como o corpo negro e o racismo, procura pelo reconhecimento no interior do campo literário⁴, bem como, a conquista de leitores e, na perspectiva do teórico, exprime suas subjetividades. É possível que se trate de uma poética na qual a obra é um instrumento e escrever é agir em defesa de questões relacionadas a seu tempo e a seu povo. Para Conceição Evaristo (2005, p. 206), escritoras negras “buscam na história mal-contada pelas linhas oficiais, na literatura mutiladora da cultura e dos corpos negros, assim como em outros discursos, elementos para comporem suas escritas”. Ao estabelecer uma proximidade entre a prática social e a escrita, subentende-se a presença do ambiente social de onde discursa a escritora.

Tomando por base o que explica Evaristo, esse lugar serve como referência para estabelecimento de uma arte cuja subjetividade manifesta protestos oriundos da condição de exclusão própria destas sujeitas no âmbito literário. Djamila Ribeiro (2017, p. 69) refere-se ao

⁴ De acordo com Regina Dalcastagnè, o campo literário pode definir o reconhecimento da obra e do escritor. “Um campo é um espaço estruturado, hierarquizado, que possui um centro, posições intermediárias, uma periferia e um lado de fora” (2012, p. 150). Assim, os escritores da literatura negra lutam por maior prestígio no campo. A inserção se dá, portanto, pela repercussão da obra na sociedade.

lugar de fala como o espaço social não determinante de “uma consciência discursiva sobre este lugar”, isto é, trata-se do ambiente ocupado socialmente e onde são acumuladas experiências e expectativas. O contexto descrito permitiu a elaboração do seguinte problema: nos contos “Pixaim”, “O tapete voador” e “Metamorfose”, de Cristiane Sobral há uma relação possível entre lugar de fala e construção de identidades femininas negras? Assim, pretende-se observar as ações das protagonistas, estabelecendo relação entre as subjetividades e o lugar de fala.

Passando às considerações acerca do marco teórico utilizado nesta pesquisa, devemos esclarecer que o estudo está baseado em dois eixos. O primeiro diz respeito aos teóricos que nos oferecem alicerce para a análise relativa às construções identitárias em caráter processual e relacionadas ao racismo uma vez que nosso objetivo geral é compreender o caráter processual das construções de identidades femininas negras, a partir do recorte das ações das protagonistas dos contos “Pixaim”, “O tapete voador” e “Metamorfose”, de Cristiane Sobral. Assim, tornam-se essenciais as noções cunhadas nos âmbitos filosófico, sociológico e literário por Edouárd Glissant, Stuart Hall, Achille Mbembe e Franz Fanon.

As personagens sofrem mudanças ao longo das narrativas que são passíveis de serem interpretadas a partir de uma visão voltada para a processualidade e para a provisoriade com que isto ocorre, conforme teoriza Edouárd Glissant em *Introdução a uma poética da diversidade* (2005). Rumo à compreensão da processualidade, é necessário conjecturar os embates causados pela aproximação entre as diferentes culturas: o contato nem sempre é amistoso; as negociações podem ser tensas e o conflito é uma possibilidade relevante nas relações culturais. Segundo Glissant, o caos-mundo é “o choque, o entrelaçamento, as repulsões, as atrações, as convivências, os conflitos entre as culturas dos povos na totalidade-mundo contemporânea” (2005, p. 98). Há uma mistura de posicionamentos, de escolhas e de identidades. Dentro dela, o imprevisível é o objeto de análise do teórico, pois é justamente o que promove o caótico e é também o que irá permear as relações entre indivíduos.

Os cientistas do caos testam essa noção de sistema determinista errático e a verificam em toda uma série de aspectos e de representações do real. Assim, por exemplo, na imprevisibilidade do movimento das folhas que caem sob a ação do vento, da chuva (na estação das chuvas), ou na impossibilidade fundamental de determinar o tamanho exato do litoral da Bretanha. A ciência do caos afirma que não se pode de maneira alguma determinar o tamanho exato do litoral da Bretanha porque não é possível controlar a flutuação da costa na fronteira entre a água e a terra, e as alterações da costa introduzem uma singularidade que não podemos fixar uma vez por todas. Não transformo isto em dogma, mas algo me interessa nessa história, em se tratando das culturas das humanidades de hoje. O que me interessa é o comportamento imprevisível dessa relação das culturas, imprevisibilidade que constitui uma

das bases da ciência do caos. O comportamento imprevisível está associado à noção de sistema determinista errático (GLISSANT, 2005, p. 101).

Utilizando metáforas relacionadas a aspectos da natureza tais como o litoral, as folhas, o vento e a chuva, o teórico apresenta a lógica do caos-mundo como a impossibilidade de mensurar, caracterizar ou determinar, de maneira científica, os contatos culturais. O imprevisível marca a proximidade entre povos e indivíduos para constituir o sistema errático. Neste sentido, a ciência não terá parâmetros singulares para análise, mas sim um conjunto múltiplo de características individuais e coletivas, o que constituirá o inesperado no interior das relações. Assim, várias vozes são permitidas, negociáveis e, muitas vezes, discordantes. Na desarmonia fundam-se as tensões e, conseqüentemente, o caos porque há necessidade de sobreposição de uma cultura sobre a outra a fim de garantir posições de privilégio por meio do aviltamento e da negação de valores. No que concerne ao contato entre culturas, Stuart Hall esclarece que há mudanças nas posturas dos indivíduos modernos.

Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Essas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Essa perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo (2015, p.10, grifos do autor).

Para Hall a fragmentação das identidades tanto no âmbito social, quanto no cultural colabora para a existência das crises identitárias. É o teórico que nos fornece as noções de instabilidade identitária, fatores e exterioridades que serão discutidas adiante. A possibilidade de o indivíduo moldar-se de acordo com a necessidade e com a situação sugere um caráter processual para a identidade, pois, ela está em constante formação, apresentando-se dinâmica e gradativa. Dessa forma, os contos escolhidos explicitam os embates aos quais as protagonistas estão sujeitas no contato com uma sociedade racista e as posturas adotadas por elas diante de tais situações.

Consideram-se as noções de racismo apresentadas por Achille Mbembe para estabelecer uma relação entre as ações das personagens e suas construções identitárias. “Para o racista, ver um negro é não ver que ele não está lá; que ele não existe; que ele mais não é do que o ponto de fixação patológico de uma ausência de relação” (2014, p. 66). O autor ajuda a pensar sobre o uso dos disfarces expressos em “Metamorfose” uma vez que a protagonista não se aceitava;

percebia que sua aparência incomodava e, por isso, procurava formas para dissimular o pertencimento à raça negra.

Segundo Mbembe, “é característico da raça, ou do racismo, suscitar ou engendrar um duplo, um substituto, um equivalente, uma máscara, um simulacro” (2014, p. 66). Os disfarces constituem a forma mais imediata de evitar os constrangimentos a que estão sujeitas as pessoas negras. As ideias de Neusa Santos Souza coincidem com as de Mbembe uma vez que ela afirma que a raça deve ser “entendida como noção ideológica, engendrada como critério social para distribuição de posição na estrutura de classes” (1983, p. 20). Para a pesquisadora, no Brasil, a raça está relacionada a hierarquias sociais e ao prestígio a partir do que é fundamentado como qualidades biológicas, especialmente no que se refere à cor da pele. Souza conceitua ideologia:

A ideologia aqui é entendida como um sistema de representações, fortemente carregadas de afetos que se manifestam na subjetividade consciente como vivências, ideias ou imagens e no comportamento objetivo como atitudes, condutas e discursos. A ideologia é um dispositivo social que serve aos fins de organizar um saber acerca dos mais diversos aspectos da vida humana, caracterizando-se por ser compartilhada pela comunidade como um todo, ou por um setor significativo da mesma, oferecendo coerência a seus integrantes em torno de crenças, fins, meios, valores, etc. (SOUZA, 1983, p. 20).

Seguindo esta linha de raciocínio, o uso das camuflagens é entendido como uma tentativa da pessoa negra em desvencilhar-se de tudo o que a torna inferior no crivo daqueles que defendem o padrão de beleza europeu. Buscar máscaras é uma forma aparentemente lógica para aceitar-se e para conseguir aceitação social. Entender o sentido das camuflagens leva ao posicionamento da autonegação porque quando uma pessoa negra utiliza os disfarces, ela nega a si mesma ultrapassando os limites da aparência para adentrar seu estar no mundo, sua herança ancestral e também sua raça. Frantz Fanon alerta para a condição descrita, traçando um paralelo com a segregação imposta a judeus no passado.

Mas tudo está bem feito, só precisamos não ser pretos. Claro, os judeus são maltratados, melhor dizendo, perseguidos, exterminados, metidos no forno, mas essas são apenas pequenas histórias em família. O judeu só não é amado a partir do momento em que é detectado. Mas comigo tudo toma um aspecto *novo*. Nenhuma chance me é oferecida. Sou sobredeterminado pelo exterior. Não sou escravo da “ideia” que os outros fazem de mim, mas da minha aparição (FANON, 2008, p. 108, grifos do autor).

Para Fanon, a pessoa negra é estigmatizada apenas por seu aparecimento; é olhada e tratada como diferente em todas as suas ações. Numa comparação com os judeus, havia a possibilidade de eles não serem localizados, no entanto, negras/os não têm essa prerrogativa e estão sujeitas/os às consequências inerentes ao fenótipo em todos os momentos de sua

existência. Desse modo, Sobral em “Metamorfose”, apresenta a consciência de que a aparência é preponderante para a sujeição a situações de racismo, o que leva a protagonista a uma busca desenfreada para parecer branca. Socorro ilustra com veemência o mencionado por Fanon: a estética⁵ é determinante para a extinção dos valores da pessoa negra. Quando consciente disto, as máscaras serão, inevitavelmente, o caminho.

O segundo eixo teórico que alicerça nosso estudo é aquele no qual reunimos as considerações relacionadas ao feminismo negro a partir de autoras tais como Djamilia Ribeiro, especialmente no que se refere às noções sobre lugar de fala; Patrícia Hill Collins a respeito da interseccionalidade e da opressão; Sueli Carneiro para o entendimento do legado de exclusão ao qual mulheres negras estão condicionadas em âmbito brasileiro e bell hooks que nos leva à violência epistêmica e à resistência por meio da escrita. Além delas, tem relevância o conceito de escrevivências, apresentado por Conceição Evaristo; o entendimento do corpo negro através da metonímia dos cabelos, mencionado por Florentina Souza, dentre outras. O uso desse aporte teórico possibilita o recorte de falas e de ações para a consolidação da proposta, pois seus posicionamentos permitem analisar as abordagens relativas ao corpo feminino negro previstas nos objetivos.

Entende-se que o lugar de fala contribui para a análise das construções identitárias das protagonistas dos contos em análise. Além disso, a obra de Sobral e a de muitas outras escritoras negras estabelece um lugar de fala porque apresentam as vivências sociais e a condição periférica alertadas por Ribeiro. Para a pesquisadora, não se trata de desconsiderar o discurso de quem não pertence à raça negra, pois desse modo haveria uma visão essencialista (2017, p. 64), mas de conferir voz a quem o preconceito negou relevância e mobilidade social. Trata-se de resguardar a atividade intelectual como requisito “para os esforços de todas as pessoas oprimidas e/ou exploradas que passaram de objeto a sujeito, que descolonizaram e libertaram suas mentes” (hooks, 1995, p. 466). Expressar a condição de mulher negra é conquistar espaços, sobretudo, quando avaliamos que estas sujeitas sempre estiveram associadas ao corpo e não ao pensar. A respeito do tema mencionado, o sociólogo Jessé Souza esclarece:

Do mesmo modo, sem qualquer mediação consciente, separamos as mulheres como afeto e corpo e os homens como razão e distanciamento afetivo, e os brancos e os negros segundo o mesmo princípio: o espírito diviniza e o corpo animaliza os seres humanos. Tudo que represente o espírito, como a

⁵ “Estética, uma palavra originária do grego *aisthesis* significa, genericamente, percepção ou sensação. É a parte da Filosofia que estuda o que julgamos e percebemos daquilo que é considerado belo, as emoções que essa percepção produz e a definição que se pode fazer entre o que é de fato belo ou não. Portanto, o belo é uma percepção e como percepção pode ser alterada, manipulada ou influenciada. E isso tem acontecido ao longo da história” (BERTH, 2018, p. 92).

inteligência e a moralidade, é percebido como superior e nobre, embora nem sequer reflitamos mais sobre a origem dessas avaliações. Por outro lado, tudo que seja associado ao corpo, como os afetos, o sexo ou a agressividade, é percebido por todos nós como vulgar, ameaçador e inferior (SOUZA, 2018, p. 11).

No contexto das premissas de Jessé Souza, é possível perceber a mulher negra nas instâncias do corpo e do sexo uma vez que a elas é sempre reservada a inferioridade, a falta de inteligência e de subjetividades. Nem mesmo importa a consciência ou a explicação para tais fundamentos, pois é necessário continuar o ciclo de ajuizamentos que permite animalizar uns indivíduos para manter o poderio de outros. Diante da condição a qual nos referimos, é importante tecer a respeito da interseccionalidade uma vez que para entender lugar de fala, este primeiro conceito é indispensável.

Patrícia Hill Collins explica que são necessárias “novas categorias de análise que incluam raça, classe e gênero como estruturas de opressão distintas, mas imbricadas” (2015, p. 14). Há diferenças entre as três classificações, entretanto, olhando-as de maneira conjunta é possível entender a dominação e a subordinação capazes de impor padrões e criar subalternos. A autora defende que cada indivíduo assume a postura de opressor em dada situação e que é preciso admitir tais comportamentos a fim de evitar a objetificação do outro. Ao explicar sobre o lugar de fala, Djamila Ribeiro trata da interseccionalidade como um ponto importante para a compreensão desta noção. Para tanto, ela reporta-se às informações de bell hooks.

A pensadora afirma que a combinação entre racismo e sexismo implica em sermos vistas como intrusas por pessoas de mentalidade estreita. Para além disso, a própria conceituação ocidental branca do que seria uma intelectual faz com que esse caminho se torne mais difícil para mulheres negras” (RIBEIRO, 2017, p. 28).

Felizmente, há entendimento de tal realidade de forma que a manifestação do pensamento proveniente de mulheres negras permite combater a exceção atribuída a essas sujeitas. Numa perspectiva feminista, o lugar de fala ou de enunciação “nos faz refutar uma visão universal de mulher e de negritude, e outras identidades, assim como faz com que homens brancos, que se pensam universais, se racializem” (RIBEIRO, 2017, p. 69). Assim, o lugar de fala alicerça a construção identitária subjugando o discurso de marginalização. As experiências estão implícitas na ficção e são mencionadas por Conceição Evaristo ao elaborar o conceito de escrevivência no qual ela associa as categorias de intersecção.

E então volto a insistir: a sociedade que me cerca, com as perversidades do racismo e do sexismo que enfrento desde criança, somada ao pertencimento a

uma determinada classe social, na qual nasci e cresci, e na qual ainda hoje vivem meus familiares e a grande maioria negra, certamente influenciou e influencia em minha subjetividade (EVARISTO, 2009, p. 18).

As identidades femininas negras estão implícitas nos escritos: não existe uma separação entre as subjetividades e o posicionamento das escritoras. No caso de Sobral, as violências sofridas aparecem por meio das ações e reflexões de suas personagens, o que é possível localizar em “Pixaim”, por exemplo. “O negro sempre foi para mim o desconhecido, a fantasia, o desejo. Cresci tentando ser algo que eu não conhecia, mas que intuitivamente sabia ser meu, só meu” (SOBRAL, 2016b, p. 40). O fato de ser obrigada a alisar os cabelos constitui uma violência presente em “Pixaim” que marca as posturas individuais da protagonista, estabelecendo uma necessidade de firmar as próprias raízes. Para Evaristo (2009, p. 18, grifos da autora), “quando escrevo, quando invento, quando crio minha ficção, não me desvencilho de um ‘corpo-mulher-negra e vivência’ e que por ser esse ‘o meu corpo, e não outro’, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta”. Considera-se pertinente o lugar social assumido por Cristiane Sobral pois, de acordo com a teoria discutida, o escrito tem relação com as vivências e fornece pistas de análise para chegar à construção e à afirmação⁶ identitárias.

Segundo Evaristo, apenas da posição de mulher negra é possível invocar com propriedade os caminhos mais seguros para expressar esta ficção. É a defesa do protagonismo negro; a necessidade de expressão e de reconhecimento. A pesquisadora e escritora Serafina Machado reafirma a presença da identidade como uma maneira de reivindicar o local social inerente à mulher negra. “No discurso afro-feminino é possível verificar a exigência da voz e esta mulher transcreve sua maneira de pensar, se auto-apresenta, re-constrói sua subjetividade e negritude” (MACHADO, 2012, p. 3). Observa-se indigência no sentido de manifestar-se plenamente construindo um discurso de protesto com toda a gama de informações pertinentes à individualidade dessas sujeitas.

Cabe ponderar que uma análise científica deste porte atende a um limite de entendimento dentro da teoria a que se tem acesso no tempo determinado para elaboração. Além disso, é permitida uma interpretação específica através da complexidade dos contos porque os mesmos apresentam diversidade de conteúdo em seus enredos, tornando a pesquisa abrangente. A pesquisa proposta é de cunho qualitativo na área dos estudos culturais e literários, pois

⁶ Dentre os teóricos que apresentam o conceito de afirmação identitária, consideram-se sobretudo as noções de Joice Berth (2018) na obra *O que é empoderamento?* Nela, a pesquisadora discute o conceito e apropriação do mesmo pelo feminismo negro. Além dela, Florentina Souza (2017), Nilma Lino Gomes (2007) e outras/os teóricas/os oferecerão arcabouço para a elaboração do trabalho em curso.

pressupõe o levantamento de dados relacionados à construção identitária com o recorte das ações das protagonistas.

Será realizado o diálogo entre “Pixaim”, “O tapete voador” e “Metamorfose”, de Cristiane Sobral, com outras obras pertencentes a um quadro mais amplo de literatura negra brasileira, partindo do princípio metodológico de que é importante interpretar tais obras em rede⁷ e considerando o método comparativo. Trata-se de um trabalho descritivo, bibliográfico e explicativo, sistematizado a partir dos estudos realizados durante a pós-graduação. É importante enfatizar que ensaios escritos pela autora, bem como por outras ensaístas e pesquisadoras acadêmicas negras, comporão o aporte teórico da dissertação. Reitera-se, portanto, a leitura de Cristiane Sobral na dupla dimensão: ficcionalidade (contística) e ensaio. De acordo com Miriam Alves, a escrita feminina deve ser reconhecida também por seu caráter ativista.

Em se tratando das escritoras, os textos ficcionais e poéticos vêm somar-se às reflexões das pesquisadoras e pensadoras negras, embora em campos de atuação específicos, mas as ponderações e criações partem de uma mesma realidade: a de ser mulher negra e brasileira num contexto desfavorável de existência a ser superado. É como mergulhar numa quádrupla jornada para poder imprimir um pensamento coerente à realidade nacional brasileira e passar a existir visivelmente em todos os aspectos da cidadania (ALVES, 2010, p. 68).

Alves considera a dupla dimensão – escritoras e pesquisadoras – como manifestações necessárias à participação feminina. Também é assim que esta pesquisa será realizada porque se entende que a visibilidade perpassa as possibilidades literária e científica a fim de assegurar o direito de fala. É imprescindível expor e avaliar o pensamento negro partindo do pressuposto de que a humanidade e a resistência estão implícitas na atitude intelectual. Neste sentido e considerando a analogia existente nos posicionamentos de Sobral e de outras escritoras tais como Ana Maria Gonçalves, Geni Guimarães, Silvana Martins, Aline Soares Negríndia e Serafina Machado pretende-se estabelecer um diálogo entre as obras de autoras negras em dimensão literária, bem como, ensaística. Dessa maneira, tomaremos os contos que compõem o corpus como prefácio. Ademais, referenciar as escritoras negras enquanto formação de um campo constitui um ato político e relevante.

⁷ O conceito em questão é o proposto por Eduardo Devés-Valdés. “Se entiende por tal a un conjunto de personas ocupadas en la producción y difusión del conocimiento, que se comunican en razón de su actividad profesional, a lo largo de los años” (2007, p. 30). As redes intelectuais são capazes de possibilitar a compreensão sistemática da evolução intelectual através de relações globais, de acordo com o autor. Pretende-se que esta pesquisa atenda a esta premissa.

A escolha dessas autoras se deve ao fato de que elaboram textos literários com temáticas e abordagens similares aos trabalhos de Cristiane Sobral, estabelecendo um vínculo temático que norteia as bases para a literatura negra: protagonismo, lugar de fala e resistência. Assumem-se os três contos de *O tapete voador* (2016b) como prefácio, isto é, em diálogo com outras obras, partindo do princípio de que a temática relativa à construção identitária é concernente a textos de autoria feminina que assumem a posição da mulher negra e também em consonância com a estratégia metodológica implementada pelo grupo de pesquisa ao qual esta pesquisa tem filiação: “Teseu o labirinto e seu nome”⁸.

Apresentar o atual estado do campo no tocante à investigação, no Brasil, da contística negra feminina contemporânea é o primeiro objetivo específico. O mapeamento do campo é pertinente porque visa ao levantamento dos estudos na área, contribui com outras pesquisas, permite registro para visibilidade das autoras negras, além de fornecer subsídios abrangentes no que concerne à abordagem identitária. O segundo objetivo específico é discutir a contribuição de um conceito de lugar de fala para a compreensão das construções identitárias femininas negras nos contos “Pixaim”, “O tapete voador” e “Metamorfose”, de Cristiane Sobral. Entende-se que o feminino é expresso na obra a partir do lugar social concebido pelas escritoras e é viável localizar pistas de sentido que remetam a tais características por meio da análise dos contos.

O terceiro objetivo específico propõe-se a analisar as ações de enfrentamento ao racismo e as estratégias discursivas, por parte das protagonistas dos contos em apreciação. Neste momento, serão realizadas as análises capazes de fomentar a expressão do pensamento das sujeitas negras como ação política através da arte literária. Também será vista a resistência como forma de empoderamento social demonstrado pelas personagens; posturas afirmativas diante dos outros e de si mesmas; novas formas de agir e de encarar o mundo. Entende-se a atuação social através da escrita com utilização do corpo negro, mais especificamente, da metonímia que constitui os cabelos crespos para incorporar ações contrárias à conservação do cânone.

⁸ Alcione Correa Alves, coordenador do grupo, explica no artigo “Teseu, o labirinto e seu nome: prefácio e enunciação nas literaturas negras americanas” os elementos metodológicos que compõem nossos trabalhos de pesquisa. “O Projeto de Pesquisa em questão tem, gradativamente, ampliado e delimitado o escopo de seu *corpus* literário, buscando investigar construções identitárias afroamericanas, por meio do estudo de suas respectivas literaturas nacionais em uma perspectiva de análise comparativa, e mediante apropriação da premissa de um Caribe tomado como ‘prefácio às Américas’, tal como formulada por Édouard Glissant em *Introduction à une poétique du Divers*” (2013, p. 2-3, grifos do autor).

Infelizmente, a legitimação exclui e hierarquiza. Oferece margem ao preconceito contra obras ditas periféricas. A supervalorização da cultura europeia constitui motivo para que autoras como Cristiane Sobral demonstrem imposição em um contexto completamente adverso. Em meio às obras tidas como consagradas, a autora investe em um trabalho de reconhecimento da cultura negra. Como hipótese, considera-se que a resistência por parte das protagonistas dos contos constitui um dos principais recursos narrativos utilizados para a construção e afirmação das identidades negras. É importante reconhecer que as mulheres negras combatem em um contexto de violência e de marginalização. A luta implica novas condições de vida; é preciso considerar as ações das personagens, como também o saber demonstrado pela escritora ao batalhar contra a violência epistêmica. Entende-se esta última noção conforme preconizado por Yuderkys Espinosa Miñoso (2014).

Por violencia epistémica estoy entendiendo una forma de invisibilizar al outro, expropiándolo de su posibilidad de representación: ‘se relaciona con la enmienda, la edición, el borrón y hasta el anulamiento tanto de los sistemas de simbolización, subjetivación y representación que el otro tiene de sí mismo, como de las formas concretas de representación y registro, memoria de su experiencia’ (BELASTEQUIGOITIA apud MIÑOSO, 2014, p. 318).

O silenciamento imposto a mulheres negras no que se refere à manifestação escrita é entendido como violência epistêmica e tem como seu antônimo a resistência. Construir-se como sujeita negra passa pela escrita e representa uma forma de combate à invisibilidade. A respeito dos resultados esperados ao fim da pesquisa, é possível que sejam propostas bases científicas ao questionamento das afirmações correntes de senso comum, de passividade e de conformismo das protagonistas no que tange aos desafios impostos por uma sociedade racista. Trata-se de representações femininas que agem no sentido contrário à invisibilização. Do ponto de vista do texto literário, é preciso mencionar ainda que os finais das narrativas indicam revalorização das sujeitas negras, o que sugere empoderamento oriundo da força que constitui a identidade das personagens. “A gente só pode ser aquilo que é” (SOBRAL, 2016b, p. 41). Assim, a resistência é demonstrada, principalmente pela escritora quando esta se assume como sujeita de conhecimento. Há, portanto, uma reivindicação nas personagens de Sobral: contestar e quebrar estereótipos.

2 ARCABOUÇO TEÓRICO

Explicação

Não sou racista.
Sou doída, é verdade, tenho choros, confesso.
Não vos alerto por represália
nem vos cobro meus direitos por vingança.
Só quero,
banir de nossos peitos
esta gosma hereditária e triste
que muito me magoa
e tanto te envergonha.

Geni Guimarães
Balé das emoções (1993)

Entendemos Cristiane Sobral a partir de sua posição de sujeita cognoscente, destacando a obstinação demonstrada por ela na conquista pelo direito de narrar e a consequente contestação à violência epistêmica. A postura de Sobral é recorrente na literatura negra e a mesma de Geni Guimarães⁹, por exemplo, no poema “Explicação”, publicado em *Balé das emoções* (1993). Os versos asseguram um protesto em torno do racismo a partir de um eu-lírico que afirma suas dores e reivindica seus direitos. O primeiro verso apresenta a fala do opressor através de uma negação muito comum no meio social e que não condiz com o que é praticado. Em seguida, aparecem as subjetividades do eu-lírico a partir das sensações de dor que caracterizam a pessoa oprimida e vítima de discriminação racial: a *gosma*. Além disso, ocorre o esclarecimento acerca da cobrança de um direito e não um desejo de vingança, mas, ao mesmo tempo, uma explicação sobre sua cobrança e seu alerta. Assim, o eu-lírico afirma ter consciência do lugar social que ocupa e de tudo o que lhe é negado. Por fim, há um equilíbrio entre as dores sentidas e o suposto comportamento envergonhado do opressor.

O poema é uma crítica ao racismo que deveria envergonhar quem o pratica diante de tanto malefício que causa a quem sofre. A autora posiciona-se como sujeita de conhecimento estabelecendo uma forma de combate aos meios de dominação social, inclusive à opressão. Para bell hooks, “quando exercemos um trabalho intelectual insurgente que fala a um público diverso, a massas de pessoas de diferente classe, raça ou formação educacional nos tornamos parte de comunidades de resistência, coalizões que não são convencionais” (1995, p. 476). Neste caso, a autora combate o silenciamento através da escrita como instrumento de resistência

⁹ Geni Mariano Guimarães é paulista, contista e poeta. *Terceiro filho* (1979) é o seu primeiro livro. Escreveu também *Da flor o afeto* (1981), *Leite de peito* (1988), *Aquilo que a mãe não quer* (1998), *A cor da ternura* (1998), dentre outros. Inserida na literatura negra, ela, assim como Cristiane Sobral e outras escritoras afrodescendentes, escreve textos com temáticas e personagens voltadas para a condição social da/o negra/o.

e da expressão de aspirações individuais e coletivas. Nesta linha de pensamento, percebemos similaridade entre a postura de Geni Guimarães e a de Cristiane Sobral: ambas se apropriam de suas capacidades intelectuais para ocupar um espaço historicamente negado a mulheres como elas. Franz Fanon explica sobre a negação da liberdade para executar trabalhos intelectuais.

A esse respeito formularei uma observação que já encontrei em muitos autores: a alienação intelectual é uma criação da sociedade burguesa. E chamo de sociedade burguesa todas as que se esclerosam em formas determinadas, proibindo qualquer evolução, qualquer marcha adiante, qualquer progresso, qualquer descoberta. Chamo de sociedade burguesa uma sociedade fechada, onde não é bom viver, onde o ar é pútrido, as ideias e as pessoas em putrefação. E creio que um homem que toma posição contra esta morte, é, em certo sentido, um revolucionário. (FANON, 2008, p. 186).

Para ele, a sociedade burguesa é castradora dos direitos das minorias e, portanto, apoia a prática da violência epistêmica. Fanon denomina *revolucionário* quem desafia a exclusão a partir de ações que liberem caminhos para a expressão em todas as esferas. Neste caso, mulheres negras, enquanto constituintes de um grupo excluído de todo e qualquer privilégio, demonstram resistência quando se propõem ao trabalho literário e contribuem para contestar padrões estabelecidos. A respeito da resistência supracitada, Edward Said especifica o tema mencionando as narrativas como necessárias à consolidação da igualdade: “O poder de narrar, ou de impedir que se formem e surjam outras narrativas, é muito importante para a cultura e o imperialismo, e constitui uma das principais conexões entre ambos” (2011, p. 11). Entendemos que o impedimento à narrativa é uma forma de imperialismo e, portanto, de poder. Contestar a ordem vigente é interesse de Geni Guimarães e também de Cristiane Sobral.

2.1 Um campo de enfrentamentos

O tapete voador (2016b) abriga um conjunto de narrativas similares no que tange às características identitárias de sujeitas negras. Ao examinar a fortuna crítica¹⁰ de Sobral, é possível verificar a abordagem relativa aos traços físicos e à elevação da autoestima da mulher

¹⁰ Os artigos “Literatura afro-brasileira: questionamentos e ruptura de ideais hegemônicos”, de Consoelo Costa Soares Carvalho, publicado em 2016; “Para gostar de ser: literatura negra, racismo e autoestima”, de Denise Almeida Silva e “Cadernos Negros: poéticas da resistência e a temática dos cabelos crespos em Pixaim e Afagos”, de Bárbara Maria de Jesus Oliveira e Maria Anória de Jesus Oliveira, publicado em 2015, são exemplos de trabalhos que abordam a obra de Cristiane Sobral. Exceto “Pixaim”, as demais narrativas têm sido pouco abordadas e não foi localizado trabalho voltado para a obra *O tapete voador* (2016b) até o momento da confecção desta dissertação.

negra como temas recorrentes. Em entrevista concedida à Denise Lima e publicada na revista *Urdimento*, Sobral esclarece porque prefere tratar da aparência.

Desde criança, questiono o não-lugar dos cabelos crespos negros, os estereótipos atribuídos aos afro-brasileiros, pra falar especificamente do gênero feminino, as meninas negras ocupam quando muito, um padrão anti-bárbie, onde são taxadas de “feias”, de ter o cabelo “ruim” (SOBRAL, 2016d, p. 394, sic, grifos da autora).

Os contos em análise dialogam entre si; propiciam conversa com outros trabalhos no tocante à identidade, temática relevante nos escritos em questão, e ilustram o esclarecimento da autora no que tange aos estereótipos atribuídos a mulheres negras. Em “Pixaim”, a personagem ainda criança é rejeitada por conta de seus traços físicos: “Pela primeira vez ouço a expressão cabelo ‘ruim’” (SOBRAL, 2016b, p. 38). A vizinha e a mãe lutavam para ‘amolecer’ sua ‘carapinha ‘dura’” e torná-la “igual às outras crianças” (SOBRAL, 2016b, p. 38, grifos da autora). Consoelo Carvalho afirma que “em *Pixaim*, por exemplo, a personagem é coagida a negar a textura dos seus cabelos que ela tanto gosta, para se enquadrar aos padrões estéticos” (2016, p. 9, grifo da autora, sic). Quanto à construção processual da identidade, Bárbara Maria de Jesus Oliveira e Maria Anória de Jesus Oliveira concordam com Glissant e explicitam que se trata de “um processo transitório, visto que o sujeito pode modificar seus comportamentos, sentimentos, modos de se ver, de se identificar, reconhecer” (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2015, p. 109). Nos três contos, o cabelo é tomado como parte principal para a construção e para a afirmação do poder feminino.

Florentina Sousa, ao escrever sobre mulheres negras escritoras, reporta-se a Cristiane Sobral asseverando que esta última transforma o cabelo numa metonímia capaz de representar as identidades, principalmente das mulheres negras. “Cabelo também é política. É uma forma de empoderamento, identidade e aceitação” (SOBRAL, 2016d, p. 395). Para a pesquisadora, a autora estabelece “uma relação entre exterioridade (cabelo) e interioridade (subjetividade e identidade negras) ” (SOUSA, p. 31, 2017). Construir ficções é um ato político: significa assumir realidades considerando o lugar de fala. Tomando por base a produção de sujeitas negras, é possível perceber o impedimento ao direito de narrar em duas frentes: o primeiro refere-se à própria existência dessas sujeitas em âmbito diferente do doméstico ou serviçal; e o segundo remete à imposição para que não narrem a partir de posicionamentos contrários à manutenção do cânone. O significado da escrita ultrapassa, portanto, os limites da literariedade para transgredir padrões impostos e estabelecer reinvidicações. Fernanda Rodrigues Figueiredo explica sobre o tema.

Escrever, para estas mulheres, é “ultrapassar” uma percepção única da vida; é construir mundos e neles apreender, discutir, apontar, enfim, serem agentes imprescindíveis à vida. As vozes-mulheres negras são, portanto, as vozes, agora audíveis, não somente a própria voz, mas as vozes ancestrais silenciadas por séculos de exclusão. As mulheres negras se posicionam e constituem uma resistência contra os preconceitos. Suas tessituras literárias vão rompendo com as barreiras, qual agulhas nas mãos tecelãs, ora com pontos apertados da crítica, ora com pontos finos, mas firmes da poesia. Elas soltam as mãos e os olhares em seus teares, formando, aos poucos, nova roupagem para a literatura brasileira: a literatura afro-brasileira de autoria feminina. O papel das escritoras é escrever e inscrever a memória do povo negro pelo olhar de dentro; um olhar que recusa as omissões que a sociedade brasileira, sob a égide do mito da democracia social e racial, impôs e ainda impõe à população afrobrasileira (FIGUEIREDO, 2009, p. 105, grifos da autora).

A pesquisadora expressa a profundidade do significado que tem a escrita de mulheres negras enquanto produção memorialística e capaz de fincar uma posição enunciativa de quem verdadeiramente pode expressar as angústias de uma coletividade. Neste contexto, a relevância da presença de textos voltados para a história e para a memória dos povos se dá no conhecimento proporcionado e na repercussão que a arte e a informação são capazes de acarretar. Resgatar os aspectos em questão significa contribuir para a construção e para a afirmação identitária da pessoa negra além de alertar para as injustiças ainda em vigor. No domínio colonial, esta realidade era intensa e na pós-modernidade os indícios ainda são veementes:

O que poderia ser considerado como história ou reminiscências do período colonial permanece, entretanto, vivo no imaginário social e adquire novos contornos e funções em uma ordem social supostamente democrática, que mantém intactas as relações de gênero segundo a cor ou a raça instituídas no período da escravidão (CARNEIRO, 2011a, p. 1).

O legado de exclusão imposto a mulheres negras é decisivo para que, na atualidade, permaneçam restrições às sujeitas de conhecimento no que se refere à produção, divulgação, edição e venda dos trabalhos. Aquelas que se propõem a tamanho desafio agem de maneira contrária aos anseios das classes dominantes. “Sem dúvida, houve uma ampliação de espaços de publicação, seja nas grandes editoras comerciais, seja a partir de pequenas casas editoriais, em edições pagas, *blogs*, *sites*, etc.” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 7, grifos da autora). Apesar dos avanços, para a pesquisadora, os ambientes de divulgação não recebem a mesma valoração uma vez que publicar um livro não garante condições de reconhecimento igualitário. Desse modo, homens brancos ainda estão em número maior nas livrarias e mantêm mais identificação com o grande público do que qualquer outro grupo social. O estudo de Regina Dalcastagnè

atestou que 80% das personagens dos romances brasileiros publicados a partir de 1965 são brancas. Esta condição expõe a necessidade de demarcar espaços.

Afinal, publicar um livro não transforma ninguém em escritor, ou seja, alguém está nas livrarias, nas resenhas de jornais e revistas, nas listas dos premiados concursos literários, nos programas das disciplinas, nas prateleiras das bibliotecas. Basta observar quem são os autores que estão contemplados em vários dos itens citados, como são parecidos entre si, como pertencem a uma mesma classe social, quando não têm as mesmas profissões, vivem nas mesmas cidades, têm a mesma cor, o mesmo sexo [...] (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 7-8)

A pesquisa demonstrou que os livros publicados no Brasil são oriundos de escritores brancos, o que atesta o caráter hierarquizado das literaturas aqui produzidas. Ademais, é lícito ponderar as condições de produção e a receptividade dos trabalhos de grupos subalternizados como instrumentos para compreender a resistência implícita nas narrativas. A representatividade da escrita executada por mulheres negras é abrangente, pois apresenta a expressão de si mesmas, de seus ancestrais e de toda uma coletividade prejudicada pelas consequências da diáspora¹¹ e do racismo. Florentina Souza cita Paul Gilroy para mencionar as implicações do deslocamento de africanos para outras regiões.

Concordo com Paul Gilroy quando ele afirma que a diáspora constitui uma chave produtiva para pensarmos as culturas negras como revestidas de sentidos a partir da história da escravização e dispersão de africanos e seus descendentes por várias partes do mundo, ela possibilita trabalharmos em tensão com as chaves da similaridade e também as da diferenciação [...] (SOUZA, 2017, p. 26).

A objetificação das sujeitas negras foi proposital no sentido de que conferiu exclusão em todos os aspectos. Disto resulta a necessidade de ações incisivas a fim de contrariar a ordem vigente no que diz respeito à manutenção de regalias nos âmbitos literário e científico através da permanência de grupos sociais aos quais historicamente sempre foi assegurado o direito de expressão. De acordo com Fonseca (2011, p. 270), escritoras como Cristiane Sobral “trazem para seus textos um eu-mulher enunciador de visões de mundo que desestabilizam tanto o racismo quanto o sexismo”. A partir da localização do objetivo da autora enquanto narrativa que impõe sua presença em um meio predominantemente masculino e branco, é possível

¹¹ Consideramos nesta pesquisa o conceito de diáspora elaborado por Aimée G. Bolaños no *Dicionário das mobilidades culturais*. “Na teoria atual da diáspora, os topos discursivos recorrentes referem-se à viagem, origem, memória, migração, exílio, expatriação, nação, regresso, tradições, mitos fundadores, habitabilidade, localização, fronteira, zonas de contato, entre-lugar, sendo o tema da identidade/alteridade a maior referência. Vinculados ao conceito, aparecem termos compósitos de teor teórico-operativo que o matizam, fazendo possível uma mais apurada e diversificada trama analítica como dimensão, imaginação, espaço, sujeito cosmopolita, experiência, que une reflexão e vivência, todos diaspóricos” (BOLAÑOS, 2010, p. 185).

compreender o quão deliberado e árduo é o esforço para compor a literatura nacional. Cristiane Mare da Silva reporta-se aos trabalhos científicos e literários de autoria feminina.

Logo, estudos, coletivos de mulheres negras, pesquisas e textos literários, vidas que vem se entretecendo para que corpos de mulheres negras, possam falar de si e de sua humanidade, rompendo com estruturas hegemônicas que lhe são impostas desde o nascimento, na produção de fissuras, pois dentro de espaços com ranços escravocratas e coloniais, não existe lugar, tampouco legitimidade para a nossa voz e existência. Em territórios que imperam os resquícios e a consequência do colonialismo, os não brancos precisam invariavelmente de tradutores, pois os colonos e seus descendentes, são incapazes de ouvir outras vozes, que não a si mesmo (SILVA, 2016, p. 83, sic).

Para a autora, o silenciamento é parte das estratégias do colonizador e traz consequências mesmo tendo sido oficialmente encerrada há séculos a escravização. A luta por conhecimento faz parte da trajetória dos africanos e afrodescendentes. Para o racista sempre foi importante negar as capacidades intelectuais de grupos tidos como inferiores a fim de garantir privilégios. Sabendo que a leitura e a escrita permitem a ascensão social através do desempenho de novos papéis, o mais provável era tentar impossibilitar o avanço dos estudos para quem até mesmo a humanidade foi negada. Além disso, o respaldo conferido à fala de sujeitas negras é baseado na necessidade de um tradutor: o branco. Isto se deve ao fato de que a voz feminina negra não tem espaço para se consolidar de acordo com o pensamento hegemônico. Assim, o lugar de fala é fundamental para combater a ideia de que a enunciação de mulheres negras não é capaz de dizer sobre si mesma de um ponto de vista inteligível. Sobre a influência do preconceito racial na negação do direito de expressão intelectual, Ângela Davis é contundente.

Com frequência, os poderes mistificadores do racismo emanam de sua lógica irracional e confusa. De acordo com a ideologia dominante, a população negra era supostamente incapaz de progressos intelectuais. Afinal, essas pessoas haviam sido propriedade, naturalmente inferiores quando comparadas ao epítome branco da humanidade. Mas, se fossem realmente inferiores em termos biológicos, as pessoas negras nunca teriam manifestado desejo nem capacidade de adquirir conhecimento (DAVIS, 2016, p. 109).

A quem foram negados nacionalidade, nome, liberdade, família e, muitas vezes, a própria vida, não é surpresa que se tenha contestado as capacidades intelectuais. Era importante enfatizar a incapacidade de expressão da pessoa negra, principalmente, para afastá-la da possibilidade de ascensão social. Por isso, Davis defende que o poder do racismo subjuga o pensamento desses indivíduos partindo do pressuposto de que nada eram além de propriedades. Entretanto, o argumento de que a genética impossibilita negras (os) de construir pensamento é demolido pela trajetória de busca por este direito inscrita na História e na Literatura.

A obra *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves, exemplifica a afirmação de Davis sobre a necessidade de atribuir à pessoa negra a incapacidade de aprendizagem e também ilustra as ações contrárias a esta imposição. A protagonista, ainda criança, é sequestrada em Uidá, na África, e escravizada na Bahia. Sinhá Ana Felipa, a proprietária de Luísa¹², por ocasião da visita de padre Notório, procura por um escravo que saiba ler e escrever para preparar receitas de um caderno. “A Esméria disse que não, que ninguém sabia ler ou escrever, e a sinhá respondeu que era o que esperava mesmo, que cabeça de preto mal dava para aprender a falar direito, quanto mais para ler e escrever” (GONÇALVES, 2017, p. 91). Apesar de precisar do trabalho intelectual de seus subordinados, a sinhá prefere assegurar a ignorância dos mesmos, inclusive praticando violência psicológica quando afirma que são incapazes porque têm a pele negra. Não imagina que Luísa irá desafiá-la, a princípio aproveitando-se da presença do professor da sinhazinha Maria Clara.

Enquanto a sinhazinha Maria Clara copiava as letras e os números que o Fatumbi desenhava no quadro-negro, eu fazia a mesma coisa com o dedo, usando o chão como caderno. Eu também repetia cada letra que ele falava em voz alta, junto com a sinhazinha, sentindo os sons delas se unirem para formar as palavras (GONÇALVES, 2017, p. 92).

A narrativa explicita a metodologia de aprendizagem empregada pela protagonista: substituía o caderno pelo que tinha disponível, no caso, o chão; praticava a leitura associando à oralidade através da repetição e da observação dos sons das letras e, por fim, analisava a união dos fonemas para formar palavras. Se consideramos o padrão ocidental de educação empregado nesta prática metodológica, concluiremos que se trata de uma atitude absolutamente racional e capaz de refutar o possível argumento de que Luísa tinha um dom ou apenas um talento. Pelo contrário, ela agia com consciência em busca de aprendizagem. Estava empenhada e certa da importância de tal ato. Precisava saber ouvir para construir os conhecimentos necessários a uma mudança de vida no futuro.

Fatumbi era um escravizado letrado que, entendendo o valor que o conhecimento teria na vida de Luísa, estimula a menina e passa acompanhá-la. Ela desenvolve a leitura e a escrita, inclusive através das rezas católicas para aprendizagem de idiomas. Primeiro aprende a falar as

¹² Ella Ferreira Bispo, em dissertação a respeito da obra *Um defeito de cor*, esclarece que a protagonista assume três nomes: Kehinde, Luísa Gama e Luísa Andrade da Silva. Eles “revelam faces diferentes – porém complementares – de uma mesma personagem” (BISPO, 2017, p. 75). Para saber mais sobre o assunto leia: “Processos de crioulanização no romance *Um defeito de cor*: as condições de possibilidade a uma identidade cultural latino-americana”, disponível no sítio: http://repositorio.ufpi.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/1143/p%C3%B3s_letras_ella_bispo.pdf?sequence=1

línguas africanas e, em seguida, as de matriz europeia para saber o que o colonizador diz e sobressair-se posteriormente. Desse modo, ela não despreza nenhuma língua, nenhum conhecimento e muito menos oportunidades para aprender. Do que parecem momentos insignificantes, como a reza dos brancos, ela oportuniza um ganho intelectual. “Eram mesmo orações bonitas, que mais tarde também aprendi em iorubá, eve-fon e, muitos anos depois, em inglês e em francês” (GONÇALVES, 2017, p. 93). Tornar-se sujeita cognoscente lhe proporcionará a alforria e, mais tarde, sucesso como empresária: tudo o que era inadmissível do ponto de vista da classe dominante.

Apesar das condições de exclusão a que mulheres negras foram submetidas, a presença de autoras tais como Ana Maria Gonçalves e Cristiane Sobral no campo literário fortalece a quebra de estereótipos e a ascensão de grupos sociais postos à margem. Para Sobral, a “arte literária compromissada precisa ser arte antes de ser compromissada” (2016a, p. 56). Assim, a escrita se coloca como instrumento para aprofundar temáticas antes reduzidas à indiferença no cenário da literatura brasileira e demonstra toda a resistência inerente a estas sujeitas. Miriam Alves é enfática ao tratar do assunto.

A produção textual das mulheres negras é relevante, pois põe a descoberto muitos dos aspectos de nossa vivência e condição que não estão presentes nas definições dominantes de realidade e das pesquisas históricas. Partindo de outro olhar, debatendo-se contra as amarras da linguagem, as mordidas ideológicas e as imposições históricas, propicia uma reflexão revelando a face de um Brasilafro feminino, diferente do que se padronizou, humanizando esta mulher negra, imprimindo um rosto, um corpo e um sentir mulher com características próprias (ALVES, 2010, p. 67).

Reivindica-se a apresentação de personagens que resguardem a expressão, os anseios, as lutas e a subjetividade feminina. Nesse sentido, os esclarecimentos de Miriam Alves casam com os de Cristiane Sobral: “a personagem negra surge liberta do papel de objeto, normalmente veiculado em nosso meio, e conquista e define os contornos da sua existência como protagonista das próprias histórias” (SOBRAL, 2016a, p. 55). Reflete-se sobre a necessidade de ampliar os espaços para publicação e divulgação das obras pertencentes à literatura negra; especialmente, é necessário acentuar a maneira como nós, pesquisadoras, percebemos o papel da mulher como personagem e como escritora.

A emancipação é um caminho ainda a ser percorrido em sua integralidade porque insiste a visão que se tem da mulher negra como indigna de intelectualidade, resignada ao trabalho serviçal e relacionada ao erotismo. “A subordinação sexista na vida intelectual negra continua a obscurecer e desvalorizar a obra das intelectuais negras” (hooks, 1995, p. 467). Neste caso, a escrita se estabelece como mecanismo de resistência e afirmação através da contestação do

lugar de referência antes restrito ao canône. Por esses motivos, a escritora e pesquisadora Serafina Machado alerta sobre a influência da linguagem como ferramenta de domínio.

O marginalizado, através da palavra, pode disseminar o inconformismo, revelar o invisível, refletir sobre a condição do subalterno. O silenciamento das mulheres é, neste sentido, profundamente significativo para embasar uma reflexão sobre a condição de dominação e poder (MACHADO, 2012, p. 137).

Do inconformismo, originam-se os movimentos contrários à manutenção da autoridade imposta pela classe dominante, ou seja, a busca por uma posição mais igualitária. De acordo com as análises de Machado, a contestação, oriunda de muitos anos de resignação para com os maus tratos sofridos, resulta em sentimentos como raiva e indignação capazes de gerar respostas violentas às tentativas de silenciamento. De acordo com Ricardo Riso,

Na contemporaneidade, o enfrentamento ao racismo impregnado na sociedade brasileira tem na palavra poética de Cristiane Sobral (1974) uma voz ativa e antirracista, a valorizar o cabelo crespo das (os) negras (os) como temática recorrente de sua obra, apresentando as diversas contradições e a complexa relação de aceitação/rejeição que temos com o nosso cabelo ao longo da vida em um país no qual o modelo de cabelo é o liso e “bom” das mulheres brancas (RISO, 2015, p. 9, grifos do autor).

A referência aos cabelos é recorrente nas narrativas da autora¹³. Ela deixa clara sua preferência pela aparência negra quando cria personagens que lutam para mantê-la, ou seja, demonstram aceitação e afirmação; ou que são chamadas a modificá-la, praticando autonegação. Tais situações estão presentes nas narrativas em análise. Neste contexto, segundo Hildália Fernandes, *O tapete voador* (2016) ressalta os aspectos enfatizados por Cristiane Sobral no que se relaciona à identidade racial; apresenta as associações feitas no que tange ao cabelo da pessoa negra enquanto estética e enquanto pertencimento e menciona os casos de racismo no mercado de trabalho como é o caso do conto cujo título é o mesmo da obra. Para Fernandes, a escrita de Sobral, “precisa ser concebida como uma rica e complexa ferramenta que pode e de fato auxilia em processos de emancipação e empoderamento” (2017, p. 2). O

¹³ Nos três contos em estudo, a autora manifesta sua tendência a ressaltar os cabelos crespos como metonímia para o corpo negro. “Pixaim” traz a luta de uma criança para manter suas raízes através do posicionamento contrário ao alisamento que lhe é imposto. “O tapete voador” apresenta uma protagonista certa de suas convicções, mas desafiada a alisar os cabelos para manter o emprego. “Metamorfose” é a história de Socorro: uma jovem que tem extrema necessidade de parecer branca e, para tanto, mantém os cabelos artificialmente lisos. Sobral apresenta a mesma temática em outras obras de sua autoria como, por exemplo, no conto “Das águas”, publicado na coletânea *Olhos de azeviche* (2017) e nos poemas “Tridente, o meu pente” e “Preto no preto”, publicados em *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz* (2016c). Além de Sobral, outras autoras negras brasileiras tratam das construções identitárias femininas a partir dos cabelos. Dentre elas, sugerimos a leitura de “Antes que águas da cabaça sequem...”, de Elizandra Sousa, publicado em *Cadernos Negros*, volume 34 (2001) e também o conto “A copa frondosa da árvore”, de Eliana Alves Cruz, publicado em *Cadernos Negros*, volume 40 (2017).

cenário de situações que envolvem a temática em análise é estabelecido sem esquecer da apresentação artística que a fundamenta.

Cassiana Soares de Macêdo esclarece que Cristiane Sobral “faz parte dessa nova leva de escritores interessados em fazer uma nova leitura sobre os valores culturais de uma sociedade racista, mostrando um olhar de quem tem propriedade para falar” (2015, p. 33). A realidade com que a escritora expõe os conflitos das protagonistas leva a refletir sobre a condição feminina porque Sobral mostra um mundo negligenciado, aparentemente desnecessário e fútil, como é o caso dos cabelos. Nas peculiaridades, o texto desenha os dramas interiores da maioria das mulheres negras e as diversas maneiras como elas reagem ao preconceito. Nesta linha de análise do campo, é importante citar Amanda Crispim Ferreira e Luiz Carlos Ferreira de Melo Migliozi.

Cristiane Sobral retoma tanto a questão social, quanto a existencial apontadas por suas precursoras. E, ademais a esses pontos, a autora traz uma reflexão sobre os anseios da mulher negra na atualidade. Sobral, que provavelmente não morou na favela, nem passou fome, apresenta em seus escritos outras fomes. Seu lugar de fala é outro, não é o mesmo de suas precursoras, contudo, parte deles. A voz de Sobral revela um outro tipo de luta, não mais contra a fome ou por uma moradia digna ou pelo direito de ser mulher e mãe, mas pelo direito a uma profissão, a um relacionamento afetivo verdadeiro, a assumir a sua identidade negra [...] (FERREIRA & MIGLIOZZI, 2016, p. 5916).

Por este ponto de vista, é possível analisar os escritos de Sobral nas dimensões social e estética, considerando as especificidades relacionadas aos posicionamentos da mulher contemporânea ora escravizada pelos padrões de beleza, ora tentando quebrar as amarras que as relações impõem a sua afirmação identitária. Nesse contexto, “Pixaim” é a história de uma garota obrigada pela mãe a alisar os cabelos ainda na infância. Ela só atinge a liberdade na fase adulta quando conquista o direito de dizer não às estratégias para disfarçar sua negritude, sobretudo porque adquire a consciência de que não é necessário se sujeitar. A narrativa foi publicada em *O tapete voador* (2016), mas também já havia sido divulgada em *Espelhos, Miradouros, Dialéticas da Percepção* (2011) e também no volume 24 de *Cadernos Negros* (2001). Em artigo, Consoelo Carvalho reporta-se às obras de Cristiane Sobral, enfatizando a integridade da abordagem da autora a partir do lugar de fala que lhe é pertinente.

[...] quando autores afro-brasileiros se assumem negros afirmando uma identidade negra, eles ao construírem suas personagens projetam nelas esta outra perspectiva social que subverte um sistema de exclusões e constrói novos valores, tornando positivo o que ainda é considerado negativo. Ou seja, é outro o lugar do negro nessa literatura porque ele possui voz, fala de si e por si sem intervenções de eu que se coloca como superior (CARVALHO, 2016, p.14).

Assim, encontrou-se no trabalho citado uma suposição que pode ser pertinente à análise proposta: a de que a identidade feminina negra aparece em Cristiane Sobral por meio de suas protagonistas como forma de reivindicar espaços inerentes à mulher negra. Além disso, a pressão exercida pela sociedade tem repercussão reducionista sobre a altivez, pois o cabelo passa a ser um estigma do qual a protagonista é obrigada a livrar-se. Denise Almeida Silva também trata da relação entre racismo e autoestima fazendo abordagens esclarecedoras sobre a construção identitária apresentada por Cristiane Sobral em “Pixaim”.

Face à importância física e ideológica do corpo negro, não surpreende que a literatura afro-brasileira tenha, frequentemente, tematizado a valorização da negritude, salientando, nesse contexto, tanto a tensão resultante da não aceitação do próprio corpo como o apaziguamento, a realização e a harmonia que provém de sua aceitação e valorização (SILVA, 2016, p. 91).

Do enunciado de Silva, inferimos que a literatura de Sobral apresenta a construção paulatina da identidade através da aceitação, após os embates que compõem esta conjuntura social. Fazem parte dos mecanismos de construção identitária e estão presentes nos contos em análise situações tais como a autonegação, a consciência de si e o empoderamento. Por outro lado, a valorização de si mesmas requer esforços no sentido de concordar que os traços físicos não são redutores de uma condição, mas simplesmente uma imposição social que criou um padrão depreciativo sobre a raça. Para Patrícia Hill Collins, os estereótipos são criados com a finalidade de oprimir mulheres negras e controlar comportamentos afirmativos. “Como punição, mulheres negras têm sido atacadas com uma variedade de imagens externamente definidas, projetadas para controlar seu comportamento assertivo” (2016, p. 103). Desse modo, os estereótipos aparecem como forma de podar a libertação feminina através da implantação da baixa autoestima.

No mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa. Em torno do corpo reina uma atmosfera densa de incertezas (FANON, 2008, p. 104).

A dúvida quanto a aceitar-se ou modificar-se faz parte do percurso para o autoconhecimento. É possível identificar, portanto, um processo dialético onde, para fugir dos estereótipos, é preciso reconhecê-lo no contexto da ideologia dominante. O conhecimento em *terceira pessoa* citado por Frantz Fanon pode ser explicado através da visão do outro; capaz de objetificar para determinar condutas. A discussão sobre o corpo negro é de caráter social, além de subjetivo e pessoal porque a influência que a sociedade exerce determina comportamentos. Bárbara Maria de Jesus Oliveira e Maria Anória de Jesus Oliveira escreveram artigo sobre dois

contos publicados no volume 24 de *Cadernos Negros* (2001): “Afagos”, de Elizandra Sousa e “Pixaim”, de Cristiane Sobral. Elas discutem a temática dos cabelos crespos e a poética inerente à escrita da autora. Sobre o primeiro item, afirmam que “em relação ao segmento étnico-racial negro, não tem sido diferente; afinal, desde cedo aprendemos a vislumbrar nossas faces desqualificadas, colocadas aquém ao legado ocidental” (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2015, p. 106). Os estudos reportam-se à atitude da protagonista em recusar as imposições de sua mãe como uma tentativa de valorizar os traços característicos do negro, o que sugere uma busca por afirmação identitária.

“Cauterização” foi publicado no volume 32 de *Cadernos Negros* (2009), através do qual tivemos o primeiro contato com a autora. O mesmo conto, com algumas modificações, passou a se chamar “Metamorfose” e foi publicado em 2016 em *O tapete voador*. O novo título oferece a dimensão do caráter processual pelo qual a protagonista passa no que se refere à sua identidade, conforme será analisado adiante. Ao contrário da autonegação praticada por Socorro em “Metamorfose”, a protagonista de “O tapete voador”, demonstra aceitação de suas características físicas, mas é convocada pelo presidente da empresa onde trabalha com a proposta de disfarçar sua negritude: “Não me leva a mal, mas já temos bons produtos para minimizar acidentes genéticos desagradáveis, como o cabelo do negro. É um dos seus defeitos” (Sobral, 2016b, p. 10). O chefe acreditava ser branco apesar de ter a pele negra e julgava que apenas uma mudança nos traços físicos traria a ascensão profissional de Bárbara. O olhar do presidente defende o mundo branco e masculino denunciado por Patrícia Hill Collins.

O status de ser o “outro” implica ser o outro em relação a algo ou ser diferente da norma pressuposta de comportamento masculino branco. Nesse modelo, homens brancos poderosos definem-se como sujeitos, os verdadeiros atores, e classificam as pessoas de cor e as mulheres em termos de sua posição em relação a esse eixo branco masculino. Como foi negada às mulheres negras a autoridade de desafiar essas definições, esse modelo consiste de imagens que definem as mulheres negras como um outro negativo, a antítese virtual da imagem positiva dos homens brancos (2016, p. 105, grifos do autor).

A opressão segrega direitos e abala a autoestima através da construção de um ambiente social onde tudo que pertence ao branco é valorizado em detrimento do que é negro. Por meio da visão depreciativa do corpo, pretende-se justificar e dar continuidade à condição marginalizada das sujeitas negras. Apesar da realidade descrita, há imposição e luta por igualdade de direitos, isto é, agência contra a exclusão. Os desafios encontram a resistência de mulheres como Sobral embora as condições de raça, classe e gênero imponham o silenciamento registrado durante muitos anos na história da literatura brasileira. “Assenhoreando-se ‘da pena’, objeto representativo do poder falo-cêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no

corpus literário brasileiro imagens de uma auto-representação” (EVARISTO, 2005, p. 205, grifos da autora). Segundo Conceição Evaristo, as vivências permitem lutar abertamente contra a inferiorização a partir de uma perspectiva literária afirmativa. Acreditamos ser esta postura intrínseca a Cristiane Sobral.

2.2 Uma poética da Relação em Sobral

A interpretação das narrativas que fazem parte desta análise visa ao caráter processual que, conforme nossa hipótese, seria inerente à construção identitária das protagonistas, considerando a possibilidade de uma relação entre esta construção e o lugar de fala. Neste sentido, eis o nosso problema de pesquisa: nos contos “Pixaim”, “O tapete voador” e “Metamorfose”, de Cristiane Sobral há uma relação possível entre lugar de fala e construção de identidades femininas negras? Para tanto, é relevante observar a resistência das sujeitas de conhecimento e a agência de mulheres negras, assim como a investigação relativa às posturas identitárias das personagens. Sobre este ponto, Linda Martín Alcoff discorre:

Portanto, a identidade social é relevante para o julgamento epistemológico não porque a identidade determina o julgamento, mas porque a identidade pode, em algumas instâncias, produzir o acesso à percepção dos fatos que podem ser relevantes para a formulação de várias reivindicações de conhecimento (ALCOFF, 2016, p. 141).

As noções de Alcoff dispensam essencialismos uma vez que a identidade não é considerada como um fim, mas como um meio. Para a filósofa, identidades são ferramentas capazes de possibilitar o acesso a fatos com o intuito de produzir conhecimentos. Neste âmbito, é necessário conceber sujeitas negras enquanto portadoras de identidades capazes de elaborar epistemologias para reivindicar espaços sociais, conforme propusemos anteriormente. Desse modo, a escrita consolida-se como mecanismo de resistência porque abriga o desejo de rompimento com uma conjuntura de segregação. Em texto publicado na revista *Cosmopolitan*, Sobral esclarece sobre a desumanização e sobre seu posicionamento frente a uma sociedade racista. “Estereótipos desumanizam pessoas. São generalizantes, superficiais e têm bases irracionais. Pessoas possuem identidades múltiplas e móveis, [...]” (2018, p. 100). Por esta linha de raciocínio, sujeitas/os negras/os não são vistas/os como pessoas. Para ela, o fato de negras/os necessitarem de inserção social denota que o conceito de pessoa não as comporta. Débora Almeida partilha do mesmo raciocínio.

A mentalidade racista que retirou os negros da África e os trouxe cativos para a América utilizou-se de todos os artifícios para desumanizar nossa história e nossas memórias, desumanizou nossos corpos, endemoniou nossas crenças, transformando nosso cotidiano em momentos sombrios, indignos de serem lembrados. Os racistas pintaram um quadro sobre a história em que somos somente o pano de fundo. O resultado disso, na arte e na literatura, foi um desfile de personagens negros que transitavam entre os temas da escravidão e da marginalidade. A mentalidade racista nos reservou, na vida e na arte, os papéis de escravos, bandidos e prostitutas, figurantes da história branca, personagens que não tinham nem origem e nem fim; se apropriou da nossa história para transformarem-se em heróis brancos de negros fracos e desarticulados; transformaram o branco escravocrata em herói abolicionista e o negro lutador em inimigo, bandido, tudo isso com o único intuito de nos excluir e de nos inferiorizar, afirmando a superioridade branca (ALMEIDA, 2016, p. 130-131).

Reportando-se à criação literária, a autora enfatiza a importância da autorrepresentação uma vez que a literatura se ocupou, historicamente, de desumanizar personagens negras. Abandonar a condição de vilania, de marginalidade e de fraqueza permite abrir espaço para possibilidades humanas de apresentar sujeitas/os negras/os. A postura de Sobral encontra as explicitações de Almeida no sentido de que reafirma a defesa por uma posição de cognoscência negada a mulheres negras, desde a diáspora até a representação literária. De maneira consciente e estratégica, o racista criou formas de negar direitos e valores. De acordo com ela, a tentativa se projetava em todos os âmbitos de uma maneira tão abrangente que promoveu, em muitos casos, uma condição de vilania à pessoa negra. Felizmente, a consciência do pertencimento a uma raça à qual a inferioridade é atribuída, promove ações no sentido de combater a maldade impregnada nos pequenos e grandes gestos de exclusão. No tocante a esta agência, as epistemologias são eleitas de acordo com a capacidade de expressão e de reivindicação. Tais circunstâncias proporcionaram o desenvolvimento de condutas individuais e coletivas que variam da autonegação ao empoderamento de uma maneira processual.

Em *Introduction à une potique du Divers*, Édouard Glissant reconhece a instabilidade e a provisoriedade das identidades em um mundo contemporâneo, sob o signo de uma poética da Relação; tais identidades se mostram, no pensamento glissantiano, coerentes à imprevisibilidade e à provisoriedade caras à crioulização, percebendo uma possibilidade, não negligenciável, de inexecuibilidade das trocas culturais tal como preconizadas em um modelo rizomático (ALVES, 2014, p. 82).

Entendendo as noções de Alcoff segundo as quais a identidade é tida como um instrumento, podemos associá-las ao avanço, à processualidade e à provisoriedade ressaltadas por Alcione Correa Alves. Nesses termos, é possível considerar que os fatos mudam assim como nossas percepções sobre eles e nesse mesmo sentido a produção de conhecimentos sobre

os fatos muda. O fenômeno da criouliização é explicado por Glissant através da imprevisibilidade que marca a Relação entre culturas. Como os elementos em contato são heterogêneos, o impensado e, portanto, o imprevisível precisa ser considerado. O autor alerta para o fato de que a criouliização ocorre, mas não de maneira plena quando há sobreposição de uma cultura sobre a outra. “Ela se dá, mas de modo desequilibrado, que deixa a desejar, e de maneira injusta” (2005, p. 21). As trocas culturais abrigam o esforço para que a relação se efetive porque os embates, muitas vezes pautados no ódio, participam de tal conjuntura. No Brasil, por exemplo, a exploração colonial originou atrito entre brancos e negros por conta da escravização que submeteu estes últimos a uma condição desumana, o que sugere uma criouliização desequilibrada considerando que uma cultura se sobrepôs à outra.

Tomando por base um contexto literário para a poética, os textos de Cristiane Sobral nos permitem propor que o conhecimento do corpo negro tende a uma ação política baseada na Relação explicitada por Glissant. Esta noção tem como princípio básico a ideia de que os rizomas partilham da mesma terra e de que há espaço para todos. Kwame Anthony Appiah, em um contexto africano, mas perfeitamente aplicável aos demais continentes, dedica a obra *Na casa de meu pai* ao seu progenitor estabelecendo uma analogia entre os problemas do mundo e os da África. Ele relembra a premissa de Glissant sobre a certeza de que o planeta é capaz de abrigar a todos indistintamente.

Dele herdei a África em geral, Gana em particular, e Achanti e Koumassi, ainda mais particularmente; seu cristianismo (dele e de minha mãe) deu-me tanto o conhecimento bíblico que significa que, para mim, a expressão “na casa de meu pai...” deve ser completada por “há muitas moradas”, quanto a compreensão bíblica de que, quando Cristo proferiu essas palavras na Última Ceia, ele pretendia dizer que há espaço bastante para todos no paraíso – na casa de seu Pai. Até meu pai, que amava Gana tanto quanto qualquer um, teria resistido à assemelhação de Gana ao paraíso, embora talvez se sentisse tentado a afirmar que a Koumassi de sua mocidade ficava tão perto do paraíso quanto outro ponto da Terra. Mas, ele não negaria – ninguém que conheça esses lugares poderia negar – que há espaço de sobra na África, em Gana, até mesmo em Achanti, para todos os tipos e situações de homens e mulheres; que, em todos os níveis, a África é vária (APPIAH, 1997, p. 11-12, grifos do autor).

Se é possível comparar o pensamento glissantiano, no qual se estabelece um arquipélago entre os encontros culturais, também é permitido visualizar o pensamento de Appiah como uma forma humana e sensata de dizer que o mundo tem espaço para todos indiscriminadamente. Neste contexto, a desvalorização da cultura negra não encontra justificativa e Sobral levará em conta essas premissas para agir contrariamente à exclusão. Concomitante a isto, devemos lembrar que as milhares de identidades estabelecem contatos muitas vezes pautados em

preconceitos que ignoram a certeza de que sobra lugar para todos e de que é preciso resistir em conjuntura epistêmica e social.

Há dinamicidade e improviso, o que leva ao inesperado; Glissant defende a tese de que “o mundo se crioualiza” (2005, p. 18), isto é, existe uma troca entre as culturas oriunda dos contatos entre os indivíduos, causada pelos deslocamentos e capaz de promover modificações nas identidades. Ademais, a crioualização só ocorre verdadeiramente quando não há culturas sendo inferiorizadas. A partir dessas informações e, considerando o modelo brasileiro enquanto país cuja colonização se deu por exploração, entendemos que não se trata de uma sociedade estabilizada e muito menos pacífica do ponto de vista do encontro entre as culturas. Há atrito; embate e, portanto, podemos falar em uma crioualização enviesada na qual à cultura negra sobrou a inferiorização. É preciso que haja valorização por igual, equilíbrio entre os elementos postos em contato. Ela não ocorre satisfatoriamente quando há elementos culturais colocados em detrimento de outros. Neste caso, é possível afirmar que a escrita de mulheres negras vislumbra a efetividade da poética da Relação porque apresenta os afastamentos, ao mesmo tempo, em que propõe uma nova maneira de posicionar-se. Glissant avança em um modelo mais humano para as relações, atribuindo à literatura esta função.

E penso que somente através desta nova maneira de conceber o objeto literário poderemos escapar às antigas fixações, às antigas clausuras, a tudo aquilo que nos formou, a tudo aquilo que nos levou – nós países, países concretos, países reais, e intelectuais, artistas, escritores e poetas do Sul – a nos esforçarmos para liberarmos em nome dos próprios princípios que nos haviam imposto, sem que nunca os tivéssemos posto em xeque. Pôr em xeque os princípios, talvez signifique lutar e sonhar. Não penso que a luta e o sonho sejam contraditórios (GLISSANT, 2005, p. 113).

Para Glissant “a literatura só é bela no leito do mundo” (2005, p.113). Portanto, o sonho dele parece ser o mesmo de Sobral: que sejam consideradas as diferenças e que elas dialoguem. O empenho em escrever num contexto de discriminação a partir de um lugar social desprivilegiado expõe o descontentamento com conceitos universais e excludentes. A estrutura do pensamento não é exata; não é pontual. Para Gilles Deleuze e Félix Guattari, de quem Glissant se apropriou do conceito de rizoma¹⁴, as conexões adentram os componentes mais íntimos da sociedade. “Um rizoma não cessaria de conectar cadeias semióticas, organizações de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais” (DELEUZE;

¹⁴ Para aprender mais sobre as noções rizomáticas, indicamos a leitura do artigo de Sílvia Sérgio Oliveira Rodrigues, intitulado “A poética mangue: fluxos, rizomas e platôs”, disponível em: <http://revista.uepb.edu.br/index.php/REVISOCIOPOETICA/article/download/3062/1698>.

GUATARRI, 2011, p. 22-23). Os rizomas abrangem a multiplicidade das relações, bem como as manifestações provenientes das culturas, incluindo a literatura. Para os autores, a construção de conceitos é enraizante; não é encapsulada.

Os autores defendem a ideia de que os rizomas são diferentes das raízes pois os primeiros equivalem a bulbos, hastes subterrâneas, tubérculos. Eles podem se conectar em seus mais diversos pontos (princípio de conexão e de heterogeneidade), enquanto que elas são fixadas em apenas um ponto. Além disso, é preciso mencionar o princípio da multiplicidade, de acordo com o qual não existe unicidade, mas sim vários fios que se interligam: muitas dimensões que se conectam. “Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas” (DELEUZE; GUATARRI, 2011, p. 24). Não há pontos isolados, apenas elementos em relação. O rompimento de um rizoma não determina sua extinção; não há uma estrutura estabelecida, isto é, um modelo para o rizoma.

Para os filósofos, o rizoma é um mapa: “aberto e conectável em todas as suas dimensões” (DELEUZE; GUATARRI, 2011, p. 30). Portanto, identidades são mapas e a contística sobraliana, vista por este ângulo, permite leituras e interpretações conectadas a outros escritos e capazes de produzir um quadro mais amplo da literatura negra brasileira. Em “Pixaim” a protagonista tem suas construções identitárias marcadas pelo discurso racista. “Todo mundo se sentia no direito de me dar uns tapas, para me corrigir, para o meu bem. Eu era tudo de péssimo, ingrata, desgosto da mãe, má, bruxa. Meus irmãos também colaboravam me chamando de feia, *bombril*, macaca” (SOBRAL, 2016b, p. 40, grifo da autora). As ofensas às quais a protagonista estava submetida permitem estabelecer a noção de mapa quando observado o conto “As máscaras de Dandara”, de Serafina Machado¹⁵.

A atenção que os outros tinham sobre ela a incomodava, pois era mesclada com piadas e uma dolorosa melodia: “Nega do cabelo duro, que não gosta de pentear...”, ou com o irônico chamado: “Olha a neguinha do saravá”. Ela nem ao menos sabia o que era saravá. Sabia apenas que era algo ruim (MACHADO, 2009, p.108, grifos da autora).

Dandara relembra as condições impostas por uma coletividade castradora dos direitos à igualdade de expressão, responsável pelo silenciamento e pelo uso de disfarces. Ela se exclui; sente-se culpada. “Precisava esconder o seu crime” (MACHADO, 2009, p. 107). A atenção que

¹⁵ Serafina Ferreira Machado é contista, poeta e doutora em Letras pela Universidade Estadual de Londrina. Nasceu em 1980, no Paraná. Publicou no volume 29 de *Cadernos Negros*, na coletânea de contos de 2006, na edição de 2008, além do volume 32 onde é possível encontrar a narrativa mencionada.

outros davam a ela era vista com desconfiança e negatividade porque sempre havia um cunho de preconceito. Suas capacidades intelectuais eram postas em último plano. “Para os professores, era, sem dúvida, um grande destaque. Brilhante. Para os colegas de sala, apenas uma neguinha suja, fedida, feia... (MACHADO, 2009, p. 108). Por todos esses motivos, tinha baixa autoestima, recorria ao isolamento e usava máscaras. A violência reside não só nos xingamentos, mas na própria impossibilidade de reconhecer-se como pessoa.

Observando um quadro amplo da contística negra brasileira, é possível localizar, como ocorre nas duas narrativas, a desumanização de mulheres negras. Para bell hooks, existe “sempre a necessidade de demonstrar e defender a humanidade dos negros incluindo sua habilidade e capacidade de raciocinar logicamente, pensar coletivamente e escrever lucidamente” (hooks, 1995, p. 472). A contestação ao caráter humano das protagonistas se revela no tratamento dispensado a elas e é uma das abordagens recorrentes em literatura negra. Aplicando a noção de mapa à literatura de Sobral em diálogo com outras autoras negras brasileiras, é importante ressaltar que o modelo rizomático não prevê uma consciência pré-estabelecida no que tange à escolha de temáticas, mas sim apreender que a construção poética dessas escritoras é baseada em seu lugar de fala.

Para os enunciados como para os desejos, a questão não é nunca reduzir o inconsciente, interpretá-lo ou fazê-lo significar segundo uma árvore. A questão é produzir inconsciente e, com ele, novos enunciados, outros desejos: o rizoma é esta produção de inconsciente mesmo (DELEUZE; GUATARI, 2011, p. 38).

As conexões estabelecem diálogos para avançar na construção de conhecimentos. Ressaltamos que partilhar das mesmas experiências permite escrever de maneira peculiar, isto é, os mapas não reduzem as autoras a um caráter eminentemente universal, dadas as especificidades da poética de cada uma delas. A noção apresentada por Glissant prevê o crescimento do rizoma para baixo e para os lados, compartilhando da mesma terra. Dessa forma, ele avança sobre os esclarecimentos de Deleuze e Guattari que se reportavam ao crescimento para baixo, sem a obrigatoriedade de estabelecer relações. Entendemos que o pensamento sustenta uma grande rede a partir do lugar social ocupado por quem enuncia. Praticamos, nesta dissertação, o conceito que nos oferece direito à busca pela raiz, isto é, a ideia do retorno e de resistência. A origem de uma raiz pode determinar a maneira como ela entra em contato com outras raízes. Partindo deste princípio, deduzimos que Glissant considera o lugar de fala. Do encontro entre culturas resulta a diferença capaz de estabelecer os choques intrínsecos às conexões. Embora as condições de igualdade estejam muito aquém do desejado, existe uma

busca para estabelecer vínculos na produção e na divulgação literária. Em nossa leitura, o objetivo de Glissant é que raízes encontrem outras de maneira rizomática.

O que eu digo é que a noção de ser e de absoluto do ser está associada à noção de identidade ‘raiz única’ e à exclusividade da identidade, e que se concebermos uma identidade rizoma, isto é, raiz, mas que vá ao encontro das outras raízes, então o que se torna importante, não é tanto um pretensão absoluto de cada raiz, mas o modo, a maneira como ela entra em contato com outras raízes: a Relação. Uma poética da Relação me parece mais evidente e mais ‘enraizante’ atualmente do que uma política do ser (GLISSANT, 2005, p. 37, grifos do autor).

Sobral e protagonistas parecem *enraizantes* porque as vemos em uma tentativa de buscar, contemporaneamente, a prospecção de identidades do passado que ficaram no mar: perderam-se na travessia pelo Atlântico imposta pela diáspora. Por este motivo, lemos a autora como uma raiz que dialoga com outras escritoras, isto é, outras raízes, como por exemplo, Ana Maria Gonçalves em *Um defeito de cor*, Geni Guimarães no poema “Explicação” e Serafina Machado, no conto “As máscaras de Dandara”. Trata-se de pensamentos que se conectam como rizomas, estabelecendo proximidade semântica.

A princípio, é necessário considerar o caráter múltiplo da constituição identitária de cada sujeito: praticar o modelo rizomático. As tensões pertencem às negociações identitárias e a poética da Relação requer o abandono da unicidade em prol do respeito à multiplicidade. “Trata-se de uma concepção em que a ‘identidade’ assume múltiplas formas ou facetas que se delineiam em meio aos conflitos, tensões e, também, conforto, e que são produzidos no exílio ou na errância” (CORSINI, 2008, p 212-213, grifos da autora). É possível identificar embate entre culturas nos contos em análise e, neste contexto, percebe-se a presença dos rizomas, porque eles se referem ao encontro entre raízes distintas e fazem parte das culturas compósitas. De acordo com Glissant, as culturas compósitas são aquelas nas quais o processo de criouliização ocorre constantemente uma vez que são oriundas do contato entre elementos culturais heterogêneos. Os rizomas fazem parte dessas culturas. “Associei o princípio de uma identidade rizoma à existência de culturas compósitas, ou seja, culturas nas quais se pratica uma criouliização” (2005, p. 72). Entendemos que o teórico rejeita a homogeneização e a unicidade porque considera que, no interior das relações, o universal oferece lugar ao múltiplo.

Na difusão dos povos africanos para diversos continentes, o encontro entre raízes foi brutal para negros, enquanto que, pessoas brancas foram privilegiadas¹⁶ em todos os âmbitos e

¹⁶ Lourenço Cardoso esclarece sobre os privilégios: “Em uma sociedade racista como a brasileira, as pessoas logo ao nascerem são classificadas em diferentes níveis hierárquicos, aqueles classificados socialmente como brancos gozam naturalmente de privilégios em virtude dessa classificação. Ao grupo branco adiciona-se a construção de

de uma forma tão abrangente que a superioridade continua mantida até a atualidade. Existe, então, a necessidade de manter o poder contra afrodescendentes através da violência, da negação de direitos e da desumanização para garantir a manutenção dos privilégios.

Essa dispersão das pessoas ao redor do globo produz identidades que são moldadas e localizadas em diferentes lugares e por diferentes lugares. Essas novas identidades podem ser desestabilizadas, mas também desestabilizadoras (WOODWARD, 2003, p. 22).

Na diáspora, a interação entre as regiões e pessoas resultou em violências capazes de modificar posturas alcançando limites que extrapolam o espaço geográfico para rasurar as identidades daqueles que fazem parte da cultura desestabilizada. Com o objetivo de conceituar identidade, do ponto de vista da relação entre as culturas, Hall esclarece que se trata de um dos “conceitos que operam ‘sob rasura’, no intervalo entre a inversão e a emergência: uma ideia que não pode ser pensada da forma antiga, mas sem a qual certas questões-chave não podem ser sequer pensadas” (2003, p. 104, grifos do autor). Conforme explicitado antes, as subjetividades são moldadas gradativamente e de acordo com as vivências que, aos poucos, adquirem novos contornos e novos posicionamentos.

Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão unificadas no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias “casas” (e não a uma “casa” particular”) (HALL, 2015, p.52, grifos do autor).

A rasura surge das negociações porque o indivíduo é obrigado a adequar seu físico e seu psicológico aos preceitos da cultura desestabilizadora, isto é, aquela que se impõe com maior poder de barganha. Consideramos coerente o problema de pesquisa apresentado por entendermos que a Relação pressupõe que partilhamos da mesma terra e que as personagens em análise lutam para que isso se concretize. Analisamos ser possível tomar a contística em análise como prefácio em uma dupla dimensão: combate ao racismo e produção de conhecimento capaz de combatê-lo. Dessa maneira, é possível associar o lugar de fala enquanto instância para apresentar as construções identitárias, estabelecendo a resistência como ação da escritora e através das protagonistas. A literatura de Sobral é política e, provavelmente, a teoria

uma identidade racial que recebe o legado simbólico de referências positivas como: inteligente, belo, culto, civilizado, capitalista, comunista, democrático, etc.” (CARDOSO, 2010, p. 623).

de Glissant também o seja. Baseando-se nisso, o diálogo e a inexistência de culturas puras constituem pressupostos básicos para o entendimento das construções identitárias.

3 DO LUGAR DE FALA ÀS CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS

Nuegreza

Dispo-me
 Sem pudor ao mostrar as vergonhas ocultas
 Dispo-me
 Ao falar da minha gente escura
 Dispo-me
 a desafiar a beleza
 dos fios retos em contrastes com o meu cabelo pixaim
 Dispo-me
 porque rejeito esta pele
 - selvagem, exótica, animal –
 que em mim mumificaram
 e, ao despir-me
 mostro uma alma que se enaltece
 em ser feminina
 NEGRA.

Serafina Machado
Cadernos Negros (2008)

No que concerne ao ato da escrita, autoras como Cristiane Sobral demonstram resistência ao combater a violência epistêmica uma vez que participar da composição de um campo literário tão segregador quanto o que abriga as literaturas negras brasileiras requer obstinação. Cabe ressaltar que o racismo desferido contra essas sujeitas está instalado no âmbito acadêmico a fim de cercear as manifestações de conhecimento de grupos tidos como subalternizados¹⁷. A importância de manifestar-se como sujeitas cognoscentes a partir de trabalhos literários e científicos que estabeleçam o protagonismo de mulheres negras reside em contrariar a ordem vigente uma vez que o racismo encontra maneiras específicas e elaboradas para manter os privilégios de grupos específicos e marginalizar outros.

Segundo Patrícia Hill Collins, “um papel para mulheres negras intelectuais é o de produção de fatos e de teorias sobre a experiência de mulheres negras que vão elucidar o ponto de vista de mulheres negras para mulheres negras” (COLLINS, 2016, p. 102). A demarcação de um ponto de vista permite manifestar a fala: direito negado pela história de escravização e de discriminação a que mulheres estiveram e continuam sendo submetidas. Considerando ainda o enlace que raça, gênero e classe representa para a subestimação dos valores intelectuais de

¹⁷ A respeito do racismo presente no âmbito acadêmico é relevante mencionar a política de cotas implantada para oportunizar o acesso de pessoas negras às universidades brasileiras. Para entender melhor o tema, sugerimos a leitura do capítulo “Ser contra cotas raciais é concordar com a perpetuação do racismo”, presente em *Quem tem medo do feminismo negro*, de Djamila Ribeiro. Também colabora com esta abordagem o artigo de José Jorge Carvalho: “O confinamento racial do mundo acadêmico brasileiro”, disponível no sítio: <https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/pade/article/view/144/133>.

mulheres negras, entendemos a necessidade de resistência. Karla Akotirene, explica que, de acordo com o feminismo negro, a interseccionalidade prevê “um patamar de igualdade analítica” (2018, p. 32) entre as categorias. Desse modo, não há sobreposição entre uma categoria e outra porque todas têm a mesma relevância quando se observa a repercussão que cada uma delas representa para a condição do indivíduo.

Ora, o androcentrismo da ciência moderna imputou às fêmeas o lugar social das mulheres, descritas como machos castrados, estereotipadas de fracas, mães compulsórias, assim como os pretos caracterizados como não-humanos, macacos engaiolados pelo racismo epistêmico (AKOTIRENE, 2018, p. 32).

As descrições apresentadas pela pesquisadora constituem referências utilizadas pelo patriarcado para estereotipar especialmente as mulheres negras: frágeis, erotizadas, objetificadas. Se ao homem negro sobrou o trabalho braçal, às mulheres acresceu-se a atenção materna a filhos que não lhes pertenciam e mais o abuso sexual oriundo de seus proprietários. Infelizmente, este é um legado do qual não nos livramos e é contra este tipo de discurso desumanizador que Sobral e demais representantes da literatura negra resistem. Dentre elas, podemos dialogar com Serafina Machado através do poema “Nuegreza” transcrito como epígrafe para a introdução deste capítulo. Em reflexão sobre a ação impressa por sujeitas negras no que se refere à construção de sua identidade, Serafina Machado atenta para a capacidade de moldar-se. Ela o faz através da anáfora do verbo *despir* (reproduzido na maioria dos versos do poema). Para o eu-lírico, adequar-se às situações é apresentar suas subjetividades, insatisfações e lutas de uma maneira transparente: a nudez.

O eu- lírico percebe-se de uma forma positiva: valoriza sua gente, sua beleza e seu fenótipo. Para enfatizar a maneira assertiva como ela se enxerga, há o emprego da anáfora: algo positivo em todos os sentidos, sobretudo porque contesta a necessidade de adequação a papéis conferidos socialmente a pessoas negras. Trata-se de despir-se dos padrões de beleza e até da fala que, muitas vezes, impõe um molde universal a ser seguido em cada ocasião. Ademais, é preciso desnudar a pele nos sentidos atribuídos exogenamente a ela. Na última ocorrência do verbo anafórico, quando se despe, ela mostra o que pretende mostrar: a alma. E assim localizamos a defesa da humanidade para mulheres negras porque se temos alma é porque somos humanas; somos gente.

É possível localizar no poema a desnudez enquanto elemento de construção identitária¹⁸ em três níveis: os padrões de beleza, os estereótipos e as subjetividades. Cuti (2010, p. 101)

¹⁸ Em referência à nudez enquanto construção identitária, o conto “Maria Theresa”, de Cristiane Sobral, é mais um exemplo de texto literário onde tal abordagem se faz presente. “No dia esperado, acordei antes do toque do

analisa o poema e afirma que “Serafina transforma a nudez do corpo em nudez do ser, do ser negro”. O ser negro permite entender o poema como ascensão de instâncias de conhecimento através do corpo. Este último não mais como objeto, ou como propriedade de terceiros, mas como mecanismo de pensamento; como produção, discussão e veiculação de epistemas. A poeta assegura, em ensaio, que o discurso de mulheres escritoras deve basear-se na contestação de estigmas até então atribuídos, o que ela pratica em “Nuegreza”.

Pensando o silêncio como fruto da ideologia e da memória discursiva, é possível ligá-lo com a difusão de imagens estereotipadas. A questão permite pensar que a condição da mulher negra se relaciona a estatutos de formação de identidade que a representam socialmente. Dessa forma, a construção de estereótipos pela literatura é uma das formas de manifestação do silenciamento. A literatura, muitas vezes, reproduz esse silêncio através de estereótipos afro-femininos: erotismo, marginalidade profissional, submissão no espaço social e privado. São diversas personagens caracterizadas como pobre, negra, empregada doméstica, sem estudo, entre outros estereótipos inferiorizantes (MACHADO, 2012, p. 137-138).

Entendendo o silenciamento imposto a mulheres negras, inclusive, no campo literário, é possível estabelecer conversação entre “Nuegreza” e a contística em análise. Nos quatro textos, o corpo negro aparece em evidência numa perspectiva política, combatendo o caráter universal conferido a ele, capaz de promover reflexões acerca das construções identitárias influenciadas por fatores externos tais como o discurso racista: “Lamentava o fato de que eu não era tão escurinha, mas tinha um bombrilzinho!” (SOBRAL, 2016b, p. 38). Nesse sentido, as posturas adotadas pelas protagonistas dos contos estão pautadas pelas impressões que têm de si mesmas: elas tendem a incorporar o discurso racista, acreditar na teoria que afirma sua inferioridade e buscar os padrões de beleza estabelecidos. Os estereótipos constituem alicerces rumo à consolidação do preconceito contra a mulher negra.

Segundo Homi Bhabha, o estereótipo é responsável por negar as diferenças; aprisiona as pessoas em modelos estabelecidos como ruins; estabelece o descrédito e a baixa autoestima. É um problema que afeta as relações porque não permite que os sujeitos se representem, isto é, minimiza as possibilidades de autorrepresentação. Considerando que esta última é uma atitude eminentemente humana, recusar este direito é negar a humanidade de maneira muito cruel. O conceito de estereótipo perpassa a desumanização não só pelos significados nocivos que ele atribui à pessoa negra, mas também, porque é agressivo.

despertador. O banho, sempre de calcinha, foi mais demorado, as rezas foram repetidas com mais ênfase. Havia a intrepidez costumeira, a sagacidade típica da minha personalidade” (SOBRAL, 2017, p. 135).

O fetiche ou estereótipo dá acesso a uma “identidade” baseada tanto na dominação e no prazer quanto na ansiedade e na defesa, pois é uma forma de crença múltipla e contraditória em seu reconhecimento da diferença e recusa da mesma. Este conflito entre prazer/desprazer, dominação/defesa, conhecimento/recusa, ausência/ presença, tem uma significação fundamental para o discurso colonial (BHABHA, 2014, p. 130, grifos do autor).

Bhabha define estereótipo a partir do conflito e do paradoxo que faz parte do âmbito dessas relações. Se há um grupo inferiorizado, há outro que utiliza as estereotípias para aprofundar suas estratégias de poder sobre o primeiro. Negativizar a estética negra é uma maneira de dominação porque reduz a confiança, sobrepuja o indivíduo a fim de submetê-lo ao poder vigente. Para Sueli Carneiro, “uma das características do racismo é a maneira pela qual ele aprisiona o outro em imagens fixas e estereotipadas, enquanto reserva para os racialmente hegemônicos o privilégio de ser representados em sua diversidade” (CARNEIRO, 2011b, p. 70). “Bombril”, por exemplo, é uma noção que alicerça o racismo denegrindo o corpo negro e garantindo a superioridade do tipo de cabelo oposto ao crespo. Podemos inferir do pensamento de Carneiro que as construções depreciativas estão relacionadas à pessoa negra em detrimento do respeito à heterogeneidade humana: se humanos são heterogêneos e negras/os não o são, então pessoas negras não são consideradas humanas. Aprisionar, nesse caso, toma dimensões amplas porque parte das construções identitárias para estabelecer regimes de segregação social, passando, inclusive, por aspectos biológicos como é o caso da estética negra.

Sobral evidencia os estereótipos e demais aspectos relacionados aos traços negroides por entender sobre a repercussão que a aparência tem para as construções identitárias. A escritora concretiza a relação entre os traços físicos e a representatividade que eles têm socialmente. Para Cuti, nariz, cabelo, cor da pele, lábios têm legitimidade na literatura quando estabelecem essa relação. “Como o racismo demonizou as características fenotípicas africanas, a reversão desse fato implica ter o escritor a consciência daquela ação perversa para não referendá-la” (CUTI, 2010, p. 92). A consciência de Sobral reside na tentativa de alertar sobre a associação entre o racismo e o corpo, mas também na projeção que os estereótipos têm para a identidade da mulher negra.

No âmbito das subjetividades, Antonio Candido afirma que o/a escritor/a “utiliza a obra como veículo das suas aspirações individuais mais profundas” (2010, p. 35). Neste caso, o texto de Sobral está ligado à busca por legitimidade da escrita negra através da elaboração de personagens capazes de expressar os anseios de mulheres negras. Se Candido afirma a presença das subjetividades do escritor como componente agregado à produção literária, Conceição Evaristo especifica:

Retomando a reflexão sobre o fazer literário das mulheres negras, pode-se dizer que os textos femininos negros, para além de um sentido estético, buscam semantizar um outro movimento, aquele que abriga todas as suas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida. (EVARISTO, 2005, p. 206).

As aspirações individuais aparecem na literatura vinculando o autor à obra de maneira compreensiva quando se assume os contextos histórico e social internalizados¹⁹. Evaristo cita a vida como o primeiro direito negado à pessoa negra. Entende-se assim que, ao investigar personagens que propiciam o exame de posicionamentos críticos acerca da condição social da mulher negra, “o fator social é invocado para explicar a estrutura da obra e seu teor de ideias, fornecendo elementos para determinar a sua validade e seu efeito sobre nós” (CANDIDO, 2010, p. 24). Neste contexto, a literatura negra assume um posicionamento de intervenção porque apresenta particularidades voltadas para o aprofundamento de questões sociais relativas ao racismo e às dificuldades sociais às quais a pessoa negra encontra-se submetida.

Neste ponto é importante mencionar os escritos de Gayatri Spivak sobre o lugar de fala. Ela trata da realidade das mulheres indianas em um posicionamento aplicável às reflexões sobre a enunciação de mulheres negras. “O subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à ‘mulher’ como um item respeitoso nas listas das prioridades globais” (SPIVAK, 2010, p. 126). Diante da consciência das relações de poder que nos nega direitos e vozes e que se propõe à manutenção de opressões, os embates para reivindicar um lugar de fala são essenciais. Além disso, raça e gênero se conectam para ocasionar prejuízos de ordem social, econômica e psicológica, gerando tensões. A respeito da opressão de caráter interseccional sofrido por mulheres negras, Sueli Carneiro enfatiza.

Em face dessa dupla subvalorização, é válida a afirmação de que o racismo rebaixa o status dos gêneros. Ao fazê-lo, institui como primeiro degrau de equalização social a igualdade intragênero, tendo como parâmetro os padrões de realização social alcançados pelos gêneros racialmente dominantes (CARNEIRO, 2003, p.119).

¹⁹ A pesquisadora Jéssica Catharine Barbosa de Carvalho discorre sobre os pensamentos de Candido e de Evaristo. “No caso das literaturas negras essa questão mostra-se mais latente, tendo em vista que o lugar de fala do escritor e a perspectiva de construção de sua literatura parte, entre tantas outras perspectivas, de um projeto literário maior de enfrentamento e reconstrução de óticas universalizantes e excludentes, questionando as bases de construção de um imaginário social pautado na ideia do sujeito negro relacionado a aspectos negativos” (CARVALHO, 2018, p. 40). Para saber mais, leia *Literatura e atitudes políticas: olhares sobre o feminismo e antiescravismo na obra de Maria Firmina dos Reis* Disponível em: <http://repositorio.ufpi.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/1142/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20J%C3%89SSICA%20CATHARINE%20PPGEL%20UFPI%20FINAL.pdf?sequence=4>.

A interseccionalidade não precisa necessariamente de mais de duas variáveis porque o fato de ser negra e mulher já é relevante para estabelecer relações de dominação. Em um paralelo entre racismo e gênero, Carneiro demonstra a repercussão do primeiro sobre o segundo esclarecendo que a opressão de raça e gênero confere negação de espaço social e de direitos. Cabe mencionar que escritoras como Cristiane Sobral demonstram conexão com a coletividade, visando ao embate contra a discriminação e considerando suas vivências. De acordo com Luana Barossi (2017, p. 23), as “escrevivências” abrangem “um campo simbólico que entrelaça história, memória e experiência”. Por outro lado, é preciso incomodar o predomínio das classes abastadas por meio de personagens que expressem a dupla condição mencionada como forma de revelar os detalhes mais íntimos de quem passa pela dupla opressão. Sobre escrevivência²⁰, Conceição Evaristo aponta como registra suas subjetividades.

Gosto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito é possível apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco. Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executa, é a senha pela qual eu acesso o mundo (EVARISTO, 2005, p. 2).

O trabalho de Cristiane Sobral tem relevância porque, assim como Evaristo, ela expressa, através da escrita, anseios que somente a partir do espaço social que ocupam é permitido revelar. Evaristo é categórica quando afirma sua vontade de retaliação contra uma sociedade tão maléfica, e é possível entender o desejo de justiça quando considerada a história de segregação imposta a mulheres negras. Nesse contexto, Djamila Ribeiro sistematizou um conceito para *lugar de fala* tomando por base o ponto de vista feminista negro e as categorias de análise mencionadas.

As experiências desses grupos localizados socialmente de forma hierarquizada e não humanizada faz com que as produções intelectuais, saberes e vozes sejam tratadas de modo igualmente subalternizado, além das condições sociais os manterem num lugar silenciado estruturalmente. Isso, de forma alguma, significa que esses grupos não criam ferramentas para enfrentar esses silêncios institucionais, ao contrário, existem várias formas de organização políticas, culturais e intelectuais. A questão é que essas condições sociais dificultam a visibilidade e a legitimidade dessas produções (RIBEIRO, 2017, p. 63).

²⁰ Optamos por não utilizar o termo *escrevivências* entre aspas apostando na eloquência do mesmo e também na recorrência com que ele tem sido empregado no campo das literaturas negras.

Reinvidicar lugar de fala para grupos invisibilizados é oportunizar voz e espaço a quem historicamente nunca os teve. Não é objetivo de Ribeiro defender que brancas/os não possam se expressar acerca das condições de mulheres negras; a propósito, o debate é legítimo, contudo, tendo em vista o legado de exclusão ao qual mulheres negras foram e ainda são submetidas, torna-se importante que o direito da fala, bem como o da escuta, seja praticado nos mais diversos âmbitos, principalmente, no intelectual e no acadêmico. Trata-se de dirimir as estereotípias, por exemplo aquela de acordo com a qual o corpo feminino negro é sempre visto de forma erotizada. Cabe ressaltar que as experiências inerentes a esta condição são apropriadas apenas por quem nela vive ou viveu, além do fato de que interlocutores não são necessários neste processo pois é momento de estabelecer posicionamentos com a propriedade de quem ocupa uma posição social desfavorecida.

Desse modo, o objetivo de Sobral é afirmar o protagonismo da mulher negra. Os estereótipos são tratados como uma maneira de alertar para a barbaridade dispensada a essas sujeitas através da objetificação. Propomos que a relação com o corpo negro passa por diferentes estágios: autonegação, consciência de si, empoderamento social e afirmação identitária. Consideradas as devidas especificidades, tais situações ocorrem nas três narrativas em exame como analisaremos a seguir.

3.1 “Pixaim”: contrapoética desde a infância

É em repúdio às representações estereotipadas que se escreve contrapoéticas, ou seja, a enunciação de pensamentos contrários ao silenciamento e à invisibilidade. Um modo de recusar os modelos até então praticados pelo cânone: tornar a pessoa negra protagonista das narrativas, com direito à voz e à escuta. É nesta perspectiva que se entende a protagonista, ainda criança, de “Pixaim”. Vale ressaltar que o lugar de fala da personagem é apresentado a partir de sua localização espacial e temporal, das relações sociais que ela estabelece com aqueles que a cercam e de tudo o que constitui coletividade capaz de influenciar em sua construção identitária.

De acordo com Karla Akotirene, a interseccionalidade é fator preponderante para o entendimento das relações de opressão porque “nos mostra como e quando mulheres negras são discriminadas e estão mais vezes posicionadas em avenidas identitárias, que farão delas vulneráveis à colisão das estruturas e fluxos modernos” (AKOTIRENE, 2018, p. 58). A opressão contra sujeitas negras considera o acúmulo de variáveis para que o preconceito se estabeleça e para que o direito de fala seja negado. Para a pesquisadora, racismo e sexismo operam juntos no sentido de dificultar as condições de vida de mulheres negras. A ideia

norteadora de Akotirene é a de que a matriz de opressões nos convida a entender que as distintas opressões podem colidir numa mesma sujeita negra.

O feminismo negro considera outras opressões pois a ideia de interseccionalidade alerta para a simultaneidade de tensões de matrizes distintas, mas isso nem sempre ocorre de uma maneira complementar uma vez que pode haver recusa, embate. Vale ressaltar que a violência praticada contra a protagonista a partir dos fatores raça, classe e gênero confere maior abrangência à natureza das opressões. “Rio de Janeiro. Qualquer dia da semana num tempo que passa morno, sem novidades” (SOBRAL, 2016b, p. 37). O espaço e o tempo em “Pixaim” são apresentados com a intenção de ressaltar a condição de uma garota, negra e pobre. “Num bairro distante no subúrbio da zona oeste, uma criança negra com dez anos e pequenos olhos castanho-escuros, meio embaçados pelo horizonte sem perspectivas, é acusada injustamente” (SOBRAL, 2016b, p. 37). Morava na periferia, o que sugere o pertencimento a uma classe social menos favorecida, e era negra. Além disso, não há determinação específica de tempo e espaço e nem o nome da menina. Denise Almeida Silva discorre sobre este detalhe.

A indeterminação temporal e espacial, bem como a não nomeação da menina faz com que, antes que a história de uma protagonista diferenciada de outras crianças, a menina representada nessa história seja tomada como símbolo de tantas outras crianças cuja autoimagem é agredida. Também é significativo o fato de que a história se passa em ambiente periférico, o que lembra não somente a situação de inferioridade econômica a que estão sujeitas muitas famílias negras [...] (SILVA, 2016, p. 91).

As condições às quais a menina encontra-se exposta simbolizam, através do sincronismo entre as opressões, a vida de muitas outras crianças cujo gênero, classe e raça determinam carência social. Garantir o próprio conforto depende e implica a exploração de outros. Se o oprimido é uma criança, trata-se de algo muito cruel. O futuro sem muitas esperanças - verossímil para uma garota brasileira com o perfil delineado – é apresentado pela descrição dos olhos e pelo horizonte que simboliza o futuro. A consciência dessa realidade colabora com a certeza que ela tinha acerca do tratamento que lhe era dispensado: uma injustiça.

Diante da realidade que a cerca, cabe observar a sobriedade com que a garota percebia quem a rodeava e a si mesma. Embora não seja positivo que uma criança passe por um processo de maturidade precoce, é o que acontece, sobretudo com meninas negras em consequência do racismo. “Eu sabia que não era igual às outras crianças e que não podia ser tratada da mesma forma, mas como dizer isso aos outros? Minha mãe me amava muito, é verdade, mas não sabia como lidar com as nossas diferenças” (SOBRAL, 2016b, p. 37). Era muito perceptiva apesar

da pouca idade²¹. As explicações sobre as ações da progenitora demonstram sensibilidade e compreensão por parte da menina: a mãe não sabia como agir e, por isso, acatava as ideias da vizinha. Por outro lado, a protagonista entende o fato de não ser igual às outras e também a estratégia de sobrevivência adotada por sua mãe.

Desde a infância foi obrigada a alisar os cabelos. Para bell hooks, tal costume “representa uma imitação da aparência do grupo branco dominante e, com frequência, indica um racismo interiorizado, um ódio a si mesmo que pode ser somado a uma baixa autoestima” (HOOKS, 2005, p. 2). O ato de criar uma negatividade em torno dos traços físicos da pessoa negra constitui por si só uma prática cruel. Imitar o cabelo de pessoas brancas demonstra autonegação, o que não era o caso da protagonista, mas sua mãe era certa de que aquela seria a melhor atitude quando consideradas as ofensas racistas. Ademais, a imposição para que sejam adotadas estratégias de branqueamento²² para maior aceitação social demonstra descaso com o caráter humano da pessoa negra, originando comportamentos insólitos.

“Uma amiga negra costumava amarrar uma toalha na cabeça e andar pela casa, fingindo que tinha cabelo liso. Ela dizia que o seu sonho era ter nascido branca. Eu achava estranho” (SOBRAL, 2016b, p. 38). O trecho demonstra o embate no qual a protagonista vivia. Ela discordava de todos ao seu redor, inclusive de quem ela mais amava e de quem esperava compreensão, porém não tinha direito à fala e nem à escuta. Por um lado, adultos e crianças negavam a aparência negra; criticavam a si e ao outro numa repulsa capaz de provocar atitudes esquisitas como a da amiga que usava uma toalha para acreditar que tinha cabelo liso. Por outro lado, ela não entendia o porquê de tais posicionamentos se o mais lógico e o mais fácil era ser somente do jeito que se é: ela não tinha o sentimento de autonegação, mas sua mãe e os que a rodeavam estavam imersos neste processo. Neusa Santos Souza apresenta o objetivo de comportamentos como este: aniquilar a identidade negra para garantir a supremacia branca. “A violência racista do branco exerce-se, antes de mais nada, pela impiedosa tendência a destruir a identidade do sujeito negro” (SOUZA, 1983, p. 2-3). Na verdade, as estratégias sempre encontram a premissa de que o racista nega a humanidade da pessoa negra através da

²¹ A consciência atribuída a crianças negras, sugerindo que envelhecem mais rápido do que as brancas, aparece em outros textos literários. Como exemplo, citamos “Pérola”, de Serafina Machado. “Ainda criança, sangrei maturidade. Menina e moça. Entreaberto botão, entrefechada rosa. Na aparência, menina; na experiência, formava-me uma mulher. Um novo ciclo iniciava-se a partir do momento em que fui para a escola” (MACHADO, 2013, p. 87). O racismo impõe um crescimento precoce a crianças como a protagonista de Machado. “Estava absorta em meus pensamentos quando ouvi um menino me chamando de neguinha fedida” (MACHADO, 2013, p. 87).

²² Consideramos o conceito de branqueamento elaborado por Maria Aparecida Silva Bento. “No Brasil, o branqueamento é frequentemente considerado como um problema do negro que, descontente e desconfortável com sua condição de negro, procura identificar-se como branco, miscigenar-se com ele para diluir suas características raciais” (BENTO, 2002, p. 1).

desconsideração das subjetividades e da negação de direitos. Nilma Lino Gomes corrobora Souza.

O racismo faz parte de uma racionalização ideológica que constrói e advoga a existência não só de uma distância social e cultural entre negros e brancos, mas também biológica. Para isso lança mão de símbolos distintivos oferecidos pela própria organização social, a fim de cristalizar grupos e indivíduos no seu “devido lugar” e legitimar essa distância. Assim, atribui-se um sentido negativo às diferenças culturais, físicas e estéticas como as crenças, a arte, o corpo, a cor da pele, o tipo de cabelo, entre outros. (GOMES, 2008, p. 2121-2127, grifos da autora).

Nesta conjuntura, a diferença constitui fator e motivo para marginalizar grupos; são justificativas organizadas que defendem a ideia de que alguns têm genética inferior a outros e, nesta condição, podem ser penalizados por um fenótipo descredenciado. “Certo dia, minha mãe decidiu que o meu pixaim tinha que crescer e aparecer. Lembro do pente quente que se usava na época, para fazer o crespo ficar ‘bom’” (SOBRAL, 2016b, p. 38, grifo da autora). Na luta para livrar-se do problema, o pente queima o ombro da menina numa referência a uma marca que não era somente física. *Crescer e aparecer* não indicam que a mãe aceitou o cabelo crespo da filha, mas uma ironia quanto ao alisamento que estava por vir. Agora não é mais necessário comunicar que o cabelo é considerado pixaim, nem o quão pejorativo é este termo. Sobre tomar decisões, elas estavam a critério da progenitora que muda de plano e o cabelo curto não é mais permitido. Por outro lado, para que aparecesse, isto é, estivesse em evidência para julgamento do outro, seria necessário alisá-lo através do ofensivo pente quente. O verbo *lembrar* dimensiona a importância do evento para a construção identitária da garota.

Era domingo, íamos todos a uma festa, e eu tinha que ficar bonita como as outras. No caminho, caiu uma chuva, dessas de verão, e em poucos minutos houve o milagre: a água anulou o efeito do pente. Eu chorei porque achava que o meu cabelo nunca voltaria ao normal, e minha mãe ficou brava porque eu estava parecendo comigo, de um jeito nunca antes visto! (SOBRAL, 2016b, p. 38).

Havia a necessidade de atingir um padrão de beleza estabelecido, isto é, parecer com as *outras*, no caso, com as meninas brancas. Enquanto a mãe se chateia, a menina vive a emoção de identificar-se com sua real aparência. A chuva reestabelece a condição de sujeita negra. A metáfora da água apresentada neste trecho de “Pixaim” nos permite estabelecer um diálogo com o conto “Impressões de uma infância”, de Silvana Martins²³ onde ocorre uma situação similar.

²³ A escritora “Silvana Martins graduou-se no curso de Letras (Português-Francês) pela Universidade Estadual de Londrina. É professora de Língua Portuguesa da Secretaria Estadual de Educação de São Paulo, pesquisadora de literatura afro-brasileira e africana, ministrante de oficinas sobre a implantação da lei 10.639 (2013, p.121).

“Em minha infância, minhas tias me levavam para alisar os cabelos, eu não entendia muito bem tudo aquilo, mas, enfim, elas eram mais velhas e eu acho que elas sabiam o que era certo [...]” (MARTINS, 2013, p. 101). Embora tentasse entender a necessidade do alisamento, a menina não se sentia confortável com a transformação. Em um dia chuvoso, ao sair para pegar as bonecas debaixo de uma árvore, ela se reencontra.

“Que sensação maravilhosa! As gotas enrolavam meus cabelos e eles voltavam ao seu estado natural, meu coração batia forte, precisava salvar minhas bonecas, mas a sensação e o deleite desse retornar a mim mesma me fizeram entender tantas coisas...” (MARTINS, 2013, p. 104).

Nos dois contos a descoberta e a satisfação consigo mesma ocorre através da água²⁴. “Como a chuva pode lavar a terra, ela também lavou meus cabelos, tirou deles o olhar receoso, então eu compreendi que eu podia ser do jeito que quisesse, e podia gostar de minhas bonecas do jeitinho que elas eram” (MARTINS, 2013, p. 104). Silvana Martins afirma a liberdade de escolha da menina conferindo humanidade à personagem e termina a narrativa com o esclarecimento de que, depois do episódio do banho de chuva, a garota jamais usou o secador. O mesmo não ocorre na infância da protagonista de Cristiane Sobral. Infelizmente, a sensação do banho de chuva durou pouco para ela porque a vizinha não desistiu do alisamento, apenas mudou de tática. Agora usaria hené: creme que alisava e pintava concomitantemente. Assim, as construções identitárias seguem afetadas pelos produtos e táticas utilizadas para modificar a aparência. O racismo interfere no amadurecimento e este último nas posturas das protagonistas.

Lamentava o fato de que eu não era tão escurinha, mas tinha um bombrilzinho! Dormi com medo. Sonhei com uma família toda pretinha e com uma avó que me fizesse tranças como aquelas que eu vira numa revista, cheias de desenhos na cabeça, coisa que só a minha carapinha permitia fazer... Mas minha mãe não sabia nada dessas coisas... (SOBRAL, 2016b, p. 38).

Os ancestrais aparecem nos sonhos da menina como uma forma de resgate a uma identidade perdida no tempo e também como um subterfúgio: uma maneira de ser aceita e compreendida. No artigo “Gênero e etnicidade na literatura de autoria feminina”, Rosário Alves Pereira afirma que “a escravidão, a diáspora, a herança cultural africana e a assunção da identidade negra são marcas impressas no corpo e na escrita dos afrodescendentes” (PEREIRA, 2011, p. 3). A autora discute sobre o trabalho de escritoras negras esclarecendo que “a condição feminina parece ser mesmo um dos motes propulsores da escrita de Sobral” (PEREIRA, 2011, p. 3). Entendemos que o fato de Sobral apresentar uma personagem que alude positivamente a

²⁴ Além de “Pixaim” e de “Impressões de uma infância”, a metáfora da água também aparece no conto “Metamorfose”, de Cristiane Sobral. Sobre este último conto e a apresentação da chuva enquanto elemento identitário, discutiremos na página 67 da presente dissertação.

seus ancestrais e que enfatiza o lado positivo de seu cabelo é uma contestação à ordem vigente e um ato de resistência contra a depreciação da identidade negra. Além disso, o sonho - uma dimensão muito humana - denota a esperança de obter respeito social a partir dos alicerces que lhes são concernentes: a linhagem e o fenótipo.

De acordo com Franciane Conceição da Silva, a narradora-protagonista tem identificação com seus antepassados, consciente de que têm em comum a violência praticada contra suas identidades. “É possível dizer que a personagem resgata as suas origens ancestrais pois aprendeu que quando sabemos de onde viemos, fica mais fácil escolher novos caminhos” (SILVA, 2018, p. 120). Neste contexto, é importante ressaltar o emprego do advérbio *só* enquanto valorização semântica da cultura negra uma vez que somente ao cabelo crespo é permitida a confecção dos desenhos e das tranças.

O ato de rebeldia em não aceitar o alisamento dos cabelos rende ofensas capazes de provocar questionamentos sobre suas certezas. A personagem vivia em conflito com o que lhe era imposto ao ponto de crer naquilo que era dito por todos que a rodeavam: “Às vezes eu acreditava mesmo que o meu nome verdadeiro era pixaim” (SOBRAL, 2016b, p. 40). Não por acaso, ela não tem nome: provavelmente, numa tentativa da autora em demonstrar o quanto é inerente à pessoa negra a desumanização. De acordo com Mbembe, a inferioridade de pessoas negras é estabelecida a partir da negação de sua humanidade²⁵.

É também esta a razão que faz com que, desde o início, o discurso sobre a identidade negra esteja cativo de uma tensão, da qual tem ainda dificuldade de libertar-se: o Negro não fará parte da identidade humana em geral? ” (MBEMBE, 2014, p. 159).

Assim, negar o nome e os direitos faz parte do construto de ideias reunidas para restringir a pessoa negra. É importante ressaltar a apresentação do lugar de fala através dos

²⁵ Em 1851, a ex-escrava Sojourner Truth (1707 – 1883), defendeu a humanidade de mulheres negras exercendo seu direito à fala em uma convenção de mulheres em Akron: cidade localizada no estado americano de Ohio. No discurso intitulado “Não sou eu uma mulher”, Truth – única mulher negra a participar do evento – ousou, em pleno século XIX, desafiar a hegemonia masculina refutando ideias tais como a de que mulheres não teriam direito ao voto devido à suposta fragilidade inerente ao gênero. Neste contexto, ela notabilizou-se como oradora reivindicando a libertação das opressões sexista e racista. “Arei a terra, plantei, enchi os celeiros, e nenhum homem podia se igualar a mim! Não sou eu uma mulher? Eu podia trabalhar tanto e comer tanto quanto um homem – quando eu conseguia comida – e aguentava o chicote da mesma forma! Não sou eu uma mulher? Dei à luz treze crianças e vi a maioria ser vendida como escrava e, quando chorei em meu sofrimento de mãe, ninguém, exceto Jesus, me ouviu! Não sou eu uma mulher? ” (TRUTH, 1851, “Aint’t I a Woman”, *apud* DAVIS, 2017, p. 71). Djamilia Ribeiro menciona Truth como desafiadora da ordem vigente e como uma das mais importantes vozes a buscar um lugar de fala dentro do feminismo hegemônico. “A voz da ativista não traz somente uma dissonância em relação a história dominante do feminismo, mas também a urgência por existir e a importância de evidenciar que mulheres negras historicamente estavam produzindo e promovendo disputas narrativas. Nesse sentido, pensar a partir de novas premissas é necessário para se desestabilizar verdades” (RIBEIRO, 2017, p. 24).

posicionamentos da protagonista. A garota se define quando explicita suas impressões sobre as atitudes de quem está ao seu redor. Adentrar o imaginário infantil a fim de mostrar o direito de fala da personagem é essencial para sua apresentação em primeiro plano. É assim que Sobral reafirma e assegura o lugar de fala da criança negra. Podemos também lembrar que o fato de ser cobrada causava instabilidade na construção de seus posicionamentos, o que nos conduz às afirmações de Hall sobre as interferências do externo na construção da identidade: ela não surge da “plenitude do indivíduo, mas de uma *falta* de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros*” (2015, p. 24, grifos do autor). A menina era vista da pior forma possível. Os traços físicos repercutiam em seu caráter porque além da feiura, ela representava a maldade e a ingratidão. Neste contexto, o preenchimento das lacunas que compõem sua identidade tende a ser maculado pelas posturas daqueles que a cercam:

El concepto acepta que las identidades nunca se unifican y, en los tiempos de la modernidad tardía, están cada vez más fragmentadas y fracturadas; nunca son singulares, sino construidas de múltiples maneras a través de discursos, prácticas y posiciones diferentes, a menudo cruzados y antagónicos (HALL, 2003, p. 17).

As divergências entre os discursos da mãe e da filha exemplificam a multiplicidade identitária citada pelo teórico. Enquanto a garota defende a manutenção dos traços físicos como pertencimento à sua raça, a mãe insiste em violentá-la sob a justificativa de que ela precisa ser colaborativa no sentido de adequar-se à norma vigente que corresponde aos cabelos lisos. Isto nos relembra as noções de Glissant acerca do fato de que o encontro entre raízes pode gerar a diluição de identidades pela sobreposição entre culturas. “É absolutamente necessário abordarmos essa questão se quisermos escapar às oposições mortais, sangrentas, que animam e agitam neste momento a desordem do mundo” (GLISSANT, 2005, p. 28). No cenário glissantiano, o fato de as identidades não serem unificadas, mas divididas, fraturadas constitui um caminho para o entendimento da pluralidade inerente à personagem de Sobral. A coação contribui para fraturar a identidade da protagonista e ela segue com as reflexões a respeito de si mesma e de que posturas assumir diante de tantas imposições: [...] “eu tinha a certeza de que, apesar do cabelo circunstancialmente ‘bom’, eu jamais seria branca” (SOBRAL, 2016b, p. 40, grifos da autora). A infelicidade da garota reside na certeza de que os produtos para alisamento constituem medidas temporárias para atingir um ideal que ela não reconhece.

Assim como o mito da democracia racial é discursado como forma de encobrir os conflitos raciais, o estilo de cabelo, o tipo de penteado, de manipulação, e o sentido a eles atribuído pelo sujeito que os adota podem ser usados para

camuflar o pertencimento étnico/racial, na tentativa de encobrir dilemas referentes ao processo de construção da identidade negra. Mas tal comportamento pode também representar um processo de reconhecimento das raízes africanas assim como de reação, resistência e denúncia contra o racismo. (GOMES, 2008, p. 220-224).

Se tomarmos como base a criouliização ditada por Glissant em um contexto brasileiro, observaremos que a colisão entre culturas ocorre de maneira tortuosa. Diante dos embates, é possível associar as premissas de Gomes, pois a tentativa de disfarçar a existência do racismo constitui uma forma de dissimular um conflito. Desse modo, a protagonista de “Pixaim” constrói sua identidade baseada na luta pelo direito à manutenção das características de sua raça, de seu corpo, de seu cabelo. Por outro lado, quem tenta manipular esta escolha representa a ideia de camuflagem e de racismo apresentadas por Gomes, estabelecendo assim a segregação capaz de macular as posturas de uma criança, no caso da narrativa em análise. “Chorei pela última vez e jurei que não choraria mais. Por que era tão difícil me aceitar? Dei adeus àquilo que jamais consegui ser, me despedi silenciosamente da menina obediente, e a me transformar” (SOBRAL, 2016b, p. 40). Do entendimento sobre o que provocava a rejeição das pessoas que a cercavam, nasce a possibilidade de reinventar-se. A partir de então será possível estabelecer outros caminhos para a vida através do abandono da infância e da subserviência.

3.2 “O tapete voador”: uma identidade reconstruída

A discussão acerca do lugar de fala exige considerar as condições de vida a que mulheres negras se encontram submetidas. Por isso, existe a necessidade de observar as variáveis que influenciam nessas condições: orientação sexual, gênero, classe, raça. De acordo com Djamila Ribeiro, sempre houve defesa do protagonismo e da restituição de humanidades. É preciso ter direito à voz e à escuta. “Nesse sentido, pensar a partir de novas premissas é necessário para se desestabilizar verdades” (2017, p. 24). Ribeiro apresenta as considerações de Lélia Gonzalez²⁶ a respeito da hierarquização do conhecimento a partir da existência de classes sociais: há vozes legitimadas e o privilégio social equivale ao epistêmico pois a valorização do conhecimento é sempre atribuída à pessoa branca (RIBEIRO, 2017, p. 24). Segundo Ribeiro, a ideia de Gonzalez alicerça a premissa de que há grupos impedidos de falar.

A consequência dessa hierarquização legitimou como superior a explicação epistemológica eurocêntrica conferindo ao pensamento moderno ocidental a exclusividade do que seria conhecimento válido, estruturando-o como

²⁶ Lélia de Almeida González (1935-1994) foi historiadora, filósofa e doutora em antropologia política. Uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado (MNU) e ativista na busca por direitos para mulheres negras.

dominante e assim inviabilizando outras experiências do conhecimento (RIBEIRO, 2017, p. 24-25).

É necessário *descolonizar o conhecimento*: adequar os nossos instrumentos científicos para a escuta dessas vozes uma vez que o legado de exclusão jamais permitiu que grupos subalternizados ocupassem um lugar na hierarquia da manifestação intelectual. Na mesma linha de atuação e também contrária a uma epistemologia universal, Ribeiro relembra que é preciso conferir espaço social a novos saberes “para mostrar como certas identidades têm sido historicamente silenciadas e desautorizadas no sentido epistêmico, ao passo que outras são fortalecidas” (RIBEIRO, 2007, p. 29). Para a filósofa, fica implícito então que a descolonização epistêmica está relacionada às experiências e às identidades individuais, sobretudo porque o colonialismo impôs a criação de novos modelos e legitimou certas identidades. Em um contexto de opressão e de desigualdade, algumas identidades foram criadas e são mantidas até os dias atuais. Especialmente no caso das mulheres negras, a manifestação da voz representa a possibilidade de ascensão social em todos os âmbitos.

Nessa desventura Colonial/Racial em que os nossos corpos negros precisam ser constantemente torturados, os corpos de mulheres negras sofrem uma asfixia ainda maior; posto o lugar de fala e construção social vividos em nossa sociedade, em que as violências raciais e de gênero, são estruturantes. Portanto, não se trata de vitimização, ou de uma competição frente aos condenados da terra, mas de assumir agendas políticas transversais, nas áreas de acesso à moradia, saneamento básico, da saúde, acesso à educação e sua permanência, valorização do trabalho, reflexões que garantam assistência, economia e o bem viver dessas mulheres (SILVA, 2016, p. 77).

O que se espera, de acordo com Cristiane Mare Silva, é que a necessidade dos grupos opressores não seja capaz de violar o acesso à fala e aos direitos. Trata-se de um discurso de resistência frente à desigualdade imposta durante séculos na história de afro-brasileiras. É neste contexto que a protagonista de “O tapete voador” enfrenta desafios em um ambiente de trabalho que privilegia a estética europeia como a única aceitável. “Era estimada pela equipe, tudo estava caminhando para o êxito. A moça estava tão empolgada que fez uma carta pedindo o apoio da empresa para começar um curso de pós-graduação” (SOBRAL, 2016b, p. 7). Em busca de acesso aos itens básicos citados por Silva, Bárbara descobre no dia da audiência o quanto uma profissional negra pode ser violentada.

Enquanto aguardava na sala de espera do gabinete da presidência, observava os móveis, a decoração, tudo um tanto antiquado, em sua opinião, mas de excelente qualidade. Sua reflexão foi subitamente interrompida pela secretária do presidente, que perguntou se preferia chá ou café. Estava a saborear o chá escolhido quando pensou sobre a incrível experiência de nesta altura da vida, ser servida por alguém. Ela, filha de empregada doméstica e porteiro, criada

para trabalhar, e trabalhar pesado, tinha orgulho de ter conquistado, naquela renomada empresa, um ofício importante, pois era uma das funcionárias mais requisitadas da assessoria de comunicação (SOBRAL, 2016b, p. 7, grifos da autora).

Bárbara supera a condição sociohistórica que lhe foi infringida. O lugar social que ela ocupa, inclusive a ação dos estereótipos em sua construção identitária poderiam reservar-lhe trabalhos de cunho serviçal, entretanto isso não ocorre. Ela considera um progresso o fato de ser atendida prontamente pelo presidente, de ser servida pela secretária e ainda ocupar uma importante vaga de trabalho. Comparando sua história com a de seus pais, percebe avanço no que se refere aos papéis sociais desempenhados por pessoas negras na sociedade brasileira²⁷. Infelizmente, para o racista, o crescimento profissional não condiz com a autoaceitação que Bárbara demonstrava. Na verdade, essa postura incomodava o presidente da empresa.

- Eu confesso que aprendi a duras penas o que é preciso para crescer aqui. Creio que devo alertá-la. Sobre a sua carta, bem, eu entendo o seu desejo de querer estudar. Você de fato chegou longe considerando a maioria negra deste país, deve se orgulhar! Veja o caso das mulheres negras então! Você é dona de uma trajetória ímpar (SOBRAL, 2016b, p. 9, grifos da autora).

As observações do chefe de Bárbara denunciam uma realidade: a sociedade espera que sujeitas/os negras/os se apresentem conforme as normas de beleza estabelecidas socialmente; é preciso ter *boa* aparência. O interesse da funcionária em progredir intelectualmente e profissionalmente era menos importante do que a preferência que ela tinha por valorizar o fenótipo negro. Para o presidente era impossível que ela conseguisse ascender sem uma mudança na aparência, o que era doloroso para Bárbara porque ela já tinha tomado a decisão de manter o corpo negro como estilo de vida. Outro aspecto pertinente e relacionado ao lugar de fala da protagonista é a relevância que o presidente confere ao fato de ela ser mulher negra e ainda assim destacar-se, o que sugere uma referência ao caráter interseccional da discriminação.

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos,

²⁷ A respeito das desigualdades presentes no mercado de trabalho brasileiro no que concerne à discriminação em caráter interseccional, indicamos a leitura do artigo “Desigualdades de gênero e raça no mercado de trabalho brasileiro”, de Laís Abramo. Disponível no site <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v58n4/a20v58n4.pdf>.

constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Crenshaw conceitua interseccionalidade a partir da diversidade que marca os eixos de subordinação. São variáveis diversas que, se associadas, repercutirão nas condições de vida das/os sujeitas/os. A partir da estruturação de dois ou mais eixos é possível fundamentar a interseccionalidade. Dependendo do sistema em observação, haverá outras variáveis. Nem sempre uma categoria é suficiente. Por exemplo, quando relacionamos a posição de Bárbara à da mulher que lhe serve café, a naturalização do conceito de raça associada ao gênero nos permite, a partir da verossimilhança diegética, inferir que a secretária é negra. A leitura é deficitária quando observada apenas uma categoria. É provável que Sobral tenha considerado desnecessário dizer a cor da pele da personagem, porém há dois parâmetros a saber: o estranhamento acerca da posição social ocupada por Bárbara e a naturalização dos papéis domésticos atribuídos a pessoas negras. Se para homens negros as dificuldades são tamanhas, para mulheres negras a opressão garante que essas sujeitas ocupem espaços destinados sempre a trabalhos domésticos em detrimento do intelecto.

No exemplo do presidente, há uma violência de gênero com a qual a protagonista tem de lidar. Diante da opressão estruturada, que pode proporcionar a mulheres negras a condição de subalternidade e de invisibilidade, ele aproveita para lembrá-la de que ela está inserida neste em um espaço social desfavorecido. “Veja o caso das mulheres negras então! Você é dona de uma trajetória ímpar” (SOBRAL, 2016b, p. 9). Para ele era muito importante que ela enxergasse os benefícios conseguidos até aquele momento: algo raro para pessoas de sua raça, gênero e classe. Ocorre uma sistematização e uma hierarquização do preconceito. Casos similares ao de Bárbara ilustram a opressão se observarmos a alegação de que ela já conseguiu chegar muito longe diante das dificuldades imputadas a mulheres negras. Dessa forma, o presidente apresenta aquilo que considera ser imprescindível para a funcionária e lembra que somente indivíduos desenvolvidos entendem a necessidade de tentar parecer brancos.

- Entretanto, há outras coisas que você deve aperfeiçoar. O seu marketing pessoal, por exemplo. Não me leve a mal, mas já temos bons produtos para minimizar acidentes genéticos desagradáveis, como o cabelo do negro. É um de seus defeitos. Seu cabelo é péssimo. Mas não se aflija com isso, eu posso ajudar. Costumo viajar para o exterior e minha esposa poderá trazer ótimos cosméticos sem nenhum incômodo. Nem vai ser preciso agradecer. Entenda esse gesto como um investimento nos recursos humanos da empresa. A cor não precisa ser um fardo para os mais desenvolvidos. Vou fazer a minha parte, mas prometa que não vai deixar a sua negritude assim tão evidente. É possível sim, sua pele não é tão escura, poderá ser facilmente disfarçada. Você só precisa de alguns esclarecimentos...tem um futuro brilhante, alvíssimo, sem dúvida (SOBRAL, 2016b, p. 10).

O presidente – a serviço do patriarcado e do capitalismo – associa a aparência branca ao sucesso e, por isso, Bárbara é violentada psicologicamente. Para ele o marketing pessoal tem relação com o racismo e é necessário evitar este último aderindo ao branqueamento para conseguir sucesso profissional. A verdade é que Bárbara era vista como defeituosa, um acidente, um problema. Dubois (1999, p. 52) refere-se a esta última expressão. “Entre mim e o outro mundo paira, invariavelmente, uma pergunta que nunca é feita: por alguns, por sentimentos de delicadeza; por outros, pela dificuldade de equacioná-la corretamente”. Antes da pergunta, segundo ele, há sempre olhares divididos entre a curiosidade e a compaixão. “Como é a sensação de ser um problema?”²⁸. O contexto norte-americano traduzido por Dubois impunha à pessoa negra um mundo dividido e não muito diferente do vivenciado por nossa protagonista quando consideradas as repercussões identitárias que o racismo pode proporcionar. Pelas falas do presidente é possível visualizar o contexto de imposição ao qual Bárbara está exposta. “Para que insistir em ser negra em um país racista? Quanto menos você declarar a sua negritude, melhor” (SOBRAL, 2016b, p. 10). O disfarce aparece como uma proposta e também como uma alternativa para enfretamento do preconceito. No caso de Bárbara era uma imposição feita a ela.

Veja, por exemplo, o caso de alguns negros bem-sucedidos. A sociedade deu uma oportunidade de crescimento a eles e eles retribuíram, casando com mulheres distintas, brancas, recatadas, exímias donas de casa, puras, com bons genes, para que o futuro seja melhor sem esses defeitos de cor. Digo isso porque fiquei sabendo que você tem um namorado negro. Desculpe invadir sua privacidade, mas isso é um atraso! Vai levar você para um mundo degradado! O mundo dos alcoólatras, dos vagabundos, dos criminosos (SOBRAL, 2016b, p. 11).

De acordo com Neuza Santos Souza, a necessidade de conquistar um espaço e uma situação financeira favorável pode levar uma pessoa negra a assumir as posturas do presidente.

²⁸ Heloísa Toller Gomes, na introdução de *As almas da gente negra* (1999, p. 7-8), explica que W.E.B Dubois – líder político negro dos Estados Unidos - apresentou em suas obras “o impacto racial e seus efeitos devastadores na nascente comunidade dos libertos da escravidão”. Enquanto intelectual, historiador, filósofo e estudioso das questões relativas a seu povo, ele posicionou-se contra a segregação racial e conseguiu notoriedade em outros continentes. Viveu a pobreza na infância e conheceu o preconceito contra os de sua raça. “De temperamento reservado e pouco afeito a expansões emocionais, foi contido com paixão e entrega absoluta de si mesmo que Du Bois dedicou a vida ao grande objetivo que a norteou: entender e desvendar a experiência dos negros em seu país e no mundo; dissecar e expor a dramática inserção dos africanos e seus descendentes no traçado histórico dos Estados Unidos, desde o momento em que o primeiro navio negreiro aportou às costas da Virgínia até os tempos modernos; aprender e relatar o peculiar destino de brancos norte-americanos, indissolúvelmente ligados pela História porém dramaticamente distanciados em suas vidas cotidianas e, dessa forma, impedidos de construir um futuro melhor para todos” (GOMES, 1999, p. 11). Pelas subjetividades impressas em sua obra e justificadas por sua história de vida é que nos reportamos ao lugar de fala de Dubois.

“O negro que se empenha na conquista da ascensão social paga o preço do massacre mais ou menos dramático de sua identidade” (SOUZA, 1983, p. 18). O chefe enxerga pessoas negras pelo ângulo da decadência moral. Por considerar as aptidões de Bárbara, sente-se na obrigação de requerer mudanças nas escolhas desta última. “Também já fui negro um dia. Numa fase dolorosa, que procuro esquecer [...]” (SOBRAL, 2016b, p. 11). Observamos uma necessidade discursiva de marcar coisas do passado: as memórias permanecem, sugerindo um grau de importância para o período da vida em que a personagem se considerava um homem negro e, portanto, trata-se de um fato relevante para o presidente.

O presidente associa negritude a estereótipos, à marginalidade, ao descrédito, à decadência e à derrota. “Quem olha para mim, hoje, nunca vai dizer que sou negro, é digamos, apenas um detalhe biológico” (SOBRAL, 2016b, p. 10). De acordo com Sueli Carneiro, esquivar-se da “negritude é a medida da consciência de sua rejeição social e o desembarque dela sempre foi incentivado e visto com bons olhos pela sociedade” (2011b, p. 73). Nesse sentido, envolvendo dinheiro e prestígio, as convicções raciais podem ficar em segundo plano, mas não no caso de Bárbara. Por um momento ela fica sem ação, mas percebe a violência que lhe é imputada. Permite-se chorar para expor o conhecimento que tem de sua realidade e contrariedade com o proposto pelo presidente.

No Brasil, a negação do racismo e a ideologia da democracia racial sustentam-se pelo discurso da meritocracia. Se não há racismo, a culpa pela própria condição é das pessoas negras que, eventualmente, não fizeram tudo que estava a seu alcance. Em um país desigual como o Brasil, a meritocracia avaliza a desigualdade, a miséria e a violência, pois dificulta a tomada de posições políticas efetivas contra a discriminação racial, especialmente por parte do poder estatal. No contexto brasileiro o discurso da meritocracia é altamente racista, vez que promove a conformação ideológica dos indivíduos com a desigualdade racial (ALMEIDA, 2018, p. 53).

A identidade do presidente é profundamente marcada pelo que o pesquisador Sílvia Almeida denuncia: ele naturaliza a necessidade de parecer branco e projeta Bárbara a partir dos princípios nos quais ele acredita. “A cor não precisa ser um fardo para os mais desenvolvidos” (SOBRAL, 2016b, p. 10). Ele pensa ser inevitável negar os traços negroides e atribui à pessoa negra a obrigação de ter coragem para evoluir através do uso de máscaras. É ideologicamente conformado, como disse o pesquisador. Mais que isso, ele projeta para Bárbara os seus ideais de uma maneira impositiva alegando que ela será a culpada caso não se esforce o bastante. Por outro lado, ela não se deixa abater pelo discurso da falsa democracia racial. “Estava com as pernas trêmulas, quase sem chão, prestes a desmoronar em suas convicções” (SOBRAL, 2016b, p. 12). Apesar do sofrimento e da autorreflexão, decidirá baseada no que suas concepções permitem fazer.

Importante pontuar que somente no final da narrativa a protagonista se vale do direito à fala. “ – Veja Senhor Presidente, eu sou negra. Negra! Quando acordo, quando durmo, quando amo, quando trabalho” (SOBRAL, 2016b, p. 12). Até então, ela escuta atentamente seu chefe, não o interrompe; apenas reflete sobre o rumo da conversa, mas quando resolve *falar é* incisiva em sua recusa. O que era uma imposição, seu poder de fala transforma em uma proposta recusável e ela não escuta mais os argumentos dele impondo resistência frente ao embate. “Bárbara retirou o crachá da empresa e deixou sobre a mesa do chefe” (SOBRAL, 2016b, p. 12). A demissão não denota um final necessariamente feliz para a narrativa, porém explicita enfrentamento ao racismo, conforme discutiremos no último capítulo.

3.3 “Metamorfose”: um processo de descoberta

Na perspectiva apresentada por Édouard Glissant, em *Introdução a uma poética da diversidade* (2005), sobretudo no que se refere à noção de criouliização, o autor defende a existência de diálogos entre as culturas²⁹. As narrativas em análise apresentam personagens que ilustram o choque, desde o lugar de fala concernente à mulher negra. Tratando especificamente de “Metamorfose”, a protagonista batalha para ser branca. Para Glissant, existe uma troca entre as culturas proveniente do contato entre os indivíduos, proporcionada pelos deslocamentos e capaz de promover modificações nas identidades. Cabe ressaltar que essas trocas operam, muitas vezes, a partir de tensões, conflitos e sempre em negociação. O autor expõe a noção de cultura compósita: nela o processo de criouliização ocorre constantemente porque é originária da relação entre elementos culturais distintos.

Essa visão de identidade se opõe à noção hoje “real”, nas culturas compósitas, da identidade como fator e como resultado de uma criouliização, ou seja, da identidade como rizoma, da identidade não mais como raiz única, mas como raiz indo ao encontro de outras raízes” (GLISSANT, 2005, p. 27, grifos do autor).

É possível identificar um embate – próprio das culturas compósitas - no conto em análise: percebe-se a presença dos rizomas, porque ele se refere ao encontro entre raízes distintas. Neste sentido, Socorro acreditava ser necessário adequar-se à estética branca para que conseguisse aceitação social. Importante ressaltar que a protagonista imagina um mundo onde

²⁹ A noção de criouliização é apresentada no capítulo 1 (“Criouliizações no Caribe e nas Américas”), de *Introdução a uma poética da diversidade*; quanto à ideia de cultura pura, encontramos este debate no capítulo 3, intitulado “Cultura e Identidade”, no qual Glissant apresenta o esquema entre culturas atávicas e compósitas, apropriando-se da noção de rizoma tal qual exposta na introdução dos *Mil Platôs*, de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Reiteramos que, neste princípio de existência de diálogos entre as culturas, repousa a premissa inicial da presente pesquisa.

todos são embranquecidos. Ela deixa de tentar descobrir como a sociedade funciona e passa a perseguir a ideia na qual ela acredita, numa similaridade com o presidente do conto “O tapete voador”. “Também já fui negro um dia. Numa fase dolorosa, que procuro esquecer, aliás, pago um ótimo terapeuta alemão, que tem reformulado a minha autoimagem” (SOBRAL, 2016b, p. 11). Ambas as personagens assimilam a desumanidade imposta a pessoas negras. As posturas dela são sempre pautadas pelas ações e falas do outro, inclusive o *dizer* do outro determinava também suas crenças.

Socorro tinha orgulho de não se considerar fútil; pelo contrário, afirmava ter objetivos de vida bem definidos. Por exemplo, desde que começou a brincar com barbies brancas, desejou ter um marido clarinho como os galãs de novela, ou como os príncipes dos contos de fadas. Para ser digna de um companheiro ariano legítimo, sempre jurou ter sido uma menina bem mais clarinha, que foi escurecendo. Para remediar, atualmente não saía sem o protetor solar fator 100 (SOBRAL, 2016b, p. 89, grifos da autora).

Sobral leva o leitor a acreditar que Socorro concretizará seu objetivo. A brancura era seu projeto de vida. O lugar de fala em Socorro é profundamente marcado pela autonegação³⁰ da negritude: ela abdica do lugar que ocupa enquanto mulher negra e valoriza os traços físicos e comportamentos eurocêntricos. De acordo com Djamila Ribeiro mulheres negras precisam se autodefinir. “Existe um olhar colonizador sobre nossos corpos, saberes, produções e, para além de refutar esse olhar, é preciso que partamos de outros pontos” (RIBEIRO, 2017, p. 35). Para a filósofa, a mulher é pensada a partir de um ponto de vista masculino; sempre comparada e não ajuizada a partir de si mesma enquanto pessoa. Por esse motivo, posturas como a de Socorro são praticadas com o objetivo de atender a padrões de comportamento. Sobral demonstra verossimilhança quando explicita as ações da protagonista: ela absorvia o olhar e a fala do outro sobre seu corpo e sobre suas atitudes.

Nesse contexto o direito à voz equivale ao direito à vida. “Uma vez que falar é existir absolutamente para o outro” (FANON, 2008, p. 33). A linguagem é um direito inalienável. Se mulheres negras não gozam desta prerrogativa, isto participará de suas construções identitárias. Referir-se ao discurso da existência significa compreender que negar a fala corresponde a anular

³⁰ Geni Guimarães, na obra *A cor da Ternura* apresenta o conto “Metamorfose” onde, além do título, há uma semelhança com Sobral no que se refere às posturas de autonegação apresentadas pelas protagonistas. É possível constatar que a rejeição social as leva à recusa da própria identidade. “Infelizmente, a exposição do negro ao preconceito racial provoca o desenvolvimento de processos como a autonegação. Faz parte do trajeto até chegar ao conhecimento, à aceitação de si e ao amor próprio” (OLIVEIRA; LOPES, 2018, p. 544). A respeito do tema, sugerimos a leitura do artigo “A forja do eu: o discurso racista em ‘Metamorfose’, de Geni Guimarães”, disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/Travessias/article/view/10308/7926>.

a humanidade. Grupos subalternizados compartilham de experiências comuns. Assegurar o lugar de fala, isto é, a localização de poder dentro de uma determinada estrutura social, corresponde a criar fissuras, tensionar a hegemonia a fim de que múltiplas vozes sejam respeitadas. Há um problema quando conhecemos apenas uma das posições: fala ou escuta. É preciso que mulheres negras executem a fala e sejam ouvidas a fim de que consigam reconhecimento. É necessário contestar a epistemologia dominante; reconfigurar o mundo através de outras visões. O contrário da postura descrita será a baixa autoestima, a exclusão e o desejo de embranquecimento.

Não é difícil imaginar o ciclo entrópico, a direção mortífera imprimida a este ideal. O negro, no desejo de embranquecer, deseja nada mais, nada menos, que a própria extinção. Seu projeto é o de, no futuro, deixar de existir; sua aspiração é a de não ser ou não ter sido (SOUZA, 1983, p. 5).

Para muitos é realmente um ideal de vida livrar-se dos traços físicos que diferenciam ao ponto de representar desumanidade. Trata-se da extinção do fenótipo para conquistar aceitação. O dito por Souza está em consonância com Fanon: “Então tentarei simplesmente fazer-me branco, isto é, obrigarei o branco a reconhecer minha humanidade” (2008, p. 94). Diante do exposto, o plano de Socorro estava baseado na confiança de que somente a partir do desaparecimento de seus traços negroides seria possível encontrar um lugar no mundo; uma existência plena. Confiava mesmo que a consolidação deste projeto exigia provações, o que nos leva a inferir que a negritude para ela era um castigo. “Acreditava que a negritude era um verdadeiro desafio para testar os escolhidos à salvação e, por isso, somente com muita coragem e fé alcançaria a vitória. Este era um segredo guardado a sete chaves” (SOBRAL, 2016b, p. 89). Dentre as pretensões, estava até mesmo gerar um garoto branco, de olhos claros e nariz afilado cujos cabelos seriam raspados a vida inteira a fim de evitar constrangimentos. De acordo com Neusa Souza, é o conhecimento acerca do racismo que origina comportamentos como os de Socorro.

A partir do momento em que o negro toma consciência do racismo, seu psiquismo é marcado com o selo da perseguição pelo corpo-próprio. Daí por diante, o sujeito vai controlar, observar, vigiar este corpo que se opõe à construção da identidade branca que ele foi coagido a desejar. A amargura, desespero ou revolta resultantes da diferença em relação ao branco vão traduzir-se em ódio ao corpo negro (SOUZA, 1983, p. 7).

A consciência do racismo leva à repulsa contra o próprio corpo. Socorro entendia as adversidades que fazem parte da existência de uma mulher negra, inclusive pretendia “conquistar o seu lugar, na sombra, por favor” (SOBRAL, 2016b, p. 90). Ela tinha consciência

da necessidade de evitar o preconceito que, para ela, representava o sol, a dificuldade. Stuart Hall esclarece que fatores como classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade alteram a estabilidade da identidade: “Essas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados” (HALL, 2015, p.10). Para ele, isso ocorre tanto no âmbito social quanto no cultural e são fatores que colaboram para a existência das crises identitárias. A possibilidade de o indivíduo moldar-se de acordo com a necessidade e com a situação sugere um caráter processual para a identidade, pois conforme esta noção, ela está em constante formação, apresentando-se dinâmica e gradativa.

Na busca por disfarces, Socorro procurava pela invisibilidade em seu cotidiano e em cada ação; entretanto, a caminho de uma festa, seu carro é fechado por um ônibus e ela atua contrariamente a seu projeto de vida. “Subitamente, resolveu falar” (SOBRAL, 2016b, p. 90). Diante da adversidade, ela exerce seu direito de fala: enuncia de seu lugar sem a necessidade de assumir um ponto de vista que é do outro. “Desafiou a crença de que mulheres não devem falar demais porque afinal de contas *não pensam, sempre muito ocupadas com os cabelos e outras futilidades [...]*” (SOBRAL, 2016b, p. 91, grifos da autora). No contexto do verbo *desafiar*, a personagem transcende suas posturas anteriores. O advérbio de intensidade marca o estereótipo atribuído a mulheres: falam *demais*. Nesse momento, surge a personagem que irá cooperar com a mudança de postura de Socorro.

Socorro acabara de ser bloqueada por um motorista de ônibus, um homem negro, desses muito apressados, cansado de tentar ingressar em diversas empresas onde nunca sobreviveu ao teste de boa aparência, cheio de sono pela jornada de trabalho combinada com a faculdade à noite, e definitivamente insatisfeito com o salário e a profissão. Atenção ao conflito, pois esse homem era de verdade, não era cauterizado, revelava a própria dor! (SOBRAL, 2016b, p. 91).

A descrição do motorista é realizada a partir do lugar social que ele ocupa: homem, negro, desprivilegiado socialmente. Sobral dedica-se a um indivíduo cujo mérito não é suficiente para conquistar uma vida melhor porque a cor da pele o impede. Imerso nessa condição; cansado do racismo e do trabalho pesado; descontente com sua realidade e lutando para melhorar, mas profundamente realista porque se mostra insatisfeito com relação ao meio social onde se insere. *Era de verdade*: protagonista da própria história e exemplo para Socorro. De acordo com Djamila Ribeiro, a consciência de ocupar um lugar social marginalizado permite a apropriação de ações contrárias a esta condição além da possibilidade de tirar proveito desse espaço. Sobre esta última prerrogativa, a filósofa esclarece:

Isso é fundamental para entender que o “não lugar” de mulher negra pode ser doloroso, mas também potente, pois permite enxergar a sociedade de um lugar social que faz com que tenhamos ou construamos ferramentas importantes de transcendência. Talvez aí eu tenha percebido a estratégia de ver a força da falta como mola propulsora de construção de pontes (RIBEIRO, 2018, p. 23, grifos da autora).

A falta de condições de trabalho e de respeito social fazia com que o motorista frequentasse a faculdade em busca de ascensão. Era ele também que não fazia questão de usar disfarces para ser aceito: *não era cauterizado e revelava a própria dor!*. Por este ponto de vista, Socorro percebeu que era preciso criar uma nova vida. Construiu, nos dizeres de Ribeiro, ferramentas para a edificação de pontes, ou seja, novos caminhos a serem trilhados. “De súbito, parou o carro bem em frente do motorista, pronta para exigir os seus direitos de cidadã. Ela agora entendia que pior que a violência só mesmo a passividade” (SOBRAL, 2016b, p. 91). *Exigir* direitos é uma assertiva importante para o entendimento da trilha identitária traçada por Socorro no atual contexto: ela reconhece seu lugar enquanto mulher negra dotada de benefícios tais como a fala.

No contexto do itinerário obliterado do sujeito subalterno, o caminho da diferença sexual é duplamente obliterado. A questão não é a da participação feminina na insurgência ou das regras básicas da divisão sexual do trabalho, pois, em ambos os casos, há ‘evidência’. É mais uma questão de que, apesar de ambos serem objetos da historiografia colonialista e sujeitos de insurgência, a construção ideológica de gênero mantém a dominação masculina. Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade (SPIVAK, 2010, p. 67, grifos da autora).

Ao reafirmar a intersecção que promove a opressão em caráter conjugado numa balança de medidas igualitárias entre raça, classe e gênero, Spivak remonta a diferença de tratamento direcionada a homens e mulheres em um contexto colonial projetado para a modernidade. Uma mulher como personagem de “Metamorfose”, permite entender o quanto a resignação a papéis de subalternidade impõe a sujeitas negras comportamentos de autonegação da negritude. A mudança de Socorro inicia quando ela se permite executar a fala. Numa metáfora com a chuva, Sobral estabelece a imponentia de uma ação eminentemente humana: “Uma chuva, torrencial, gritava e batia no chão” (SOBRAL, 2016b, p. 91). Personificar a chuva, atribuindo a ela o grito, é uma estratégia literária para dizer sobre o quanto a personagem se rebelava contra um sistema opressor. A mesma chuva será agente de transformação porque ao sair do carro, ela molhará os cabelos e será descoberta no disfarce pelo qual tanto prezava. O cabelo tomado como parte do

corpo negro para representar dados relativos à intimidade da personagem, apresenta toda a problemática da construção identitária marcada pelo racismo.

A discriminação interseccional é particularmente difícil de ser identificada em contextos onde forças econômicas, culturais e sociais silenciosamente moldam o pano de fundo, de forma a colocar as mulheres em uma posição onde acabam sendo afetadas por outros sistemas de subordinação. Por ser tão comum, a ponto de parecer um fato da vida, natural ou pelo menos imutável, esse pano de fundo (estrutural) é, muitas vezes, invisível (CRENSHAW, 2002, p. 176).

Crenshaw lembra sobre a naturalização inerente ao racismo. São sistemas organizados para discriminar de uma maneira espontânea, por exemplo, a protagonista de “Metamorfose” considera perseguir a brancura algo natural. O pano de fundo para a opressão praticada contra mulheres como Socorro, é a elaboração de estereótipos capazes de aprisionar a mulher negra em um lugar à margem do ideal. Dentre elas, está o preconceito contra o cabelo que age nas estruturas sociais aviltando uma existência aceitável do ponto de vista de si mesmas e do outro³¹. Trata-se de um sistema de subordinação que pratica a baixa autoestima a fim de negar o avanço de sujeitas negras nos âmbitos acadêmico, profissional, pessoal³², perpetuando o discurso escravocrata de que negras/os são inferiores até mesmo biologicamente.

O desfecho da narrativa apresenta Socorro cortando o cabelo em público e estabelecendo uma nova forma de vida, além do beijo apaixonado entre ela e Jorge³³. Importante ressaltar a ação da protagonista no sentido de descobrir-se enquanto mulher negra e o fato de Sobral ressaltar o seu nascimento a partir deste ponto. Segundo as reflexões de Sílvia Almeida (2018, p. 53), “uma pessoa não nasce branca ou negra, mas torna-se a partir do momento em que seu corpo e sua mente são conectados a toda uma rede de sentidos compartilhados coletivamente, cuja existência antecede à formação de sua consciência e de seus afetos”. É do compartilhamento de experiências que se originam posturas, pois diante da necessidade de sobrevivência em um meio austero no que se refere à aceitação das diferenças, a mulher negra poderá imprimir ação no sentido de posicionar-se contrária ou a favor até mesmo de seu corpo.

³¹ O cabelo é um tema recorrente em Sobral conforme explicitado no rodapé 12 dessa dissertação.

³² Sobre o cabelo de mulheres negras e sua representatividade, indicamos a leitura do artigo de bell hooks: “Alisando nossos cabelos”. Nele, a feminista apresenta relatos acerca da importância do alisamento para as construções identitárias, abarcando as dimensões social e familiar.

³³ A respeito do ato político que pode residir na apresentação literária do amor entre pessoas negras, sugerimos a leitura do artigo de bell hooks “Vivendo de amor” e também da última seção da dissertação de Maria Silva: “O amor entre sujeitos/as negros/as como ato de resistência em ‘Ana Davenga’”. Disponível em: <http://repositorio.ufpi.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/1388/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20com%20figura%20biblio-depositar.pdf?sequence=1>.

É preciso validar ainda a postura de Cristiane Sobral nesta conjuntura: o que poderia ser considerada uma futilidade, ela transforma em problema coletivo a ser referendado literariamente.

Assim, contradiscursos e contranarrativas não são importantes somente num sentido epistemológico, mas também no de reivindicação da existência. A invisibilidade da mulher negra dentro da pauta feminista faz com que ela não tenha seus problemas nem ao menos nomeados. E não se pensa em saídas emancipatórias para problemas que nem sequer foram ditos. A ausência também é ideologia. (RIBEIRO, 2018, p. 124).

Temos a conquista da existência representada por Socorro em seu ápice de autoafirmação como também a ascensão da escritora, por meio de seu lugar de fala. Sobral adentra o campo das literaturas negras a partir de situações relativas à condição interseccional da mulher negra transformando estereótipos em uma maneira para tomar o poder da escrita e da vida.

4. RESISTÊNCIA PELO EMPODERAMENTO

Esperre o inesperado

Sou pássaro preto
 Estendo as minhas asas
 Coloco fogo na dor
 Espalho as cinzas negras pelo meu corpo
 Forjo uma pele nova a cada momento
 Jogo as cinzas ao vento
 E voo
 Águia negra
 A ressuscitar diante de qualquer tempestade
 Mais forte
 Mais célebre
 Mais viva

 Mais leve
 Mais lúcida
 Mais nítida

Esperre o inesperado.

Cristiane Sobral
Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz (2016)

Muitas vezes, o racismo impõe àquelas/es cujas identidades são marcadas por esta condição a necessidade de enfrentamento. As narrativas em exame apresentam, no contexto de suas peculiaridades, formas diversas de lutas das sujeitas negras contra a realidade segregadora na qual estão inseridos/as. Comum aos três contos em análise é o fato de as protagonistas alcançarem a consciência de si e a opção por valorizar os traços negroides. Desse ponto de vista, a resistência ocorre por meio do empoderamento. Ainda que o percurso para chegar até este último seja diferente para cada uma das personagens, a escrita sobraliana apresenta resistência por meio de uma poética de valorização da negritude.

Onde há poder, ele se exerce. Ninguém é, propriamente falando, seu titular; e, no entanto, ele sempre se exerce em determinada direção, com uns de um lado e outros do outro; não se sabe ao certo quem o detém; mas se sabe quem não o possui (FOUCAULT, 2018, p. 138).

Segundo Michael Foucault, o poder não emana de um indivíduo em particular, mas os grupos que o detém são soberanos ao ponto de exercerem a supremacia necessária para que os subordinados sejam identificados. Nesse contexto, o poder direcionado a pessoas negras através da negação de direitos e do menosprezo à condição humana originou formas de luta contra a opressão. Na atualidade, o racismo se mostra condição prolongadora da escravização. O poder se exerce sobre os corpos, sobretudo os femininos, ditando normas de caráter estético

e comportamental cuja relevância em âmbito social é capaz de vilipendiar identidades. A fim de contestar tal realidade, a escrita sobraliana imprime resistência por meio da poética de valorização da negritude.

Estou empenhada em provocar a reflexão sobre a humanidade de negros e negros além dos estigmas, escrevo sua subjetividade em minhas obras, quero contar nossas histórias, nossas memórias, destacar nosso legado na construção planetária (SOBRAL, 2016d, p. 395).

Em entrevista, Cristiane Sobral menciona sua intenção como escritora negra. Para ela é importante apreciar a resistência negra, ressaltando aquilo que foi e continua sendo negado: a humanidade e o protagonismo. Considerando o poema “Espere o inesperado”, é possível localizar esse intuito assim como também ocorre nos contos que compõem o *corpus* desta dissertação. O verbo *forjar*, na primeira estrofe, constitui um dos pilares para o entendimento do texto: moldar-se de acordo com as situações; reconstruir-se. O pássaro negro representa a capacidade da mulher negra de alçar voos, buscar novas perspectivas, resistir. Encarar a dor não significa não senti-la, mas transformá-la em aprendizagem. Assim, ressuscitar constitui o apogeu da resistência quando a mulheres negras são imputadas tantas adversidades ao mesmo tempo em que é possível reviver com mais força que antes: *forte, célebre, viva, leve, lúcida, nítida*.

Mulheres negras colocam *fogo na dor*. Os estereótipos tendem a mascarar a identidade feminina, por isso é preciso força para contestá-los. A força, representada pelo fogo no poema, advém da lucidez, da inteligência, do equilíbrio, da vida. Esperar o inesperado é o paradoxo que resume a capacidade de transgressão de mulheres negras enquanto proprietárias de seus corpos. Em “Pixaim”, o inesperado reside na criança que, sob a égide de uma família castradora de seu direito à negritude, é obrigada a travar lutas contra os padrões que lhe são infligidos até chegar à idade que permita agir em acordo com a consciência que tem de si. Em “O tapete voador”, é surpreendente para o presidente que a funcionária prefira ressaltar os traços negros a despeito da oferta de sucesso profissional. Em “Metamorfose”, o súbito se dá na chuva quando Socorro desiste de parecer branca e deixa cair as máscaras do branqueamento.

Nos contos em análise, bem como no poema, a criouliização mostra sua face desordenada e as influências dela sobre as construções identitárias. “Ora, no atual panorama do mundo uma questão importante se apresenta: como ser si mesmo sem fechar-se ao outro, e como abrir-se ao outro sem perder-se a si mesmo?” (GLISSANT, 2005, p. 28). Para mulheres negras, diante da história de violência e de luta, é importante recuperar a subjetividade que nos conduz a nós

mesmas. O trajeto que leva à abertura para o outro só pode ser percorrido se antes o conhecimento e a aceitação de si mesma ocorrer efetivamente. É por isso que Sobral se posiciona favoravelmente à exaltação dos traços físicos e apresenta textos cujo pano de fundo é a subjetividade afro-feminina. A contestação em defesa do protagonismo negro é o ponto crucial para as análises que realizaremos neste capítulo.

4.1 “Pixaim”: do tempo morno a um dia de começos

Na discussão sobre lugar de fala, mencionamos o primeiro período de “Pixaim”; entretanto, gostaríamos de reiterá-lo dada a importância do mesmo para nossas análises. O tempo morno em “Pixaim” alude a uma contagem puramente cronológica da sucessão de fatos numa tentativa de mostrar a condição da mulher negra periférica e uma infância subtraída. “Rio de Janeiro. Qualquer dia da semana num tempo que passa morno, sem novidades” (SOBRAL, 2016b, p. 37). O dia da semana é apresentado pelo pronome indefinido *qualquer* em alusão ao cotidiano repetitivo uma vez que a vida de uma garota de dez anos, negra e moradora do subúrbio carioca, provavelmente está cercada pelos desafios impostos pelo racismo. É possível entender a impossibilidade de delimitar o tempo quando considerado o trabalho da escritora no sentido de levar o leitor à sensação de imutabilidade.

De acordo com Macêdo (2015, p. 29), Sobral apresenta o tempo de maneira indeterminada no conto. “Ela não cita data alguma como forma de chamar a atenção de que o que ocorrerá a seguir atravessa gerações” [...] (MACÊDO, 2015, p. 29). Para a pesquisadora, a busca de Sobral é por uma poética que permita assegurar protagonismo à mulher negra. O futuro da personagem é descrito como um “horizonte sem perspectivas” (SOBRAL, 2016b, p. 37). A promessa de dias melhores – significado mais comum atribuído à palavra *horizonte* – é contrariada pela locução adjetiva que estabelece um paradoxo e uma afirmação sobre as consequências que o racismo tem na construção identitária da personagem: *sem perspectivas*.

A cor da pele constituía o primeiro fator para que fossem desconsiderados os posicionamentos da menina diante do próprio corpo; para destituírem sua humanidade em nome da aproximação com uma aparência branca. Nesse contexto, é importante ressaltar que a protagonista, aos dez anos, já é capaz de demonstrar resistência no sentido de manter seus traços negroides. Ela tem consciência de sua condição e do modo como o outro a enxerga: “[...] descobre que há pessoas descontentes com sua maneira de ser [...]”. Disso, considera a

arbitrariedade presente nas posturas daqueles que a cercam: “[...] é acusada injustamente”. Por meio do vocábulo *acusada*, percebemos a atribuição de responsabilidade à criança pelo fato de ser negra. Ela é penalizada pelo cabelo crespo como se tivesse cometido um crime e a escolha léxica da autora nos comprova tal afirmativa.

Ela continua a produzir efeitos de mutilação, porque, originariamente, é e será sempre aquilo em nome do qual se operam fissuras na sociedade, se estabelecem relações coloniais, se repatriam e se prendem pessoas cuja vida e cuja presença são consideradas sintomas de uma condição limitada, e cuja pertença é contestada porque provém, nas classificações vigentes, do excedente (MBEMBE, 2014, p.70).

Da segregação decorrem direitos negados e a recusa de um lugar social enquanto pessoa capaz de posicionar-se, de escolher, de manifestar-se intelectualmente. A raça permite reificar pessoas, negar-lhes a condição humana, tirar-lhes a voz e até a própria vida. Sem cerimônia, a menina era obrigada a rejeitar o próprio tipo físico, o que constituía uma violência sem precedentes: uma mutilação. Ela mostra-se consciente de que o erro reside nas posturas do outro. “Os ataques começaram quando fui apresentada a alguns pentes estranhos, incrivelmente frágeis, de dentes finos, logo quebrados entre as minhas madeixas acinzentadas” (SOBRAL, 2016b, p. 37). O pente era inadequado para o cabelo crespo e não este último que era *ruim* como diziam. Agredida em suas origens, a menina sofre ofensivas contra sua identidade, mas reconhece a resistência de seu cabelo. Além disso, o pente aparece no texto como uma arma usada na agressão contra seu corpo ao mesmo tempo em que explicita a fragilidade desta, estabelecendo culpabilidade ao instrumento e não ao seu cabelo.

“Pela primeira vez ouço a expressão cabelo ‘ruim’” (SOBRAL, 2016b, p. 37, grifos da autora). O adjetivo *ruim* estabelece a hierarquização do cabelo tomado como metonímia para o corpo negro. Subentende-se que ao outro está assegurado o adjetivo *bom* a fim de garantir sua legitimidade e rebaixar a qualidade do que é próprio da pessoa negra. “Sabemos que as coisas são nomeadas, e o nomear parte de intenções. Interessa, assim, compreender as intenções ideológicas erigidas diante das qualificações[...]” (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2015, p. 107). A dicotomia exprime a valorização do branco em detrimento do preto: os adjetivos escolhidos cumprem a missão de fomentar o rebaixamento de tudo o que faz parte da pessoa negra. “A associação do cabelo crespo a algo ‘ruim’ faz parte do imaginário que inferioriza a condição do *ser negro*” (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2015, p. 107, grifos das autoras). Portanto, a expressão tem abrangência maior do que apenas a definição atribuída ao cabelo. De acordo com a locução adverbial de tempo que inicia o período, é provável que a protagonista tenha seu devir negro

muitas vezes maculado durante sua vida: aquela foi apenas a primeira vez que lhe impuseram a palavra *ruim* como característica. O discernimento que a protagonista demonstra é parte da tentativa de descobrir a postura negativa imputada ao corpo negro, além da construção de uma personagem dotada de humanidade capaz de levar o leitor à reflexão sobre as estereotípias tão maléficas à pessoa negra.

O cabelo do negro, visto como “ruim”, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como “ruim” e do branco como “bom” expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste (GOMES, p. 114, grifos da autora).

O corpo negro – representado em Sobral pelos cabelos – pode ser entendido por uma perspectiva política que sugere uma hierarquização. Se o cabelo *bom* pertence ao branco, o contrário será depreciado; estará sempre abaixo nas escalas qualitativas da estética. O cabelo pertence assim ao campo da diferenciação por um ponto de vista no qual a atribuição de um valor determina a aceitação social de alguns indivíduos em detrimento de outros. Assim, o cabelo, entendido aqui como metonímia do corpo, estabelecerá o rebaixamento do ser em todas as instâncias: física, intelectual, social. Através do conhecimento dessa realidade e na busca por aceitação, a decisão imediata é mudar o cabelo. “Essa necessidade de ter a aparência mais parecida possível à dos brancos, de ter um visual inócuo, está relacionada com um desejo de triunfar no mundo branco” (hooks, 2005, p. 3). Entendemos o *triunfar* de bell hooks como uma decisão política que promove a aceitação ou repulsa da mulher em todos os âmbitos. Embora demonstrasse aceitação de seus traços, a protagonista passou a ter contato com o discurso de autonegação desde muito cedo.

“Depois uma vizinha disse a minha mãe, que todos os dias lutava para me pentear e me deixar bonitinha como as outras crianças, que tinha uma solução para amolecer a minha carapinha ‘dura’” (SOBRAL, 2016b, p. 37, grifos da autora).

Ficar igual às outras crianças era o que impunha a sociedade porque, aos olhos da vizinha e de sua mãe, era a maneira mais viável para ser aceita, isto é, parecer branca significava aproximar-se do ideal de beleza desejado. O adjetivo *igual* aparece no texto muito arraigadamente ligado à brancura como um lugar não racializado e assim se estabelece que o defeito da pessoa negra é ter raça. A mãe concordava com a necessidade de mudar o cabelo da filha. Numa sequência temporal na qual os eventos sucedem as tentativas de embranquecer a garota, o leitor adentra o universo infantil e verifica o quanto é sofrido e consciente o relato. Após o contato inicial com a desqualificação de sua imagem, o texto apresenta os adjetivos

entre aspas numa ênfase proposital ao aviltamento. Agora a vizinha está determinada a dirimir as diferenças que compõem a feição da garota. O verbo *lutar* exhibe mais uma vez o caráter ofensivo da contrariedade do outro com o corpo negro. Estão implícitos sua feiura uma vez que era preciso ficar *bonitinha* e também o fato de seu cabelo constituir um problema porque a vizinha propunha uma solução.

“Cresci muito rapidamente e, para satisfazer aos padrões estéticos, não podia usar o cabelo redondinho do jeito que eu gostava, pois era só lavar e ele ficava todo fofinho parecendo algodão” (SOBRAL, 2016b, p. 37-38). A preferência por diminutivos rememora o caráter infantil da narradora-protagonista³⁴ ao mesmo tempo em que valoriza os traços negros com os quais a personagem se identifica: o formato e a textura do cabelo são agradáveis aos olhos da menina. Mais uma vez a presença dos marcadores temporais, através do encadeamento de dois advérbios - *muito rapidamente* - denota o quanto pessoas negras são levadas pelo meio social a se desenvolverem com presteza. A sinestesia que reveza tato (fofinho, algodão) e visão (estética, redondinho), permite inferir a respeito da sensibilidade com que Sobral trata da condição da criança negra. Assim, percebemos a valorização do fenótipo negro por meio das estratégias discursivas empregadas e através dos posicionamentos da protagonista numa atitude política que conduzirá à elevação da autoestima.

“Não percebia como alguém poderia ser algo além daquilo que é” (SOBRAL, 2016b, p. 38). O vocábulo *além* denota que não é possível haver algo hierarquicamente superior àquilo que podemos ser. Aliás, o conto termina com a reafirmação desta premissa: “A gente só pode ser aquilo que é” (SOBRAL, 2016b, p. 41). Os verbos *poder* e *ser* celebram a construção identitária negra de maneira inteligível, sugerindo o empoderamento. Concomitante a isto, percebemos um equilíbrio entre aquilo que nos é permitido, aquilo que somos e aquilo que o outro espera que sejamos. Se apenas é permitido ser o que somos, então é imprescindível que tenhamos liberdade para decidir sobre nossa aparência, entendendo que esta última não está desvinculada daquilo que sentimos e nem do que construímos socialmente. A aceitação da

³⁴ O primeiro e o último parágrafos de “Pixaim” apresentam narrador onisciente. “Ao valer-se da narração em terceira pessoa, no início e no final do conto, aparentemente, a intenção da voz narrativa é manter certa distância daquilo que conta, interessada apenas em situar o leitor nos contextos específicos nos quais a história se passa, respectivamente, Rio de Janeiro e Brasília” (SILVA, 2018, p. 107). Os demais parágrafos têm foco narrativo em primeira pessoa. Usamos a expressão narrador-protagonista em referência à classificação de Lígia Chiapinni. “O NARRADOR, personagem central, não tem acesso ao estado mental das demais personagens. Narra de um centro fixo, limitado quase que exclusivamente às suas percepções, pensamentos e sentimentos” (LEITE, 2014, p. 44, grifo da autora). A protagonista de “Pixaim” narra as atitudes da mãe, da vizinha e dos demais familiares a partir de ações e falas, o que nos permite classificar o foco narrativo pelo ponto de vista de Chiapinni.

estética resulta em autoestima por isso é tão importante entender esta relação como influenciadora do processo de construção identitária.

Depois do pente quente e de uma chuva que trouxe de volta sua aparência, a menina afirma: “Por um tempo tive paz. Fazia o que bem entendia com meus fios, mas sabia que algo estava sendo preparado” (SOBRAL, 2016b, p. 38). A paz representa a liberdade tão cara a pessoas negras; um direito negado desde a diáspora e, na atualidade, vivenciado sob outras maneiras de aprisionamento tais quais a negação ao corpo e à intelectualidade. Confirmando a premonição da garota, a vizinha viaja e retorna com nova estratégia de alisamento.

O henê era um creme preto muito usado pelas negras no subúrbio do Rio de Janeiro, que alisava e tingia os crespos. A propaganda da embalagem mostrava uma foto de uma mulher negra sorridente com as melenas lisas. Só que o efeito do produto não era eterno, logo que crescesse um cabelinho novo, era necessário reaplicar o creme, dormir com *bobbies*, fazer touca, e outras ações destinadas a converter o cabelo “ruim”, em “bom”. O produto era passado na cabeça bem quente e mole, mas quando esfriava endurecia. Uma hora depois, a cabeça era lavada com água fria em abundância até a sua total eliminação (SOBRAL, 2016b, p. 38-39, grifos da autora).

A utilização do henê enfatiza as ações violentas às quais a protagonista estava submetida porque expõe a tortura e representa seus maiores temores. O próprio comercial do produto e a imagem da mulher negra emitiam uma representatividade para a garota: possivelmente, a transitoriedade do efeito uma vez que, com o crescer das raízes capilares, seria necessário novo procedimento. Além disso, a menina sabia que a fotografia era o símbolo de um disfarce porque aquela mulher não era realmente o que aparentava. Tratava-se de uma beleza forjada para agradar a um mundo racista. O sorriso momentâneo não era interesse da menina uma vez que ela estava certa da impossibilidade de ter o cabelo *bom* e optava por suas características naturais. A escolha indica resistência frente à imposição da mãe e da vizinha, contudo ela é privada de seu livre-arbítrio em uma alusão ao período escravocrata.

Era a tentativa de extinção do meu valor! Chorei, tentei fugir e fui capturada e premiada com chibatadas de vara de marmelo nos braços. Fim da tentativa inútil de libertação (SOBRAL, 2016b, p. 39).

As chibatadas indicam a violência à qual a menina era submetida para aceitar a vontade da mãe, apesar de sua tentativa de fuga. O adjetivo *capturada*, em referência ao sequestro e à diáspora, é um exemplo de como a linguagem de Sobral empresta aos dias atuais a dimensão exata de como o regime de escravização ainda não foi extinto, apenas remodelado. Para Nilma Lino Gomes (2002, p. 21), corpos negros foram e continuam violentados; entretanto, tal

realidade não indica submissão dos explorados porque estes últimos desenvolveram formas de rebelião e de resistência. Dentro dessas configurações está a modificação do corpo através dos penteados, pinturas, tranças: “O corpo evidencia diferentes padrões estéticos e percepções de mundo” (GOMES, 2002, p. 21). Para a protagonista de “Pixaim”, o corpo da mulher da foto na caixa do hené expressava uma visão de mundo irreal porque o efeito era passageiro; uma ilusão: “[...] pensei com pavor na foto da mulher com cabelo alisado” (SOBRAL, 2016b, p. 39). Não é a escolha que ela faz para sua vida mesmo em tão pouca idade. Infelizmente, a uma criança negra não é permitido exercer o livre-arbítrio e os sacrifícios impostos pela tentativa de embranquecê-la corroboravam com o aprisionamento de seu corpo.

Depois, já era tarde, minha mãe encheu minha cabeça de bobbies. Segui inerte. Chorei insone aprisionada pelos bobbies amarrados na cabeça, sentindo uma imensa dor e o latejar dos grampos apertados.
Dia seguinte. Minha mãe me chamou inesperadamente carinhosa e me colocou frente ao espelho. Pela primeira vez disse:
- Você está bonita! Pode brincar, mas não pule muito para não transpirar e encolher o cabelinho (SOBRAL, 2016b, p. 39, grifos da autora).

Agora estava refém dos bobbies, dos grampos e da inércia; sua infância era podada. Sem liberdade para dormir ou brincar, a dor crescia para transformar-se em resistência adiante. Ela percebe o inesperado carinho da mãe como uma tentativa de fazê-la perceber-se bonita com a nova aparência; contudo, também denota não estar habituada ao amor materno pois a imposição ao alisamento lhe parecia agressiva e contraditória quando comparada ao gesto de agora. Estava aprisionada pelos padrões contrários à sua raça.

Os vizinhos ficaram felizes com a confirmação da profecia. Diziam que preto não prestava mesmo. Todo mundo se sentia no direito de me dar uns tapas, para me corrigir, para o meu bem. Eu era tudo de péssimo, ingrata, desgosto da mãe, má, bruxa. Meus irmãos também colaboravam me chamando de feia, bombрил, macaca (SOBRAL, 2016b, p. 39, grifo da autora).

De acordo com Lino Gomes, os apelidos desferidos a crianças negras marcam profundamente suas vidas. “São, talvez, as primeiras experiências públicas de rejeição do corpo vividas na infância e adolescência” (GOMES, 2002, p. 45). O fato de ser ofendida em contexto familiar, até mesmo pelos irmãos, causava tristezas ainda mais profundas. Ademais, a narração ressalta a naturalidade com que o racismo se manifesta: era uma *profecia*, isto é, já era esperado que a garota não tivesse boa índole, simplesmente pelo fato de ser negra. A cor da pele estabelece uma diferença e esta última serve ao propósito de grupos dominantes no sentido de conferir ausência de valores ao grupo desprivilegiado. Tomaz Tadeu Silva esclarece sobre a naturalização oriunda da diferença.

Na perspectiva da diversidade, a diferença e a identidade tendem a ser naturalizadas, cristalizadas, essencializadas. São tomadas como dados ou fatos da vida social diante dos quais se deve tomar posição. Em geral, a posição socialmente aceita e pedagogicamente recomendada é de respeito e tolerância para com a diversidade e a diferença (SILVA, 2000, p. 73).

Na prática, a essencialização e o fato de universalizar características, tais como a falta de boa índole atribuída a pessoas negras, constituem formas de violência e o respeito não é praticado. “Eu era a ovelha mais negra, rebelde por excelência, a mais escura e a que tinha o cabelo ‘pior’. Às vezes eu acreditava mesmo que o meu nome verdadeiro era pixaim” (SOBRAL, 2016b, p. 40, grifos da autora). Considerando que era a *mais negra* da família, as características do fenótipo permitiam a associação ao descrédito, o que não ocorria com os outros irmãos de pele mais clara. O nome - importante elemento identitário - aparece no trecho como exemplificação de sua ausência de caráter: afinal, nem mesmo por um nome era chamada.

Trata-se de um estereótipo a ligação entre negras/os e a ausência de moralidade: no caso da menina, a insubordinação. São os sistemas de significação explicados por Tadeu Silva. “A identidade e a diferença não podem ser compreendidas, pois, fora dos sistemas de significação nos quais adquirem sentido. Não são seres da natureza, mas da cultura e dos sistemas simbólicos que o compõem” (SILVA, 2000, p.78). O alicerce do sistema, segundo Silva, é a linguagem uma vez que dela decorre o conjunto de estereotípias atribuído à menina como forma de abolir sua humanidade: “ovelha negra”, “tudo de péssimo”, “má”, “bruxa”, “desgosto”, “bombril”, “macaca” (SOBRAL, 2016b, p. 40). Os vocábulos expressam toda a violência psicológica imposta à criança ao mesmo tempo em que justificam a violência física que ela sofria.

Eu já não resistia e comecei a acreditar no que diziam. Todos os dias eram tristes, e eu tinha a certeza de que apesar do cabelo circunstancialmente “bom”, eu jamais seria branca. Foi aí que eu tive uma inesperada luz. Minha mãe queria me embranquecer para que eu sobrevivesse à cruel discriminação de ser rejeitada por ser diferente. Percebi subitamente que ela jamais pensara na dificuldade de criar uma criança negra, mesmo tento casado com um homem negro, por que ela e meu pai tiveram três filhos negros de pele clara, ou melhor, “socialmente brancos”, que não demonstravam a menor necessidade de assumirem sua negritude (SOBRAL, 2016b, p. 40, grifos da autora).

Do primeiro período do trecho de “Pixaim” é possível inferir que a construção identitária da protagonista, passa por um momento de instabilidade à medida em que ela aceita como verdadeiras as afirmações de que era uma pessoa de índole duvidosa, conforme afirmações dos vizinhos e familiares. Apesar de incorporar momentaneamente este último discurso, ainda assim a menina não admite a possibilidade de um dia tornar-se branca e chega à conclusão de

que sua progenitora não estava preparada para encarar o racismo. Outro ponto importante do trecho transcrito é a simbologia acerca de pessoas socialmente brancas³⁵: posição de privilégio que dispensa a afirmação de uma identidade negra. Nesse contexto, a personagem precisava lutar contra as convicções dos familiares para assumir sua identidade racial.

A possibilidade de construir uma identidade negra – tarefa eminentemente política – exige como condição imprescindível, a contestação do modelo advindo das figuras primeiras – pais ou substitutos – que lhe ensinam a ser uma caricatura do branco. Rompendo com este modelo, o negro organiza as condições de possibilidade que lhe permitirão ter um rosto próprio (SOUZA, 1983, p. 77).

A certeza de que jamais seria branca é um ponto crucial para a construção identitária da protagonista. Baseada no fato de que era necessário realizar ações contrárias aos posicionamentos da mãe, ela age em consonância com o que afirma Souza: está consciente de que não passará de uma imitação do branco e terá de contestar este modelo quando a escolha, provavelmente oriunda de uma maior idade, assim lhe permitir. Como na infância, seria muito difícil atuar, ela prefere retroceder, o que não lhe confere covardia, mas apenas uma estratégia inteligente para, em momento adequado, conquistar seu espaço. “Cresci tentando ser algo que eu não conhecia, mas que intuitivamente sabia ser meu, só meu” (SOBRAL, 2016b, p. 40, grifos da autora). Embora a negritude estivesse em seus sonhos, ela afirma não ter vivência e nem liberdade para conhecê-la: estava convicta do pertencimento, mas não tinha, até aquele momento, propriedade para adentrar este mundo.

O meu cabelo era a carapaça das minhas ideias, o invólucro dos meus sonhos, a moldura dos meus pensamentos mais coloridos. Foi a partir do meu pixaim que percebi o comportamento de uma sociedade, que insistia em me enquadrar num padrão de beleza, de pensamento e de opção de vida (SOBRAL, 2016b, p. 40-41).

Sobral apresenta, por meio de metáforas, a valorização do fenótipo negro. De maneira poética, ela explicita o valor do cabelo crespo para a protagonista. “Assim encarado, o cabelo, qual carapaça, apresenta-se antes que duro e inapropriado, como resistente e protetor. Mais: é moldura, invólucro [...]” (SILVA, 2016, p. 93). Além disso, o trecho mostra a repercussão que as situações relacionadas ao cabelo têm para a construção identitária da menina: não se trata apenas de um ornamento para o rosto, mas de uma proteção para o local do corpo onde estão abrigadas as ideias, os pensamentos, os sonhos, a humanidade. O pensar torna as pessoas efetivamente humanas e é por este motivo que o cabelo, que ela não nega ser visto como pixaim, permite a medida exata das posturas racistas e, por este ângulo, o cabelo pode proporcionar uma

maneira nova de encarar a vida. Da gradação crescente de Sobral – padrão, pensamento, opção de vida – reiteramos o ápice do cabelo tomado como metonímia do corpo: a personagem reflete sobre os valores impostos socialmente para decidir sobre o que lhe possibilita maior conforto e vitalidade.

Independentemente da maneira como escolhemos individualmente usar o cabelo, é evidente que o grau em que sofremos a opressão e a exploração racistas e sexistas afeta o grau em que nos sentimos capazes tanto de auto-amor quanto de afirmar uma presença autônoma que seja aceitável e agradável para nós mesmas. As preferências individuais (estejam ou não enraizadas na autonegação) não podem escamotear a realidade em que nossa obsessão coletiva com alisar o cabelo negro reflete psicologicamente como opressão e impacto da colonização racista (HOOKS, 2005, p. 7).

Segundo bell hooks, mesmo quando tomada a decisão de não alisar o cabelo, muitas vezes, tal atitude não implica valorização identitária porque ainda é preciso se sentir confortável com a aparência exatamente como ela é. No caso da protagonista, ela demonstra, em todo o percurso ficcional, gostar de si mesma; entretanto, a conjuntura de opressão a leva ao tormento. A autonomia citada por hooks não era um privilégio da menina devido a pouca idade e à subordinação. Apesar do contexto descrito, ela decide, como estratégia de enfrentamento, afirmar-se.

Quinze anos depois, em Brasília, é segunda-feira, dia de começos. Uma mulher madura de olhar doce e fértil vê sua imagem no espelho e ajeita com cuidado as tranças corridas, contemplando com satisfação a história escrita em seu rosto e a beleza que os pensamentos dignos conferem à sua expressão. É uma mulher livre, vencedora de muitas batalhas interiores, que se prepara para a vida e luta para preservar a sua origem, pois é a única herança verdadeira que possui. Ela aprendeu e jamais esquecerá. A gente só pode ser aquilo que é (SOBRAL, 2016b, p.41).

Mbembe esclarece que é inerente aos seres humanos a capacidade de instaurar novas identidades: “Por definição, a figura humana é plástica. O sujeito humano por excelência consegue tornar-se outro, uma nova pessoa. É aquele que, coagido com a perda, a destruição e, até, o aniquilamento, fará surgir de tal acontecimento uma identidade nova” (2014, p. 229). Em “Pixaim”, a plástica ocorre quando a garota acata as pressões para, quinze anos mais tarde, reinventar-se. “É uma mulher livre, vencedora de muitas batalhas interiores, que se prepara para a vida e luta para preservar a sua origem, pois é a única herança verdadeira que possui” (SOBRAL, 2016b, p.41). Ela demonstra uma postura afirmativa diante de si e dos outros e deixa implícito que os combates interiores continuam em caráter processual: um eterno embate pela representatividade de sua raça. Também é gradativo seu empoderamento. Há um percurso de

quinze anos até chegar a ele: o que antes era *qualquer dia da semana*; agora, é *segunda-feira, dia de começos*.

Ressalte-se que o fato de um sujeito pertencente a um grupo oprimido ter desenvolvido pensamento crítico acerca de sua realidade, não retira a dimensão estrutural que lhe coloca sob situações degradantes. Essa é uma das razões pelas quais o *empoderamento* é um processo gradual (BERTH, 2018, p. 43, grifo da autora).

A menina passa por mudanças identitárias de maneira processual e de acordo com o tempo e com o meio. Seu rosto, seu cabelo e seu corpo remetem a uma história de dificuldades, mas também de conhecimento e de aceitação de si mesma à revelia dos anseios dos que a cercam, inclusive de sua progenitora. Ademais, para chegar à liberdade era necessário empregar senso crítico acerca do que impulsionava o outro uma vez que este era o ponto de partida para lutar contra a rejeição social. Da sinestesia (*olhar doce e fértil*) podemos inferir sua capacidade para multiplicar saberes e vida. As *chibatadas* e a queimadura não lhe trouxeram somente dor porque permitiram sua reinvenção enquanto mulher negra a partir do entendimento de sua realidade.

“O poder, longe de impedir o saber, o produz” (FOUCAULT, 2018, p. 38). Há quem acredite que o exercício do poder cessa a produção intelectual de grupos reprimidos; afinal, impedir o saber é a forma mais viável para permanecer no poder. Entretanto, o filósofo alerta para o fato de que ocorre o inverso: subordinados produzem saber e, inclusive, as dificuldades proporcionam a consolidação de tal realidade. A reflexão de Michael Foucault permite uma analogia com os dizeres de Sobral: “Ela aprendeu e jamais esquecerá. A gente só pode ser aquilo que é” (SOBRAL, 2016b, p.41). Os percalços pelos quais passou em sua trajetória geraram aprendizagem; sabedoria. Além do poder e da resistência que obteve enquanto sujeita negra diante de uma sociedade racista, a protagonista produziu conhecimento. Em uma via de mão dupla, Sobral exemplifica poder e ampliação de epistemologia à proporção que supera as condições adversas – assim como a personagem – para fincar-se como escritora negra brasileira.

4.2 “O tapete voador”: as raízes ou o mérito?

Não por acaso, o título dessa narrativa tem relação com as construções identitárias femininas negras. A instabilidade que marca o transporte no tapete mágico³⁵ das lendas, faz

³⁵ Acerca da ocorrência literária de tapetes mágicos, propomos a leitura do artigo de Luiz Carlos Fernandes: “O fantástico e o maravilhoso da solidão latino-americana”. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2655/2343>.

parte do processo de construção das identidades, sobretudo quando observado o conto cuja protagonista apresenta-se certa de suas convicções, mas é conduzida a uma situação profissional capaz de testar a certeza de seus posicionamentos. “Todo mundo tem a oportunidade de se reinventar a partir de um momento de crise” (SOBRAL, 2016b, p. 7). O primeiro período do conto marca a possibilidade de mudança nas posturas da protagonista através do verbo *reinventar*. A escritora demonstra sua intenção em percorrer os trajetos intrínsecos ao cunho gradativo com que a identidade feminina negra se estabelece. Considerando o relacionamento entre culturas, Hall afirma que é inadmissível conceber identidades estáticas.

Ao invés disso, à medida que “os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com as quais poderíamos nos identificar a cada uma delas – ao menos temporariamente” (HALL, 2015, p. 12).

Assim, a pluralidade inerente à Bárbara nos serve como matéria-prima para a observação dos mecanismos de construção identitária, bem como, a relação que se estabelece entre ela e o presidente da empresa. A protagonista trabalhava em uma grande empresa e estava em ascensão profissional. “Era estimada pela equipe, tudo estava caminhando para o êxito. A moça estava tão empolgada que fez uma carta pedindo apoio da empresa para começar um curso de pós-graduação” (SOBRAL, 2016b, p. 7). A oportunidade de estudar, graduar-se e conseguir um trabalho no qual se realizava era algo importante em sua vida. Ademais, demonstrava resistência ao tentar avançar nesse sentido porque se levamos em consideração as estatísticas relacionadas à presença negra no mercado de trabalho³⁶ e nas universidades, entenderemos o quanto é difícil para sujeitas negras comporem esses espaços.

“De um dia para o outro, foi convocada pelo presidente da empresa. Do jeito que as coisas aconteceram, pensou, *quem sabe não recebo uma promoção, seria ótimo, crescimento profissional, um salário melhor...*” (SOBRAL, 2016b, p. 7, grifos da autora). A presença dos

³⁶ Sueli Carneiro, com base em pesquisa realizada pelo Ministério do Trabalho e pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), afirma que o mercado de trabalho tem preferência por profissionais com o mínimo de onze anos de estudo. “O nível de exigência de escolaridade é alto para os padrões nacionais, em que a média de escolaridade para brancos é de 6,6 anos de estudo e, para negros, 4,4” (CARNEIRO, 2011b, p. 113). A pesquisadora analisa a realidade de negras/os com base nas condições históricas que promoveram as disparidades sociais. “Assim, as atuais exigências educacionais para a alocação da mão de obra no mercado de trabalho formal não apenas conformam-se como um instrumento para a seleção dos profissionais mais qualificados, mas também operam como um filtro de natureza racial, definindo os que preferencialmente serão alocados. Se não é possível demonstrar intencionalidade de exclusão racial nesse processo, é certo que, a despeito das intenções, é o que ele realiza. Essas são algumas das possíveis razões para o crescimento econômico não resultar necessariamente, em redução das diferenças sociais e ter menor impacto sobre a diminuição da pobreza do que as políticas focadas no combate às desigualdades sociais, como vem sendo apontado por estudos realizados pelo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Ipea)” (CARNEIRO, 2011b, p.114).

vocábulos em itálico, que traduzem a consistência dos pensamentos da personagem, valorizam o interesse pelo crescimento profissional. O foco narrativo é apresentado em onisciência seletiva múltipla. Neste caso, ocorre praticamente extinção do narrador e a “HISTÓRIA vem diretamente, através da mente das personagens, das impressões que fatos e pessoas deixam nelas” (LEITE, 2014, p. 44, grifos da autora). Ocorre exposição das personagens e detalhamento de pensamentos, percepções e sentimentos.

A narrativa segue até o final da penúltima página sem a fala direta de Bárbara; apenas com suas reflexões. Ela não cogita, até então, a hipótese de haver um entrave em seus projetos. Considera-se capaz, demonstra pertencimento à sua raça, parece absolutamente confortável com o cabelo e realizada profissionalmente. Entretanto, isso não significa que a possibilidade de mudança comportamental, de acordo com as influências externas, seja nula. Além da capacidade intelectual e profissional, Bárbara evidencia aceitação de si mesma, respeito e admiração pelo corpo negro.

Divagações íntimas enquanto aguardava confortavelmente assentada a flertar com a sua imagem refletida no espelho na mesa de centro. Era vaidosa, experimentava ao máximo as possibilidades do seu cabelo afro, com presilhas turbantes, prendedores, faixas, enfim, tudo o que pudesse iluminar e exaltar sua identidade. Nesse dia, especialmente, fizera um penteado trançado, com desenhos adornando a cabeça inteira, como uma preciosa moldura (SOBRAL, 2016b, p. 7-8).

Aceitar-se enquanto mulher negra é uma característica relevante nos posicionamentos da protagonista: ela *flerta* consigo mesma, enamora-se, admira-se. Seu cabelo é um adorno, uma moldura: vocábulos que indicam valorização da estética negra e, conseqüentemente, das memórias e da ancestralidade. O grupo nominal *preciosa moldura* proporciona a dimensão do amor que ela tem por seu cabelo; trata-se de empoderamento em uma sociedade cuja regra é negar a aparência negra. O fato de o cabelo oferecer diversas possibilidades é uma maneira de exaltar a raça através dos traços negroides. É possível que o cabelo liso não ofereça a chance, por exemplo, de ser trançado porque o penteado não terá durabilidade devido à estrutura dos fios. Nesse contexto, estimar o fenótipo é uma forma de resistência porque contraria os padrões estabelecidos.

A cabeça sintetiza tudo isso. Rosto e cabelo são marcas da raça social e política que nos diferencia. Cabeça – intelecto, memória, pensamento. Cada um tem o direito de fazer essa viagem de volta. Olhar-se no espelho da raça e reconstruir sua identidade e seu corpo, pensando na sua trajetória e nas rotas do povo ao qual se sente vinculado (RATTS, 2006, p. 68).

Os prendedores, turbantes e faixas são acessórios muito usados por quem tem cabelos crespos e constituem uma forma de exaltar a identidade negra. Marcamos um lugar social e um pertencimento quando incorporamos as peculiaridades de nosso povo, ou seja, quando nos identificamos com uma tradição. Como afirma Alex Ratts, temos o direito de agir em conformidade com a cultura à qual nos vinculamos. Um direito não praticado muitas vezes por imposição da vontade de grupos dominantes. Nesse sentido, Bárbara descobrirá que nem tudo em que acredita é uma premissa aplicável a todas as pessoas negras.

“Entrar no gabinete do presidente era vislumbrar um território estranho, nunca antes imaginado. Mas ora, o *escritório era como os escritórios!*” (SOBRAL, 2016b, p. 8, grifos da autora). Após autorização da secretária, ela adentra a sala do presidente e descobre que sua ansiedade fazia com que criasse um espaço idealizado quando na realidade, era como outro qualquer: com papéis indicando a quantidade de trabalho, jornais, revistas, charutos. “Era um local onde cada um devia saber o seu lugar. Ansiosa, mexia os dedos das mãos, acariciando a aliança de compromisso que usava” (SOBRAL, 2016b, p. 8-9). Sentou na cadeira indicada pela secretária e obedeceu à hierarquia ali sugerida, afagando o símbolo da união com o noivo.

Distraída, perdeu a chegada rápida do presidente. Surpresa, Bárbara levantou bruscamente. Não estava sonhando. Estava surpresa! O presidente era um homem negro! Um negro na presidência daquela multinacional! Nunca havia visto fotos do presidente, pois só falava por meio do seu port-voz, e ele não costumava comparecer aos eventos sociais, devido a impedimentos de agenda. O presidente era tão importante que fazia questão de ser invisível, intocável. Bárbara estava atônita (SOBRAL, 2016b, p. 8-9).

Possivelmente, a surpresa reside no fato de ela conhecer os fatores sociais que impedem uma pessoa negra de chegar a tão alto cargo³⁷. Além disso, o presidente apresentava justificativas para não aparecer em público. Na realidade, ele evitava mostrar quem realmente era: um homem negro. É relevante ressaltar que a escrita do texto é feita de maneira a estabelecer um equilíbrio entre a surpresa da protagonista e a importância do cargo ocupado pelo homem negro mediante recursos narrativos, tais como, o foco narrativo onisciente e a

³⁷ Apesar de haver exceções, a possibilidade de ascensão profissional é historicamente restrita aos grupos brancos. Desse modo, o mérito não é capaz de resguardar oportunidades ou de assegurar a igualdade de condições em um mercado de trabalho tão competitivo quanto o brasileiro. “Há ainda, o reconhecimento de que o mérito, ainda que exista, na *performance* individual dos racialmente hegemônicos está mediado pela exclusão intencional dos discriminados, o que limita o alcance da proeza pela desigualdade de origem instituída nos termos da competição social. Então, quando o mérito é invocado para barrar propostas de promoção de igualdade racial, omite-se, escamoteia-se, a construção social, segundo a qual nascer branco consiste por si só num mérito, uma vantagem original cujo prêmio é conduzir ‘naturalmente’ brancos ao acesso privilegiado dos bens sociais. O que todos os indicadores socioeconômicos desagregados por cor/raça confirmam” (CARNEIRO, 2011b, p. 105, grifos da autora).

presença de figuras de linguagem como ironia, metonímia e metáfora. O encontro entre as duas personagens é desconcertante.

Com gestos precisos, ele estendeu a mão negra, que saltou ágil, da beirada da manga do terno branco impecável, muito bem cortado:

- Obrigada por ter atendido ao meu convite. Seja bem-vinda. Fique à vontade, prometo ser breve, seu tempo deve ser tão precioso quanto o meu. Você é sem dúvida um grande talento desta empresa. Em primeiro lugar, peço que o assunto aqui tratado fique entre nós. Admiro a sua dedicação e o seu profissionalismo, acredito no seu potencial, por isso vou tentar tecer alguns comentários que poderão ser fundamentais à sua ascensão profissional (SOBRAL, 2016b, p. 9).

Os adjetivos enaltecem a figura do presidente: preciso, ágil, impecável, precioso. Ele faz questão de parecer cortês ao mesmo tempo em que realiza o encontro a portas fechadas e pedindo segredo antes de mais nada. Mostra-se preocupado com o sucesso de Bárbara, tece elogios acerca do trabalho dela na empresa; contudo, alegará que é necessário ser grata por aquela oportunidade. “Em primeiro lugar, quero fazer alguns esclarecimentos: vivemos em um país que desperdiça muitos talentos, você sabe. Por isso saiba que você tem um excelente emprego nesta instituição, muitos gostariam de ocupar o seu lugar” (SOBRAL, 2016b, p. 9). O substantivo *esclarecimentos* corrobora as intenções da personagem uma vez que a branca é sempre bem-vinda em detrimento da negritude. Como se a raça atribuísse culpa e descrédito, era importante agradecer por ter ascendido em uma sociedade onde negros estão limitados aos trabalhos serviçal e doméstico, o que o presidente chama de *desperdício de talentos*.

Em pausa para resfriar a sala, já bastante fria, a narrativa mais uma vez estabelece referência a padrões brancos em associação ao presidente: a sala reproduziu “uma atmosfera climática um tanto europeia” (SOBRAL, 2016b, p. 9). O presidente buscava padrões eurocêntricos em todos os detalhes, o que lhe dava respaldo para, juntamente com o cargo que ocupava, violentar sua colaboradora: “seu cabelo é péssimo”, um “acidente genético desagradável”, “um defeito” (SOBRAL, 2016b, p. 10). Infelizmente, o racismo impõe a prática do alisamento capilar em detrimento dos penteados que Bárbara admira e pratica.

Em relato sobre o alisamento de cabelos, bell hooks (2005) alerta para o caráter político desse método, que nem sempre é uma escolha, mas uma imposição social. Hooks conta uma experiência pessoal ao relembrar uma conferência da qual participou com seu “cabelo sem química, fora de controle e desordenado” (2005, p. 6). Na visão racista, o cabelo crespo é mesmo sem limites, insubordinado e, portanto, horrendo. Em um ambiente onde a maioria das mulheres alisa os cabelos, torna-se ainda mais difícil agir contrariamente a esta prática. “Senti como se estivesse sendo julgada, como uma marginal, indesejável” (HOOKS, 2005, p. 6).

Infelizmente, a sociedade brasileira comunga das atitudes descritas por bell hooks e para quem sofre o preconceito as identidades são afetadas pelo julgamento do outro numa escala de sensações semelhante à descrita pela pesquisadora: julgamento depreciativo, repulsa e exclusão. Situação semelhante ocorrerá com Bárbara.

O presidente estava disposto a ajudar através de investimentos da empresa com a compra de produtos. Inferimos que a conquista de um espaço só ocorrerá caso a protagonista pareça branca. Em nenhum momento da conversa ela é ouvida, pois a autoridade do presidente se sobressai. “Com o passar do tempo estou tendo alguns ‘brancos’, cada vez mais frequentes...São instantes de paz” (SOBRAL, 2016b, p. 10, grifos da autora). A expressão *ter um branco* é usada por Sobral como uma ênfase acerca da identidade do presidente: a paz, para ele, residia na brancura. “Tenho dinheiro suficiente para estar acima de qualquer suspeita. Sou a prova de que o racismo não existe para aqueles que sabem se misturar à paisagem, como camaleões” (SOBRAL, 2016b, p. 10). Tomando o sucesso financeiro como principal meta, ele aproveita para explicitar, por meio da metáfora com os camaleões que modificam sua cor conforme a paisagem, a fórmula pela qual pessoas negras chegam à plenitude: autonegar-se.

A história da ascensão social do negro brasileiro é, assim, a história de sua assimilação aos padrões brancos de relações sociais. É a história da submissão ideológica de um estoque racial em presença de outro que se lhe faz hegemônico. É a história de uma identidade renunciada, em atenção às circunstâncias que estipulam o preço do reconhecimento ao negro com base na intensidade de sua negação (SOUZA, 1983, p. 23).

Para Neusa Souza, uma identidade pode ser tida como renunciada quando abdica da possibilidade de resistir para assimilar padrões impostos: é o caso do presidente quando afirma que o racismo não existe. O que se entende como uma estratégia inteligente para alcançar o mérito é, na realidade, uma subordinação ao que é ditado pelo grupo dominante e um exemplo de identidade renunciada. Como bem disse a pesquisadora, trata-se de quantificar, em moeda, o quanto custa se desfazer da negritude. Lélia Gonzalez colabora com o tema:

Quando se trata de competir para o preenchimento de posições que implicam em recompensas materiais ou simbólicas, mesmo que os negros possuam a mesma capacitação, os resultados são sempre favoráveis aos competidores brancos. E isto ocorre em todos os níveis dos diferentes segmentos sociais. O que existe no Brasil, efetivamente, é uma divisão racial do trabalho (GONZALEZ, 1979, p. 2).

No contexto da divisão racial do trabalho sobra às pessoas negras o desemprego³⁸, o trabalho informal e a marginalização. O presidente tem essa consciência e age sempre em acordo com a realidade mencionada por Gonzalez. O problema está em impor a Bárbara a escolha que ele toma para si. “Não sou negro, somos todos iguais, vivemos em uma democracia racial, onde todos os que se esforçam podem vencer. Se não venceram, é porque ainda não se esforçaram o bastante” (SOBRAL, 2016b, p. 11). Segundo Lélia Gonzalez, é próprio do negro que frequentou a escola conhecer a realidade na qual está inserido e adotar as estratégias de branqueamento.

Porque tomam consciência do mito da democracia racial, do logro que significa o artigo da Constituição que afirma que “todos os brasileiros são iguais perante a lei”. Porque sabem que, mesmo com igual e até melhor capacitação que os brancos, serão preteridos; qual então a saída que se lhes apresenta? Se conscientes e assumidos, partem para a denúncia de tais arbitrariedades; se não, aceitam a situação tal como está e, aos poucos, para “subir na vida”, começam a pagar o seu preço, o de embranquecimento (GONZALEZ, 1979, p. 3, grifos da autora).

No que tange ao pertencimento racial, Bárbara era consciente e assumida; o presidente não. Ele conhecia apenas a necessidade de ascensão profissional e pagaria qualquer preço para tê-la. Neste sentido, o jogo de interesses marca as posturas de cada indivíduo. A luta é severa porque estão em questão valores tanto dos que estão acima hierarquicamente, como os de todas as outras pessoas com quem o contato é estabelecido, isto é, culturas e identidades diversas. No contexto da poética da Relação, a protagonista em análise e o presidente da empresa onde ela trabalha ilustram o contato entre raízes iguais, mas que incorporam posicionamentos sociais diferentes.

Em âmbito literário, a apresentação de histórias e culturas sugere uma aproximação entre elementos diversificados através das personagens e de suas ações: assim o faz Cristiane Sobral. O texto apresenta negociações calcadas no conflito, o que nos sugere índices de leitura. Desse modo, é possível localizar as noções glissantianas uma vez que a criouliização não se dá de maneira efetiva, pois uma cultura se sobrepõe a outra. É o que ocorre no conto: imprevisibilidade. A cultura branca está acima da negra quando observamos as ações, as falas

³⁸ Sugerimos a leitura do conto “Ela está dormindo”, de Esmeralda Ribeiro. O texto foi publicado em *Cadernos Negros*, volume 24. Nele, a escritora menciona a *boa aparência* tão exigida no mercado de trabalho e capaz de conferir o desemprego em larga escala a pessoas negras, o que reafirma a divisão racial do trabalho mencionada por Lélia Gonzalez. “Quase um ano saindo de madrugada e chegando à noite sem emprego e cansada de escutar exigências esquisitas do tipo: ‘– Seu manequim é trinta e seis? Que pena! O seu cabelo não é liso. Você tem mais de quarenta anos? Precisamos de uma mulher que cheire bem para atender o público” (RIBEIRO, 2001, p. 35).

e a hierarquia do presidente. No caso de Bárbara, a escolha por assumir-se como mulher negra denota resistência, mas lhe trará um preço a ser pago.

Após elogiar muito o trabalho da colaboradora; lembrá-la sobre o quão é excelente a empresa onde ela trabalha; as dificuldades profissionais para uma mulher negra; esclarecer que sua conversa era apenas um alerta de quem aprendeu com dificuldade o que é necessário para o crescimento naquela firma e até ofender o noivo de Bárbara, estabelecia-se a violência desferida contra a protagonista: insultos que a levaram as lágrimas. Depois do terno *branco*, dos muitos esclarecimentos, do clima *européu*, do futuro *alvíssimo*, da paz nos instantes de *branco*, dos *bons genes* brancos e do terapeuta *alemão*, era chegada a hora de impor resistência ao abuso sofrido.

Deixou que as lágrimas trouxessem alguns escurecimentos à tona e limpassem as imagens de terror que embaçavam sua visão. Ela estava lívida após aquela sessão de *afropessimismo* e tentativa de lavagem cerebral. Estava com as pernas trêmulas, quase sem chão, prestes a desmoronar em suas convicções (SOBRAL, 2016b, p. 11, grifo da autora).

Os verbos *embaçar* e *desmoronar* explicitam uma certa dúvida quanto a aceitar a proposta do chefe; ela vacila em suas certezas; no entanto, abandonando essa ideia inicial, ocorre a atribuição de *escurecimentos* numa valorização da raça negra. A sessão de *afropessimismo* na verdade é uma referência à tentativa de extermínio da autoestima negra. Consciente da *lavagem cerebral*, ou seja, da manipulação à qual estava exposta, o nervosismo e o sofrimento daquele instante não impedirão que ela resista.

– Veja Senhor Presidente, eu sou negra. Negra! Quando acordo, quando durmo, quando amo, quando trabalho. Eu sou apaixonada por um homem negro e sonho em ter filhos negros um dia. Jamais poderei deixar de ser o que sou. Agradeço pela oportunidade, mas não posso corresponder à expectativa desta empresa. Eu me demito.
Bárbara retirou o crachá da empresa e deixou sobre a mesa do chefe.
(SOBRAL, 2016b, p. 12).

A humanidade está presente em todas as ações e falas de Bárbara: permite-se hesitar, chora, defende seu amor, fala e decide. Ademais, é importante ressaltar que a carreira profissional para pessoas negras representa tanto a ascensão de sujeitas/os, de comunidades e a construção da unidade familiar. O trabalho passa a ser um instrumento para garantir a vida negra em um sentido individual e coletivo. Nesse sentido, para consolidar sua escolha, Bárbara nega-se a continuar escutando: “Ele ainda tentou argumentar, dizendo que ela iria se arrepender, mas ela não deu ouvidos. Saiu sem olhar para trás” (SOBRAL, 2016b, p. 12). A protagonista poderia

ter dispensado a suposta *ajuda* de seu chefe e esperado a reação dele; entretanto, ela está tão segura de si ao ponto de não querer mais participar da conversa e da empresa.

Empoderar dentro das premissas sugeridas é, antes de mais nada, pensar em caminhos de reconstrução das bases sociopolíticas, rompendo concomitantemente com o que está posto entendendo ser esta a formação de todas as vertentes opressoras que temos visto ao longo da história (BERTH, 2018, p. 16).

Rebelar-se contra as opressões, tomando para si o desafio do desemprego, mostra o empoderamento de Bárbara, pois a credibilidade em si mesma é suficiente para que ela aceite o desafio do recomeço profissional e do risco financeiro. Para Joice Berth, o autoamor é capaz de promover reconstruções de cunho político e social; porém, para negras/os, chegar a esse patamar é mais difícil porque não crescemos em ambientes que nos valorize e nem ouvimos reforços positivos voltados para nossa estética, capacidade intelectual e identidade.

[...]para grupos oprimidos, o desgaste na relação desenvolvida consigo mesmo é tremendamente afetado pela pressão social negativa, tanto pela ausência de sua autoimagem como reforço positivo, como pela insatisfação alimentada pela crença que assimilam das estratégias de grupos dominantes, de inferioridade e subalternidade “naturais”. Em outras palavras, elas passam por processos contínuos de desqualificação, enfraquecendo sistematicamente suas possibilidades de desenvolver o amor por si mesmo e o reconhecimento de seus pontos positivos até de sua humanidade (BERTH, 2018, p. 121, grifos da autora).

A resistência frente à realidade exposta por Berth dar-se-á em decorrência do cunho gradativo que marca as construções identitárias. Se por um lado, ocorre a pregação de uma inferioridade atribuída à pessoa negra; por outro, ao longo da vida, é possível o reconhecimento de si mesma enquanto ser humano dotado das mais diversas capacidades. A narrativa de Sobral assegura esta possibilidade já em seu início: “Todo mundo tem a oportunidade de se reinventar a partir de um momento de crise” (SOBRAL, 2016b, p. 7). O embate com o presidente serve como aprendizado para que Bárbara se reinvente e opte por reafirmar seus ideais.

Os próximos passos não foram fáceis. Para não cair, teve que aprender a caminhar, a triturar todos os problemas diante de seus pés. Tudo ficou muito óbvio a partir de então. Foi conquistando oportunidades, desbravando trilhas de afirmação da sua identidade, sempre resistindo às tentações enganosas do embranquecimento. Quando o Presidente puxou seu tapete, Bárbara aprendeu a voar (SOBRAL, 2016b, p. 7).

Contestar padrões vigentes não é simples. Para Bárbara, o enfrentamento custou o próprio sustento, mas também serviu como impulso para que seguisse na busca por liberdade de escolha. O presidente conferiu força para que ela aprimorasse seu autoamor e, a partir de

então, exercesse o livre-arbítrio diante de seu corpo. Da consciência de si ao aperfeiçoamento da afirmação identitária, a protagonista consolida aprendizagem. As *tentações enganosas* são muitas; em sua maioria, passageiras como o alisamento capilar, porém, o respeito por si mesma, pelos ancestrais e pela raça é consistente apesar dos inúmeros obstáculos que decisões nesse sentido possam representar.

4.3 “Metamorfose”: máscaras rasuradas

A contestação aos estereótipos, o repúdio à negação da humanidade imposta a pessoas negras e a defesa por aceitação se mostram constantes na obra de Cristiane Sobral. Neste contexto, foi escrito “Metamorfose”: a história de Socorro; uma mulher marcada pela preocupação excessiva em parecer branca: “Com uma ajeitada caprichada no ‘bombril’ ninguém poderia dizer que Socorro tinha sangue negro” (SOBRAL, 2016b, p. 90, grifos da autora). Neste caso, a busca por uma aparência branca ultrapassa a ideia de camuflagem para estabelecer uma poética da Relação marcada pela angústia. Para Glissant, “o ser é relação, ou seja, o ser não é um absoluto, o ser é relação com o outro, relação com o mundo, relação com o cosmos” (2005, p. 37). A relação da protagonista com o mundo era tensa porque o medo do racismo estabelecia a necessidade de ser o outro. É apropriado mencionar o paralelo entre os vocábulos *bombril* e *sangue negro*. Eles dimensionam a repercussão do cabelo para a identidade uma vez que, de acordo com Sobral, a mudança no crespo é capaz de lhe conferir até mesmo um tipo sanguíneo aceito socialmente: o branco.

Tornar-se branca era seu projeto de vida acima de qualquer outra necessidade. Suas relações eram pautadas pela não aceitação de si e, portanto, da negação de sua raça. Frantz Fanon explica que a negação de si mesmo constitui medo de enfrentamento ao preconceito. “Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será” (2008, p. 34). Ser branca parecia ser a alternativa mais viável para a protagonista; o caminho mais curto para livrar-se dos estigmas sociais atribuídos a sujeitas negras como ela. Cercava-se de cuidados com a pele e com os cabelos. Prevendo o futuro, almejava um cônjuge branco para ter filhos mais claros. Francineide dos Santos Palmeira escreve sobre a autonegação e suas consequências. “Tornar-se belo passa a ser sinônimo de modificar seu fenótipo. O cabelo deverá ser alisado, domesticado” (PALMEIRA, 2010, p. 106). Para a autora, a/o negra/o brasileira/o associa a construção de uma identidade afirmativa à negação do próprio corpo.

Nesse sentido, a construção identitária de Socorro é pautada pela subjugação dos próprios direitos. Ela exige de si mesma uma imagem vinculada a um padrão que jamais alcançaria e nega seu espaço enquanto mulher negra. Atribuía a Deus a responsabilidade pelas provações e dizia ser necessário ter nascido negra para ter a chance de crescer enquanto pessoa. A negritude é, para a protagonista, um desafio para que ela alcance a salvação: o plano celestial. Considerando a afirmação de Palmeira, a personagem ilustra as consequências maléficas da negatividade conferida à pessoa negra uma vez que parece não haver chance de ser bonita com os traços negros. Socorro incorpora à risca a inferiorização atribuída à sua raça e exemplifica o radicalismo em torno do qual gira a opressão contra si mesma.

Era muito religiosa e acreditava que Deus, em sua opinião um ser tão branco que chegava a ser invisível, lhe daria a benção de um marido branco, pois um pai sempre desejaria o melhor para seus filhos; entretanto era necessário passar por algumas provações. Acreditava que a negritude era um verdadeiro desafio para testar os escolhidos à salvação e, por isso, somente com muita coragem e fé alcançaria a vitória. Este era um segredo guardado a sete chaves. Socorro aprendera o saber pelo sofrer. Como era hábito naqueles tempos, aceitou de bom grado a oportunidade de ser morena ou parda; afinal de contas, todos tinham um pé na cozinha (SOBRAL, 2016b, p. 89, grifos da autora).

Para a protagonista, a brancura constituía a perfeição no plano terreno e celestial. O branco era aceito, tinha significado e plenitude. É assim que Socorro enxerga o mundo: com um Deus branco; com pessoas brancas. Negros socialmente aceitos, iguais e ideais após percorrer o caminho que leva à brancura. Ela via a negritude como um castigo a ser superado; fora escolhida para o sofrimento e também para a superação. Além disso, entendia que a condição de subalternidade era um tanto comum, pois estamos em um país onde a miscigenação nos obriga a reconhecer que temos *um pé na cozinha*. Segundo Neusa Santos Souza, a insistência em modificar-se é uma consequência de todas as opressões às quais indivíduos negros encontram-se submetidos. A consciência do racismo leva ao desejo de mudar a aparência e também as posturas.

Para o sujeito negro oprimido, os indivíduos brancos, diversos em suas efetivas realidades psíquicas, econômicas, sociais e culturais, ganham uma feição ímpar, uniforme e universal; a brancura. A brancura detém o olhar do negro antes que ele penetre a falha do branco. A brancura é abstraída, reificada, alçada à condição de realidade autônoma, independente de quem a porta enquanto atributo étnico ou, mais precisamente, racial. (SOUZA, 1983, p. 4).

A indivíduos brancos, é referenciado tudo o que é particular e valorizado. O mesmo não ocorre com negras/os. Diante da crença de que o tratamento dispensado aos da sua raça segue

um trajeto que vai do preconceito à marginalização, para Socorro era importante ofuscar-se e fazer desaparecer sua raça usando máscaras. Por isso, ela procurava por um marido branco a fim de que tivesse, de preferência, um garoto de nariz afilado e com olhos claros. “Meninos, mesmo com cabelo ruim, poderiam passar uma existência inteira usando a cabeça raspada sem problemas, o que é, inclusive, um dos ícones da moda” (SOBRAL, 2016b, p. 89). Para que suas pretensões fossem alcançadas, ela precisava pensar em todos os detalhes, bem como, argumentar contra possíveis dificuldades como seria desejar ter uma menina. Mbembe explica a repulsa ao negro, conceituando-o aos olhos do indivíduo racista.

Ser humano vivo e com formas bizarras, queimado pela irradiação do fogo celeste, dotado de uma petulância excessiva, dominado pela alegria e abandonado pela inteligência, o Negro é antes de tudo o resto um corpo - gigantesco e fantástico -, um membro, órgãos, uma cor, um odor, carne humana e carne animal, um conjunto inaudito de sensações (MBEMBE, 2014, p. 76).

Ser Negra/o representa estar imersa/o numa atmosfera de descrédito, de negatividade e até de animalização. Todas essas atribuições e a consciência acerca da veracidade das ideias de Mbembe podem levar à autonegação da negritude. Socorro tinha conhecimento acerca daquilo que compunha a raça que negava: a religião, os traços fenotípicos, o corpo. De posse das informações acerca do preconceito contra as religiões afro-brasileiras e contra a estética negra, ela atuava em todos os âmbitos: tinha comportamentos moderados, era católica, fazia dietas.

Fazia a sua parte. Comia pouco para não engordar e ressaltar as nádegas e coxas protuberantes e evitava rodas de samba e cerimônias religiosas afro-brasileiras. Andar vestida toda de branco ou de vermelho nem pensar. Falava baixo, gesticulava com moderação e preferia ser discreta. Ao sorrir espontaneamente, mesmo entre amigos, evitava mostrar com exagero a sua arcada dentária. Tinha tudo a ver com seu sonho de deixar de ser uma mancha negra perante a sociedade e tornar-se elegante, transparente e invisível, é “claro” (SOBRAL, 2016b, p. 90, grifos da autora).

Os mínimos detalhes na aparência e no comportamento representavam aspectos a serem trabalhados a partir dos elementos que ela reunira em torno das características atribuídas a pessoas brancas. Tomando por base o projeto de vida de Socorro, é possível estabelecer um paralelo com a protagonista Nena, criada por Aline Soares Negríndia³⁹ no conto “O céu de Nena”. “Dizia que não queria ter filhos pretos como a noite, tampouco queria causar-lhes sofrimento na hora de pentear os cabelos, como ela sofrera durante toda a infância” (NEGRÍNDIA, 2017, p. 67). Há similaridade entre Socorro e Nena: ambas imaginavam não se

³⁹ Aline Soares Negríndia é negra, baiana, historiadora e ativista. Vive em Aracaju e escreve contos e poesias. Publicou “O céu de Nena” em *Cadernos Negros*, volume 40.

casar com um homem negro a fim de evitar o racismo. “Não queria também que seus filhos sofressem os mesmos tipos de humilhações, nem que sentissem, em suas peles pretas, o forte odor do racismo que insistia em causar-lhe ânsia de vômito cada vez que se lembrava” (NEGRÍNDIA, 2017, p. 67). O casamento, para elas, era a possibilidade de embranquecer as gerações posteriores. Para Nena, o casamento com um descendente de índia com branco lhe rendeu cinco filhos, dentre eles, dois negros; muitas traições e, por fim, o abandono. No caso de Socorro, o projeto sofrerá mudanças; entretanto, o que ela tem em comum com Nena são as violências às quais foram submetidas. Para Sueli Carneiro, existem muitas formas de violência contra mulheres negras. Dentre elas, é preciso considerar aquela que atenta contra a autoestima.

Tem-se reiterado que, para além da problemática da violência doméstica e sexual que atingem as mulheres de todos os grupos raciais e classes sociais, há uma forma específica de violência que constrange o direito à imagem ou a uma representação positiva, limita as possibilidades de encontro no mercado afetivo, inibe ou compromete o pleno exercício da sexualidade pelo peso dos estigmas seculares, cerceia o acesso ao trabalho, arrefece as aspirações e rebaixa a auto-estima (CARNEIRO, 2003, p. 122, sic).

A metonímia estabelecida literariamente por Sobral e na qual o cabelo é tomado como a íntegra do corpo negro, encontra justificativa nas consequências advindas da violência simbólica mencionadas por Carneiro. “É uma violência invisível que contrai saldos negativos para a subjetividade das mulheres negras, resvalando na afetividade e sexualidade destas” (CARNEIRO, 2003, p. 122). Para livrar-se dos atentados contra sua aparência, Socorro procurava modificar os mínimos detalhes possíveis. Ela conhecia a invisibilidade desse tipo de preconceito e não estava preparada para lutar contra ele de uma maneira diferente daquela que fazia até então.

A caminho da badalada festa, para a qual só foram convidadas pessoas “finas”, ela vestia um impecável modelito em tons pastéis para afinar a silhueta. No rosto, usava uma base líquida dois tons mais clara que a sua pele, sombra escura bem aplicada nos cantos do nariz para que parecesse afilado e um batom clarinho para disfarçar os lábios grossos. Suas pernas viviam diariamente aprisionadas sob uma implacável da meia-calça branca (SOBRAL, 2016b, p. 90, grifos da autora).

O enclausuramento em um modelo instituído como ideal para a estética feminina leva à negação do fenótipo. O corpo precisa ser disfarçado em todas as suas instâncias: a silhueta, a pele, o nariz, os lábios. O adjetivo *aprisionadas* consolida uma metonímia porque as pernas são tomadas como o corpo em sua totalidade. O verbo *viver* rememora também a diáspora quando a condição de prisioneiras não permitia nenhum tipo de autonomia sobre os corpos. Se a Socorro era permitido buscar o embranquecimento, ela clareava a pele do rosto com maquiagem e usava

meia-calça branca para não mostrar a cor da pele das pernas. Presa a padrões estabelecidos por pessoas brancas, fica explícito o racismo como condição prolongadora da escravização moderna.

À semelhança de outros tempos, o mundo contemporâneo é modelado e condicionado profundamente por estas formas ancestrais de vida cultural, jurídica e política, que são a da clausura, da cerca, do muro, do campo, do cerco e, no final de contas, da fronteira. Por outro lado, são recuperados processos de diferenciação, de classificação e de hierarquização para fins de exclusão e de erradicação (MBEMBE, 2014, p. 51).

Agora, não existe mais um proprietário específico e determinado, mas há um sistema organizado para impor condutas. As *peessoas finas* mencionadas certamente atendem a esse sistema: são brancas ou agem como se fossem. *Implacável* não é só a meia-calça; é também a sociedade ao redor da protagonista e a ditadura que inflige um alinhamento à identidade de pessoas brancas. Como afirma Mbembe, continuamos presas/os e permanece a criatividade no sentido de fundar métodos de diferenciação, o que consolida a hipótese de que o racismo escraviza pessoas através dos estereótipos. Estes últimos são capazes de estabelecer a hierarquização social.

A relação desigual entre povos conquistados e conquistadores sempre existiu, mas a racialização das diferenças fenotípicas e culturais dos povos significou uma nova forma de legitimar as relações de superioridade e inferioridade entre os povos dominados e os povos dominantes e, principalmente, implicou na naturalização da diferença e hierarquização da população (PALMEIRA, p. 106, 2010).

Para a protagonista, era legítimo acreditar que a brancura lhe conferia uma posição de superioridade: autoalienação. Socorro estava entre os povos conquistados, mas buscava minimizar suas diferenças fenotípicas. Apesar disto, os sacrifícios que conferia a si mesma eram dolorosos e, como sugere o título do conto, seres humanos têm sempre a oportunidade de transformar-se. “De repente, enquanto dirigia o seu carro branco ouvindo música clássica. Socorro foi brutalmente fechada no trânsito por um ônibus” (SOBRAL, 2016b, p. 90). Ressalte-se a cor do carro e o tipo de música que ela ouvia. Considerando as pretensões de Socorro, a cor do carro é previsível. Sobre o tipo de música que ouvia, era preciso estar associada ao gosto de *peessoas finas*, portanto, brancas. O advérbio *brutalmente* marca a transmutação⁴⁰ da narrativa e da personagem.

⁴⁰ A partir deste ponto, ocorre uma mudança no desenvolvimento das cenas, o que pode ser verificado através do narrador onisciente. Este último adentra os pensamentos, pretensões e crenças da protagonista de maneira

Socorro não se sentia confortável com o ocorrido. Estava preparada para a festa e acreditava não ser adequado posicionar-se em público, porém, a partir desse momento o contato e o entendimento sobre quem a bloqueara promove reflexões na protagonista. “Essa situação provocou Socorro. Socorro enxergou a sua própria realidade. Tudo bem que não conseguiu definir quase nada a princípio, mas estava nascendo...” (SOBRAL, 2016b, p. 91). O verbo *nascer* firma a profundidade e o processo de construção identitária expressos no título do conto: metamorfose. O emprego dos verbos *enxergar* e *definir* oferecem a dimensão das agências agora demonstradas pela personagem. A partir de então ela poderia interpretar o mundo e a si mesma de uma maneira afirmativa.

O sujeito pode metamorfosear-se em quaisquer circunstâncias. Por exemplo, em situações de conflito e de adversidade. O acto, por excelência, de metamorfose consiste em sair constantemente de si, em ir para lá de si, em situar-se à frente do outro, num movimento angustiante [...] (MBEMBE, 2014, p. 246).

O vocábulo *conflito* é empregado por Sobral como forma de ressaltar a diferença entre as posturas da protagonista e do motorista: raízes iguais, mas com posturas diferentes como ocorre, por exemplo, no encontro entre Bárbara e o presidente do conto “O tapete voador. Nos dizeres de Mbembe, Socorro encontra um percalço no contato com o homem; contudo, é também este incômodo que a conduzirá ao processo de metamorfose, ou seja, a uma modificação em sua identidade. Ela sai de si quando se encontra frente a um outro com cuja representatividade se identifica; é um movimento angustiante, mas também renovador.

De súbito, parou o carro bem em frente do motorista, pronta para exigir os seus direitos de cidadã. Ela agora entendia que pior que a violência só mesmo a passividade. Os passageiros, agitados, estavam preparados para um espetáculo, e por isso brigavam entre bolsas, ombros, cotovelos, pulsos, e mãos, pelos melhores lugares nas janelas do transporte público. Uma chuva, torrencial, gritava e batia no chão (SOBRAL, 2016b, p. 91).

Apresentamos, em capítulo anterior, o primeiro período do trecho transcrito, porém julgamos pertinente retornar ao mesmo a fim de reafirmar sobre a mudança de postura da protagonista. Entender que a passividade não era a melhor escolha indica resistência por parte de Socorro. A partir do comportamento que localiza no motorista, ela adquire a percepção de que era violentada e de que precisava agir. Em outro ângulo da cena, a ação da protagonista em

detalhada o que, na classificação de Lígia Chiappini (2014), chama-se onisciência múltipla seletiva. Aliada ao foco narrativo, é empregada uma linguagem dinâmica que confere verossimilhança aos fatos, especialmente, entre a passagem de cenas.

reivindicar direitos, a princípio, relativos ao trânsito, contagia as outras pessoas e o conflito se propaga. Nesse sentido, localizamos tensões identitárias; os choques já mencionados por Glissant. Um encontro entre raízes que promove embates e descobertas. Ademais, a imagem da chuva promove a revelação de Socorro. “Detalhe. Socorro estava tão transtornada que saiu do carro sem o guarda-chuva e a capa de plástico. Empurrou com fúria a porta do ônibus enquanto a chuva encharcava seu corpo” (SOBRAL, 2016b, p. 91). Depois de *fechada* e *bloqueada*, ela agora estava *transtornada*. Molhar os cabelos em público era sinal de perturbação da personagem diante de todos os cuidados que ela tinha para disfarçar os traços negroides.

É no confronto dessa relação complexa, também ambígua, com o cabelo que a mulher negra convive diariamente até aceitar o seu cabelo como ‘bom’. Ao assumir suas raízes, o sujeito lírico desvela a intrínseca relação da sociedade racista com a valorização da estética negra [...] (RISO, 2015, p. 10, grifos do autor).

A *fúria* com que Socorro abre a porta do ônibus é sinal de sua rebeldia contra o comedimento que ela tanto praticava anteriormente. Entendendo seus posicionamentos pelo ângulo da ambiguidade mencionada por Ricardo Riso, é possível avaliar o quanto a alteridade é capaz de repercutir nas relações. De um lado, a mulher negra precisa adequar-se aos padrões, por exemplo, ao cabelo alisado e à postura social sempre coerente com o esperado socialmente. De outro, a necessidade de ser livre; de usar o cabelo segundo sua vontade e de portar-se conforme moldes pessoais.

“Socorro estava perdendo a cabeça, aquela cabeça branca que costumava usar de vez em quando para tentar sobreviver num mundo que insistia em propagar a crença de que ‘não existe negro’” (SOBRAL, 2016b, p. 91, grifos da autora). Sobral alerta para o fato de que assumir valores eurocêntricos – a *cabeça branca* – é uma consequência da necessidade de viver em uma sociedade que prega o mito da democracia racial, quando, na verdade, oprime de maneira violenta a possibilidade de escolha, sobretudo, no que se refere a mulheres negras. Assumir o cabelo crespo é um ato de resistência uma vez que a sistemática racista rejeita tal atitude.

“- Fala, negrona! Fez a progressiva né? Cuidado com essa escova progressiva, isso é a maior regressão na vida de um ser humano! (SOBRAL, 2016b, p. 91, grifos da autora). O discurso atribuído a Jorge reitera o caráter humano da protagonista através da expressão *vida de um ser humano*. Concomitantemente, a fala dele estabelece uma ironia acerca da repetição do adjetivo *progressiva* cujo sinônimo é continuidade e progresso, mas, considerando o texto,

é um atraso porque não tem caráter duradouro e porque representa fuga da realidade. O alisamento é sempre momentâneo pois se perde como crescimento capilar e, até mesmo, no contato com a água. Além da ironia, há um paradoxo, pois, o que é denominado como progressivo constitui, na realidade, uma regressão uma vez que mulheres como Socorro exaurem tempo com um procedimento fugaz.

A verdade é que o motorista enxergou Socorro de um modo nunca antes visto. Pensou na realidade absurda de um homem negro que nunca encontrou uma verdadeira mulher negra com quem pudesse casar, e ainda tinha que aguentar acusações injustas que diziam que ele preferia mulheres brancas. Jorge continuava solteiro porque não conseguia escolher entre uma branca original ou uma negra falsificada tentando ser branca. Branca original? Negra falsificada? Ainda não decidira se alguma dessas alternativas estava correta (SOBRAL, 2016b, p. 92, grifos da autora).

O confronto consigo mesma constitui o maior problema da protagonista porque não se aceitar como mulher negra repercute em sua identidade. Isto se torna claro para ela quando é descoberta por Jorge. Ele a vê como ninguém jamais o fez e é capaz de provocar empatia. Ela reflete sobre a vida de um homem assumidamente negro: mulheres como ela proporcionam as dificuldades nos relacionamentos de homens como Jorge porque são falsificadas e permitem que eles sejam alvo de comentários racistas e injustos. Assim, a pessoa negra está sujeita ao preconceito independentemente da maneira como proceda. A diferença está na consciência de si e no autoamor.

Muitas são as críticas sobre os limites e incongruências do potencial da estética no processo de empoderamento. Todas pecam sobremaneira quando subestimam a potência que gera a confiança na própria imagem. Não é possível passar por um processo de empoderamento produtivo se não nos fortalecermos e nos encontrarmos dentro da nossa própria pele (BERTH, 2018, p. 99, grifos da autora).

A imagem é o primeiro motivo para a aceitação ou não de si mesma/o. Por isso, ela tem profunda representatividade para um possível empoderamento. Desse modo, Socorro, até aquele momento, hesitava em tomar uma decisão porque ainda acreditava que poderia se tornar uma branca original. Por outro lado, Jorge a via como uma negra falsificada. “Ainda não decidira se alguma dessas alternativas estava correta” (SOBRAL, 2016b, p. 92, grifos da autora). Ainda não estava forte o suficiente para se encontrar em sua própria pele, o que é demonstrado pelo verbo *decidir*. “A cena mais interessante mostrava o espanto de Socorro, chorando baixinho, completamente chocada e assustada. Ela tentava disfarçar e ajeitar o cabelo encharcado sem conseguir [...]” (SOBRAL, 2016b, p. 92, grifos da autora). Segundo Joice

Berth, somente após o encontro consigo mesma e a satisfação pessoal ocorrerá o empoderamento.

De repente, num movimento rápido e impulsivo, ela virou de costas e meteu a mão na bolsa. Os passageiros gritavam em coro:

- É uma arma!

Eis o clímax da história. Socorro tirou da bolsa uma tesoura pequena e começou a cortar o cabelo. Quanto mais cortava, mais bonita ficava, mais serena, mais incrivelmente consciente. Para o espanto geral, pela primeira vez parecia uma mulher normal, completamente negra e linda. Suas pernas foram finalmente descobertas pela meia-calça rasgada e o rosto não apresentava mais vestígios da maquiagem, desfeita pela força das águas. Socorro ficou paralisada. Sentiu a dor indescritível do seu nascimento, viveu o seu mistério profundo (SOBRAL, 2016b, p. 92-93, grifos da autora).

Sobral revela a êxtase de sua protagonista junto com a valorização da beleza negra: bonita, consciente, serena, linda. Apesar do movimento descrito como *impulsivo*, Socorro havia ponderado para chegar à decisão conforme indicam suas ações e reflexões anteriores. A ação decidida de cortar o cabelo marca, além do suspense na diegese com os passageiros assustados pela presença da suposta arma, o ápice da narrativa. O verbo *cortar* não se refere somente ao cabelo, mas ao conjunto de disfarces utilizados em busca da brancura: era chegada a hora de romper com o antigo projeto de vida.

“O corpo é também pontuado de significados. É o corpo que ocupa os espaços e deles se apropria” (RATTS, 2006, p. 68). O corpo transcende, portanto, a estética para emitir significados sociais e políticos. A plateia de Socorro – os passageiros – é ativa e representa o outro frente às ações da protagonista. Naquele momento, o público estava admirado com a beleza ali revelada a despeito do mau julgamento que poderiam conferir à moça, tendo-a como desequilibrada. Além disso, a água, enquanto elemento de construção identitária, apresenta força suficiente para libertar Socorro da meia-calça e da maquiagem, marcando assim o seu nascimento.

O devir negro é visto como um mistério, uma vez que a partir dele muitas descobertas serão concretizadas, a emancipação da protagonista está completa e sua opção por resistir, estabelecida. Ao apropriar-se de seu corpo negro, ela encontra uma forma positiva de enxergar o outro e a si mesma. “Extasiada, voltou para o carro e buzinou a fim de oferecer carona ao motorista, que desceu do ônibus e deixou os passageiros atônitos. Os dois beijaram-se como num apaixonado beijo de cinema” (SOBRAL, 2016b, p. 93). Assim, o sonho do casamento com

um homem branco pode ser repensado mediante a aceitação do encontro com um negro, isto é, a abertura para outras possibilidades.

Quando nos amamos, sabemos que é preciso ir além da sobrevivência. É preciso criar condições para viver plenamente. E para viver plenamente as mulheres negras não podem mais negar sua necessidade de conhecer o amor. Para conhecermos o amor, primeiro precisamos aprender a responder as nossas necessidades emocionais (HOOKS, 2010, p. 5-6).

O amor mencionado por bell hooks é, antes de tudo, o amor de mulheres negras por si mesmas. No caso de Socorro, o autoamor está manifestado no gozo da liberdade de escolha que ela finalmente expressa. Em seguida, nessa trajetória ela relaciona-se com Jorge, contrariando suas expectativas anteriores, mas reafirmando sua opção pelo pertencimento racial. Preparada para novos desafios, a personagem permite o conhecimento de uma nova versão de si mesma e de quem a cerca. Neste contexto, Sobral mostra como o empoderamento pessoal pode ter caráter coletivo.

Último close que todo mundo viu. O pessoal na rua e no ônibus aplaudiu e pediu bis. Todo mundo começou a se beijar no ônibus e no meio do asfalto. A chuva nunca foi tão providencial para algumas mulheres que ali estavam e voluntariamente deixaram a água lavar todo o resquício de embranquecimento, experimentando liberdade para dentro da cabeça. O trocador realizou pela primeira vez o seu maior sonho, de dirigir um ônibus, e prometeu nunca mais contar piadas de negro. Será? (SOBRAL, 2016b, p. 93).

O primeiro período sugere que o envolvimento do casal não finda com o beijo no carro, pois houve imagens que não foram vistas pelo público. Compartilhar beijos entre todas as pessoas e nos diversos espaços que compõem a cena – ônibus e asfalto – representa a aceitação entre indivíduos, independente, por exemplo, de raça ou de gênero. Trata-se da expressão do respeito mútuo e da possibilidade dos mais diversos encontros. Ademais, a metáfora da chuva surge novamente lembrando que o poder das águas não validou apenas o poder de Socorro, mas também o de outras mulheres⁴¹ presentes. A água representa o livre-arbítrio que deve configurar as ações humanas.

⁴¹ Entendemos que em “Metamorfose” há a expressão do empoderamento coletivo explicitado por Joice Berth. “Ora, se a coletividade é o resultado da junção de muitos indivíduos que apresentam algum – ou alguns – elementos em comum, é intrínseco que estamos falando de um processo que se retroalimenta continuamente. Indivíduos empoderados formam uma coletividade *empoderada* e uma coletividade *empoderada*, conseqüentemente será formada por indivíduos com alto grau de recuperação da consciência do seu *eu social*, de suas implicações e agravantes” (BERTH, 2018, p. 41, grifos da autora). A Teoria do Empoderamento pressupõe processualidade e coletividade. Tais características podem ser ilustradas na narrativa. A processualidade se dá quando a protagonista percorre um trajeto que passa pela autonegação e pela consciência de si para, em seguida, afirmar-se. A

Empoderadas, mulheres negras investem em transformar as imagens que lhes foram impingidas, desejam transformar os modos como são vistas e para isto empreender uma luta, com vistas a fazer intervenções no sistema de representação redutor (SOUZA, 2017, p. 34).

As ações da protagonista levam à resistência no que concerne à superação. Trata-se de uma tendência da autora: afirmar sua presença contestando a literatura canônica e, concomitantemente, construir personagens com identidades voltadas para a condição da mulher negra. Segundo Florentina Souza, Cristiane Sobral é proprietária de uma poética que “ênfatiza a resistência como uma das características do sujeito poético feminino e, principalmente, a disposição deste sujeito para quebrar paradigmas estabelecidos e contestar essencializações” (SOUZA, 2017, p. 30). São protagonistas que demonstram agência, expressam pensamentos e reivindicam um espaço social, isto é, são revestidas de humanidade e de senso crítico oriundos do lugar de fala do qual a autora se posiciona. A descoberta de novos caminhos aparece na narrativa como uma forma de afirmar-se e de empoderar-se.

coletividade pode ser percebida por meio da construção de cenas que enfatizam a participação de outras personagens. Estas últimas agem ao encontro da autoaceitação ou, no mínimo, admiram a atitude de Socorro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em resposta ao nosso problema de pesquisa, atentamos para o conceito de escrevivências, cunhado por Conceição Evaristo, a fim de estabelecer uma relação entre o lugar de fala e as construções identitárias de sujeitas negras enquanto chave de leitura nesta investigação da contística sobraliana. Verificamos que Cristiane Sobral escolhe temas e recursos narrativos a fim de constituir uma poética voltada à abordagem da condição feminina negra. Assim, ela constrói personagens absolutamente distintas e capazes de representar mulheres negras em sua diversidade.

A respeito dos recursos narrativos, além de todos aqueles mencionados nas seções, é importante lembrar sobre a polissemia estabelecida pelo vocábulo *raízes* em Sobral. A palavra aparece com significados diferentes e complementares. Uma primeira análise remete à raiz capilar: tema recorrente nos contos analisados e naqueles com os quais dialogamos. O primeiro impacto do olhar racista é para executar a metonímia, sobre a qual as raízes capilares alcançam a totalidade do corpo negro e permitem o cerceamento da liberdade e, por vezes, da própria vida. Trata-se da estética padronizada que crava nos fios e expande para o corpo a hierarquia determinante de quem merece respaldo social ou não.

As raízes ancestrais também devem ser consideradas nesta análise. Elas estão presentes, por exemplo, em “Pixaim” através do sonho com a avó. Observamos que a trajetória da menina e de todos os humanos é muito respaldada naquilo que é transmitido através de gerações. Por isso, a apresentação da saudade, do acalento e da compreensão da avó como uma forma de compensação aos desmandos da mãe. Encontrando a raiz como fio, a raiz ancestral também se manifesta nas tranças adoradas por Bárbara, em “O tapete voador”: são as mesmas tranças desejadas pela menina de “Pixaim” e representantes do legado da cultura negra. É a importância da família e dos mais velhos de quem herdamos exemplos, cultura e, todas as vezes, a própria vida.

Em última instância, vemos a raiz no sentido glissantiano: aquela oriunda dos aspectos culturais, do pertencimento a uma raça, da Relação entre as culturas. Acima da raiz, o rizoma capaz de movimentar-se para todos os lados e encontrar as mais diversas possibilidades em um contexto caótico onde o imprevisível participa de encontros, tais como o de Socorro e Jorge em “Metamorfose”. Contestando a existência de uma cultura única, a crioulização põe a descoberto identidades diversificadas oriundas dos contatos entre culturas distintas. E assim, analisando

ficcionalmente, pessoas de pele negra se encontram com posicionamentos distintos a respeito de suas formas de agir e de pensar. Neste caso, uma poderá ou não influenciar a outra. Socorro aprendeu com Jorge a resistir com o fenótipo que a raça, biologicamente, lhe conferiu. Já Bárbara, aprendeu com o presidente que é possível alcançar o sucesso utilizando como arma o amor por si mesma e por tudo o que é inerente à raça negra.

Sobral alia as possibilidades semânticas da palavra *raiz*, com o potencial estético do qual dispõe, para denunciar as consequências do racismo como condição que prorroga a escravização na sociedade brasileira. Fiel a suas raízes ancestrais, a autora utiliza a raiz dos fios para alcançar a problemática do encontro das raízes nas culturas compósitas onde é urgente rejeitar a homogeneidade para dar lugar ao múltiplo. Através das personagens, a autora mostra visões e posições diferentes: há os que assumem e os que rejeitam a negritude. Deste ponto de partida, ela trata do amor, da infância, da família e do trabalho para subverter o sistema literário que apresentava a mulher negra de maneira erotizada, desumanizada e nunca protagonista de suas histórias e de seu povo.

Para Mbembe (2014), Fanon (2008) e Souza (1983), o racismo, visto como sistema de opressão, obriga pessoas negras a mascarar a aparência. Os disfarces, através das estratégias de branqueamento, participam das construções identitárias negras a partir do momento em que a percepção em torno da raça se consolida. É o que ocorre, por exemplo com o presidente do conto “O tapete voador”. Disto decorre a primeira etapa do caráter provisório que sustenta a análise identitária. Tomadas as devidas peculiaridades, a processualidade identitária está presente em cada um dos contos reiterando as premissas defendidas pela referida teoria uma vez que cada protagonista apresenta uma relação específica com a negritude. O âmago dessas relações deixa implícito que a identidade não é autodefinida, ou seja, quem decide quem é bela/o ou adequada/o é o homem branco e não a mulher enquanto proprietária de seu corpo.

No que diz respeito à interseccionalidade, apresentada nesta dissertação, principalmente, à luz das discussões de Patrícia Hill Collins (2015), de Kimberlé Crenshaw (2002) e de Djamila Ribeiro (2018), é importante reiterar que este conceito permite entender, de maneira mais contundente, o lugar de fala a partir da análise da condição de vida das protagonistas para levar ao entendimento de suas posturas identitárias. Cabe destacar a resistência da autora no atendimento às premissas de bell hooks [...]: “raciocinar logicamente, pensar coletivamente e escrever lucidamente” (hooks, 1995, p. 472). Desse modo, ela combate a violência epistêmica e o silenciamento.

Em “Pixaim”, o protagonismo da criança negra é conferido com a sensibilidade própria da infância e com a realidade específica da raça, classe e gênero. Não é um paradoxo com a defesa de sua humanidade o fato de ela não ter um nome porque a verossimilhança tem alicerce nesta opção narrativa. O objetivo, neste caso, é apresentar um devir negro decidido a recusar a fuga da negritude desde a primeira infância. O embate em família é algo difícil para uma pessoa adulta, injusto para uma criança e fidedigno nas entrelinhas de Sobral.

Assim, a protagonista de “Pixaim” tem poucas chances de escolha, mas é resistente no sentido de que luta contra as decisões da mãe, cresce rapidamente e supera os estereótipos quando a idade lhe permite. A narrativa já inicia com a demonstração da consciência da menina no que se refere ao pertencimento à raça negra, perpassando a recepção das humilhações e os xingamentos para chegar à ascensão do poder feminino. Observando a condição de uma criança, mulher, negra, desfavorecida financeiramente e socialmente, é possível entender a ausência do direito à palavra, à escuta e à escolha. Durante toda a narrativa, ela conversa consigo mesma a fim de compreender a conjuntura na qual se insere. Desenvolve suas subjetividades e aguarda o momento propício para impor resistência contra seus algozes.

Em “O tapete voador”, o lugar de fala é marcado pelo paradoxo entre o silêncio da protagonista e a valorização da negritude que ela demonstra. Diante da figura masculina, representante do capitalismo, a opressão subjuga a mulher negra ainda que sua formação seja de nível superior e que sua opção de vida já esteja bem delineada. As análises realizadas permitiram verificar que a condição identitária e interseccional na qual Bárbara se enquadra é determinante para que ela seja, dentre as três protagonistas, aquela que mais apresenta poder de escolha. Desse modo, ela alcança o empoderamento e assume as consequências oriundas da demissão. Quando fala, ao final da narrativa, ela estabelece resistência e se mostra preparada para as dificuldades que virão.

O lugar de fala em “Metamorfose” é marcado pelas ações do outro. A protagonista acredita, incorpora e discursa em acordo com o que absorve de quem a cerca. Tem, na condição de mulher negra, um sacrifício a ser superado e, diante disso, reúne todos os esforços para consolidar o plano baseado na maquiagem dos traços negroides. O inusitado no interior das relações permite que ela passe por uma epifania que a leva ao autoconhecimento. Isto ocorre quando ela adquire a consciência de si através do banho de chuva e do encontro com Jorge. Desde então, Socorro permite-se optar pela afirmação identitária a partir da aceitação dos traços negros, iniciando sua ascensão rumo à resistência.

Nesses termos, as ações das protagonistas foram tomadas no sentido de estabelecer a compreensão dos processos de construções identitárias das protagonistas. Ademais, o mapeamento do campo constitui um ato político para inclusão das obras de literatura negra em caráter rizomático, isto é, em diálogo com o *corpus* analisado a fim de cooperar com a visibilidade de obras e autoras, além de construir conhecimento coletivamente. Neste contexto, o feminismo negro teve fundamental participação na construção do aporte teórico uma vez que, consideradas realidades tais como as divulgadas por Sueli Carneiro⁴², foi possível entender a conjuntura de opressões às quais sujeitas negras estão expostas dentro das variáveis sociais intrínsecas às suas condições sociais. No contexto das tensões ficcionais, cada mulher negra apresenta um ponto de partida, mas todas três encontram o empoderamento como mecanismo de resistência⁴³.

Relembrando Conceição Evaristo no poema “Todas as manhãs”, transcrito como epígrafe desta dissertação, a mulheres negras sobra a resistência como estratégia e como sabedoria para superar as muitas variáveis que se interrelacionam a fim de podar toda e qualquer possibilidade de ascensão social, profissional e estética. “Todas as manhãs acoito sonhos” (EVARISTO, 2011, p. 156). A esperança não apaga o legado de tristezas, mas é a possibilidade que mulheres negras encontram para *fertilizar a terra*; produzir; perserverar. Onde há *lágrimas*, há também *sementes* que poderão reamanhecer esperanças em nós. Finalmente, como enfatiza Sobral, “a gente só pode ser aquilo que é”.

⁴² Vide rodapés números 37 e 38.

⁴³ Um outro trabalho científico desta ordem poderia debruçar-se sobre os índices de leitura sugeridos por Cristiane Sobral quando da modificação dos textos inicialmente publicados em *Cadernos Negros* e reescritos para *O tapete voador*: é o caso de “Pixaim” e de “Metamorfose”. Acreditamos que as mudanças realizadas pela escritora têm íntima relação com o caráter processual das construções identitárias de mulheres negras e que esta temática poderia originar uma nova pesquisa. Uma outra possibilidade para o campo, seria um estudo do conto “Metamorfose”, de Geni Guimarães, em diálogo com “Metamorfose”, de Sobral. Neste caso, seria interessante um paralelo entre os títulos e demais semelhanças presentes nas narrativas sob o ponto de vista das construções identitárias e sob o ângulo de visão do feminismo negro a respeito das noções de interseccionalidade e de lugar de fala ali presentes. Outra alternativa seria o estudo das características identitárias de crianças negras porque o racismo está presente nessas construções e na contística negra brasileira, como por exemplo, em “Pixaim”, de Sobral, e em “Pérola”, de Serafina Machado. Estes são alguns exemplos de trabalhos que ainda poderiam ser desenvolvidos em consonância com a perspectiva adotada para este estudo.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Laís. Desigualdades de gênero e raça no mercado de trabalho brasileiro. *Ciência e Cultura*. São Paulo, OIT, v. 58, n. 4, out./dez. 2006. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v58n4/a20v58n4.pdf>. Acesso em: 31 dez. 2018.
- AKOTIRENE, Carla. *O que é interseccionalidade*. Feminismos Plurais. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2018.
- ALCOFF, Linda Martín. Uma epistemologia para a próxima revolução. *Sociedade e Estado*. Brasília, v. 31, n. 1, p. 129-143, jan./abril. 2016. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00129.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2018.
- ALMEIDA, Débora. *Se não for a minha história, eu não vou contar: por uma representação negra*. In: A escritora brasileira afro-brasileira – ativismo e arte literária. Dawn Duke (organizadora). Belo Horizonte: Editora Nandyala, 2016.
- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. *O que é racismo estrutural*. Feminismos Plurais. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2018.
- ALVES, Alcione Correa. *Mulheres deixam traços nas águas? Organon (UFRGS)*, Porto Alegre, v. 29, n. 57, p. 77-98, jul./dez. 2014.
- ALVES, Alcione Correa. Teseu, o labirinto e seu nome: prefácio e enunciação nas literaturas negras americanas. III ENCONTRO INTERNACIONAL DE LITERATURA, HISTÓRIAS E CULTURAS AFRO-BRASILEIRAS E AFRICANAS: NARRATIVAS E IDENTIDADES CULTURAIS – ÁFRICA BRASIL. Anais... Teresina: UESPI, 2013.
- ALVES, Miriam. *BrasilAfro Autorrevelado: Literatura Brasileira Contemporânea*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Tradução Vera Ribeiro; revisão de tradução Fernando Rosa Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- BAROSSO, Luana. (Po)éticas da escrevivência. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, Brasília, n. 51, p. 22-40. 2017. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/25559/18207> Acesso em: 11 de agosto de 2018.
- BENTO, Maria Aparecida. *Branqueamento e branquitude no Brasil*. In: Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil / Iray Carone, Maria Aparecida Silva Bento (Organizadoras) Petrópolis: Vozes, 2002. Disponível em: <http://www.media.ceert.org.br/portal-3/pdf/publicacoes/branqueamento-e-branquitude-no-brasil.pdf> Acesso em: 11 ago. 2018.
- BERTH, Joice. *O que é empoderamento*. Feminismos Plurais. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2018.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução: Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. 2ª edição. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

BISPO, Ella Ferreira. *Processos de crioulização no romance Um defeito de cor: as condições de possibilidade a uma identidade cultural latino-americana*. 136f. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018. Disponível em: http://repositorio.ufpi.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/1143/p%C3%B3s_letras_ella_bispo.pdf?sequence=1. Acesso em: 11 ago. 2018.

BOLAÑOS, Aimeé G. In: *Dicionário das mobilidades culturais – percursos americanos*. Org. Zilá Bernd. Porto Alegre: Literalis, 2010.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. Estudos de teoria e história literária. Rio de Janeiro: 13ª edição. 2010.

CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrílica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*. Manizales, v. 08, n. 01, p. 607-630, jan./jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/rlcs/v8n1/v8n1a28.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2018.

CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*. São Paulo, 2011a. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300008. Acesso em: 01 ago. 2018.

_____. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011b.

_____. *Mulheres em Movimento. Estudos Avançados*. São Paulo, v. 17, n. 49, set./ dez, 2003. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9948>. Acesso em: 15 jul. 2018.

CARVALHO, Jéssica Catharine Barbosa de Carvalho. *Literatura e atitudes políticas: olhares sobre o feminismo e antiescravidão na obra de Maria Firmina dos Reis*. 130f. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufpi.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/1142/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20J%C3%89SSICA%20CATHARINE%20PPGEL%20UFPI%20FINAL.pdf?sequence=4>

CARVALHO, Consoelo Costa Soares. *Literatura afro-brasileira: questionamentos e ruptura de ideais hegemônicos*. In: V CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA: NOVAS EPISTEMES E NARRATIVAS CONTEMPORÂNEAS. Anais... Jataí: UFG, 2016. Disponível em: http://www.congressohistoriajatai.org/2016/resources/anais/6/1477926019_ARQUIVO_CO NSOELOTextocompletoCongressodeHistoria.pdf. Acesso em: 11 ago. 2018.

CARVALHO, José Jorge. O confinamento racial do mundo acadêmico brasileiro. *Revista PADÊ*. Brasília, UNICEUB, v. 01, n. 01, 2007. Disponível em: <https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/pade/article/view/144/133>. Acesso em 31 dez. 2018.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, ago./dez., 2009. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>>. Acesso em: 26 jan. 2018.

_____. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (orgs.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Idéia: Editora Universitária - UFPB, 2005. p. 201-212.

_____. Todas as manhãs. In: *Antologia de poesia afro-brasileira: 150 anos de consciência negra no Brasil*. Org. Zilá Bernd. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011. p. 156.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Luiz Carlos. O fantástico e o maravilhoso da solidão latino-americana. *Itinerários*, Araraquara, n. 46, p. 55-65. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2655/2343>. Acesso em 17 fev. 2019.

FERREIRA, Amanda Crispim & MIGLIOZZI, Luiz Carlos Ferreira de Melo. Literatura afro-feminina brasileira do século XXI: corpo, voz, poesia e resistência. XV ABRALIC: EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS TEXTUALIDADES CONTEMPORÂNEAS. Anais... Rio de Janeiro: UERJ, 2016. Disponível em: http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491524538.pdf. Acesso em 31 dez. 2018.

FIGUEIREDO, Fernanda Rodrigues. *A mulher negra nos Cadernos Negros: autoria e representações*. 128f. 2009. Dissertação (Mestrado em Literatura). Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-7TTGA8/disserta_ao_mestrado_backup_revisado_2.pdf?sequence=1>. Acesso em: 25 jan. 2018.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. In: *Literatura e afrodescendência no Brasil*. Antologia crítica. Organizadores: Eduardo de Assis Duarte e Maria Nazareth Soares Fonseca. Vol. 4. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

FOUCAULT, Michael. *Microfísica do poder*. 7ª edição. Paz e Terra: Rio de Janeiro/ São Paulo, 2018.

GUIMARÃES, Geni Mariano. *Balé das emoções*. Evergraf: Barra Bonita, 1993.

GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. 15ª edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 2017.

GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. Arquivo Kindle.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 21, 21, p. 40-51, set. /dez., 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n21/n21a03>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

GONZALEZ, Lélia. *A juventude negra brasileira e a questão do desemprego*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1979. Disponível em: <http://www.blackpantherdna.com/2017/10/a-juventude-negra-brasileira-e-questao.html>. Acesso em: 11 fev. 2018.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Tradução de Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. 12ª edição. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2015.

HALL, Stuart. *Quién necesita identidad?* In: Cuestiones de identidad cultural. Stuart Hall e Paul du Gay (compiladores). Buenos Aires. Amorrortu editores, 2003. Disponível em: <<https://antroporecursos.files.wordpress.com/2009/03/hall-s-du-gay-p-1996-cuestiones-de-identidad-cultural.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2018.

HOOKS, bell. Alisando o nosso cabelo. *Revista Gazeta de Cuba*. Tradução do espanhol: Lia Maria dos Santos. Jan./Fev., 2005. Disponível em: <http://coletivomarias.blogspot.com/search?q=alisando+o+nosso+cabelo>. Acesso em 08 ago. 2018.

_____. Intelectuais negras. *Estudos feministas*. n. 2, p. 464-78, jul./dez., 1995. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/10/16465-50747-1-PB.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2018.

_____. *Vivendo de Amor*. 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/> Acesso em: 03 de nov. 2016.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes Leite. *O foco narrativo*. Série Princípios. 2014, 10ª edição. Disponível em: <https://teoriadaliteraturaifb.files.wordpress.com/2014/07/texto-02-o-foco-narrativo-ligia-chiapinni.pdf>. Acesso em: 15 de jan. 2018.

MACHADO, Serafina Ferreira. Literatura afro-feminina: uma escrita de cobrança. *Graphos*. Paraíba, v. 14, n. 2, 2012. Disponível em: periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/download/13717/8992. Acesso 18 jul. 2017.

_____. As máscaras de Dandara. In: *Cadernos negros 32*. Contos Afro-brasileiros. São Paulo: Quilombhoje, 2009, p. 107-115.

_____. Nuegreza. In: *Cadernos negros – três décadas: ensaios, poemas, contos*. São Paulo: Quilombhoje, 2008, p. 115.

_____. Pérola. In: *Cadernos negros 36*. Contos Afro-brasileiros. São Paulo: Quilombhoje, 2013, p. 87-93.

MACÊDO, Cassiana Soares de. *A literatura afro-brasileira em análise nos contos Negrinha e Pixaim*. 2015. 36f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras). Universidade

Federal da Paraíba, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, João Pessoa. 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/3044/1/CSM26022014.pdf>>. Acesso em: 11 ago. 2018.

MARTINS, Silvana. “Impressões de uma infância”. In: *Cadernos negros 36. Contos Afro-brasileiros*. São Paulo: Quilombhoje, 2013, p. 101-104.

MATHIAS, Adélia Regina da Silva. *Vozes femininas no “Quilombo da Literatura”: a interface de gênero e raça nos Cadernos Negros*. 125f. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade de Brasília. Brasília. 2014. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/17188/1/2014_AdeliaReginadaSilvaMathias.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2018.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Tradução: Marta Lança. Lisboa: Editora Antígona, 2014.

MIÑOSO, Yuderkis Espinosa; CORREAL, Diana Gómez; MUÑOZ, Karina Ochoa (Org.). *Tejiendo de otro modo. Feminismo, epistemología y apuestas descoloniales en Abya Yala*. Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2014.

NEGRÍNDIA, Aline Soares. O céu de Nena. In: *Cadernos negros 40. Contos Afro-brasileiros*. São Paulo: Quilombhoje, 2017, p. 63-72.

OLIVEIRA, Bárbara Maria de Jesus; OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. Cadernos Negros: poéticas da resistência e a temática dos cabelos crespos em “Pixaim” e “Afagos”. *Pontos de Interrogação*. Alagoinhas, v. 5, n. 2, jul./dez. 2015. Disponível em: <<https://revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/2168>>. Acesso em: 23 set. 2017.

OLIVEIRA, Cleide Silva de; LOPES, Sebastião Alves Teixeira. A forja do eu: o discurso racista em “Metamorfose”, de Geni Guimarães. *Travessias Interativas*, São Cristóvão, v. 16, n. 02. jul. /dez. 2018. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/Travessias/article/view/10308/7926>. Disponível em 15 jan. 2018.

PALMEIRA, Francineide Santos. *Vozes femininas nos Cadernos Negros: representações de insurgência*. 132f. 2018. Dissertação (Mestrado em Literatura). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade da Bahia, Salvador, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/8355/1/Palmeira%20Francineide%20Santos.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2018.

PEREIRA, Maria do Rosário Alves. Gênero e etnicidade na literatura de autoria feminina. *Em Tese*, v. 17, n. 2, jul./dez., 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/viewFile/3748/3711>. Acesso em: 21 jan. 2018.

RATTS, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Feminismos Plurais. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2017.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Esmeralda. In: *Cadernos negros 24. Contos Afro-brasileiros*. São Paulo: Quilombhoje, 2001, p. 35 - 40.

RISO, Ricardo. *A escrita insubmissa das mulheres negras*. Curso de Especialização UNIAFRO: Promoção da Igualdade Racial na Escola. Ouro Preto, 2015. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/a-escrita-insubmissa-das-mulheres-negras/>> Acesso em: 12 ago. 2018.

RODRIGUES, Sílvio Sérgio Oliveira. A poética mangue: fluxos, rizomas e platôs. *Sociopoética*. Campina Grande, Eduepb, v.1, n. 14, jan./jun., 2015. Disponível em: <<http://revista.uepb.edu.br/index.php/REVISOCIOPOETICA/article/download/3062/1698>> Acesso em: 31 dez. 2018.

SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia de bolso, 2011.

SILVA, Denise Almeida. “Para gostar de ser”: literatura negra, racismo e autoestima. *Revista Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 41, p. 88-94, jan./jun. 2016. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/7330>>. Acesso em: 23 set. 2017.

SILVA, Cristiane Mare da. *A produção do conhecimento e o papel das intelectuais negras no Brasil*. In: Raíces latinoamericanas de los derechos humanos. Francismo Bustamante, Sonia D’Alessandro, Malvina Guaraglia (organizadores). Uruguay, 2016.

SILVA, Maria do Desterro da Conceição. *Violência- resistência em “Duzu-Querença” e “Ana Davenga”, de Conceição Evaristo*. 95f. 2017. Dissertação (Mestrado em Literatura). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2017. Disponível em: <http://repositorio.ufpi.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/1388/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20com%20ficha%20biblio-depositar.pdf?sequence=1> Acesso em: 11 ago. 2018.

SILVA, Franciane Conceição. Feições do racismo no conto “Pixaim”, de Cristiane Sobral. *Aletria*, Belo Horizonte, v. 28, n. 4, out./dez. 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/13913>. Acesso em: 15 jan. 2018.

SILVA, Tomaz Tadeu; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Organização e Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 2003.

SOBRAL, Cristiane. “Pixaim”. In: *Cadernos negros 24. Contos Afro-brasileiros*. São Paulo: Quilombhoje, 2001, p. 13-17.

_____. “Cauterização”. In: *Cadernos negros 32. Contos Afro-brasileiros*. São Paulo: Quilombhoje, 2009, p. 21-26.

_____. “Maria Theresa”. In: *Cadernos negros 40*. Contos Afro-brasileiros. São Paulo: Quilombhoje, 2017, p. 135-138.

_____. *Espelhos, miradouros, dialéticas da percepção*. Brasília: Dulcina Editora, 2011.

_____. *A escrita e o espaço da cena: caminhos de reconstituição da identidade negra*. In: A escritora brasileira afro-brasileira – ativismo e arte literária. Dawn Duke (organizadora). Belo Horizonte. Editora Nandyala. 2016a.

_____. *O tapete voador*. Rio de Janeiro: Malê, 2016b.

_____. *Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz*. Brasília, 2016c.

_____. “Das águas”. In: *Olhos de Azeviche*. Contos e crônicas. Rio de Janeiro: Malê, 2017, p. 49-52.

_____. Pertencimento negro e reflexões acerca do feminino na literatura de Cristiane Sobral. [Julho, 2016]. Florianópolis: *Urdimento*, 2016d. Entrevista concedida à Denise Lima. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/35511788-Pertencimento-negro-e-reflexoes-acerca-do-feminino-na-literatura-de-cristiane-sobral.html>> Acesso em: 12 ago. 2018

_____. *Não use estereótipos para representar os negros*. In: Revista Cosmopolitan. São Paulo: Editora Abril, 2018.

_____. *O tapete voador*. Rio de Janeiro: Malê, 2016. Resenha de FERNANDES, Hildália. Disponível em: <<https://cristianesobral.blogspot.com.br/2017/03/resenha-de-hildalia-fernandes-sobre-o.html>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

SOUSA, Florentina da Silva. Mulheres negras escritoras. *Crioula*, nº 20, p. 19-39, jul./dez., 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/141317/136840>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

SOUSA, Jessé. *Subcidadania brasileira: para entender o país além do jeitinho brasileiro*. Rio de Janeiro: LeYa, 2018. Disponível em: <<https://psicologoempreendedor.online/wp-content/uploads/2018/11/Subcidadania-Brasileira-Jesse-Souza.pdf>>. Acesso em: 31dez. 2018.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1983.

SOUZA, Elizandra. “Antes que águas da cabaça sequem...”. In: *Cadernos negros 34*. Contos Afro-brasileiros. São Paulo: Quilombhoje, 2011, p. 69-73.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.